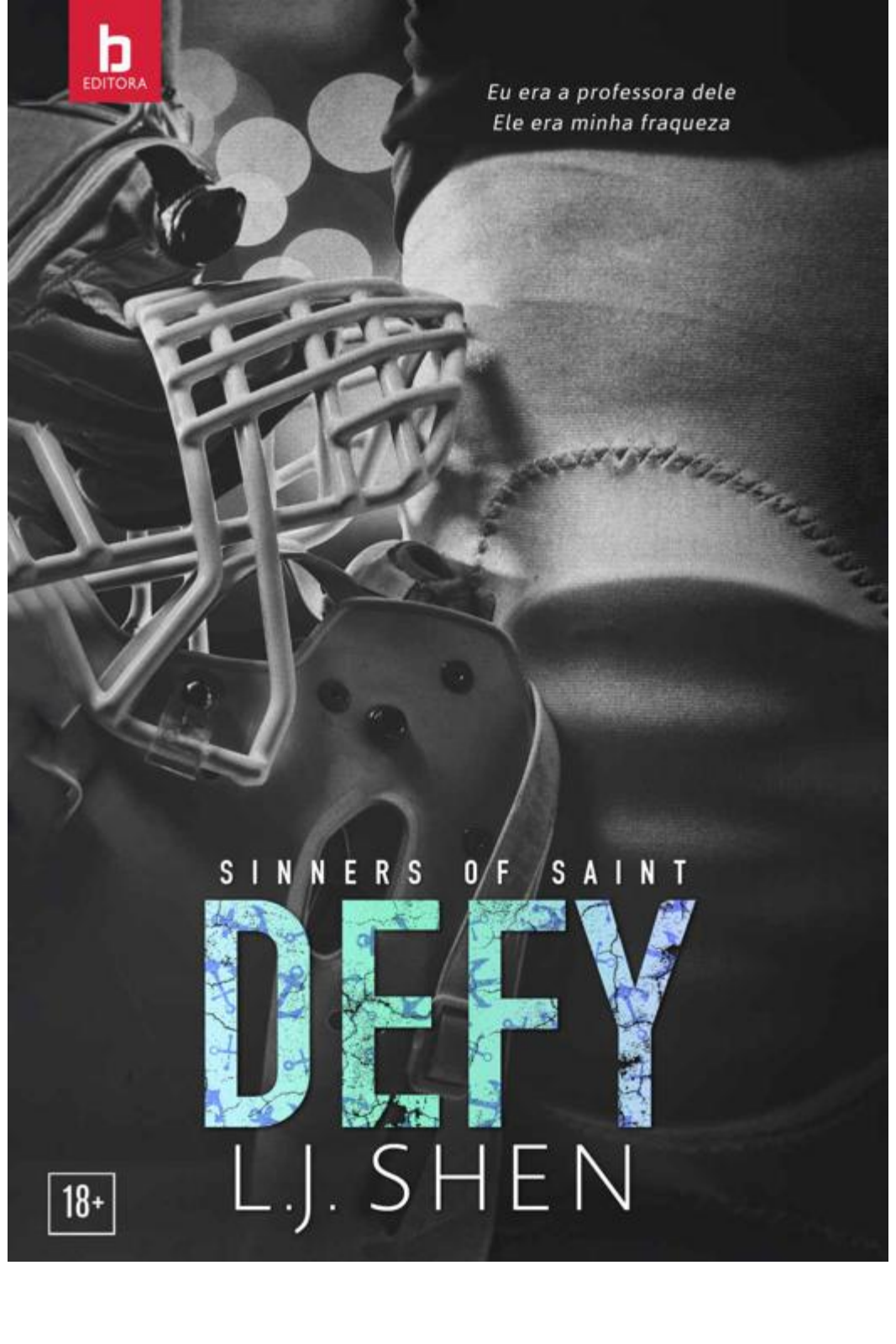




b
EDITORA

*Eu era a professora dele
Ele era minha fraqueza*

SINNERS OF SAINT

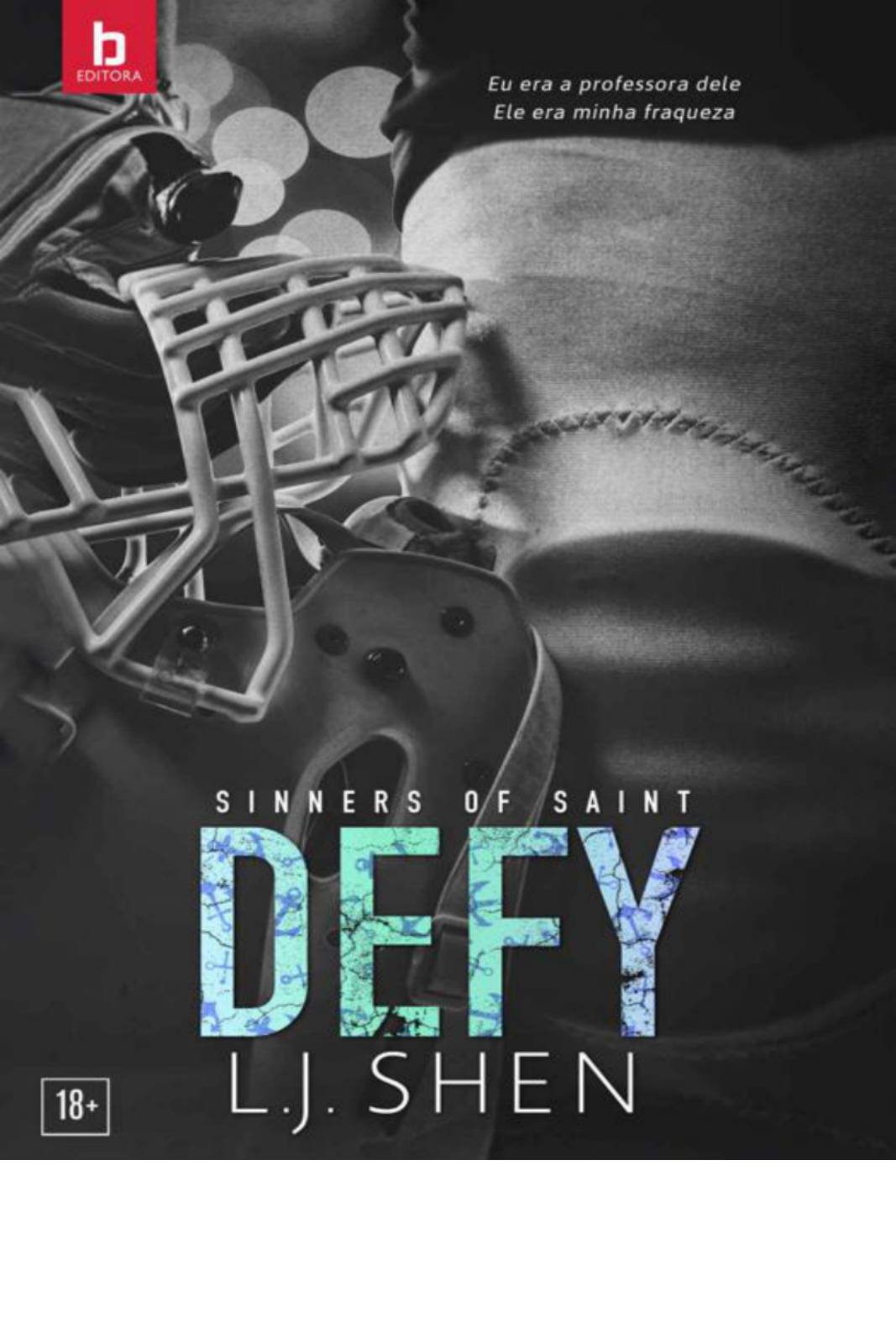
DEFY

L.J. SHEN

18+

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



b
EDITORA

*Eu era a professora dele
Ele era minha fraqueza*

SINNERS OF SAINT

DEFY

L.J. SHEN

18+

DEFY



Copyright © 2016 L J. Shen

Copyright © 2022 Editora Bezz

Título original: *Defy*

Tradução: Darcy Dias

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Capa Original: Letitia Hasser, RBA Designs

Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Shen, L. J.

Defy (Sinners of Saint, prequel)/L. J. Shen; Tradução: Darcy Dias. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2022.

ISBN: 978-65-89906-51-3

Sobre *trademark*™ : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

Índice

AVISO DA EDITORA
PLAYLIST
SÍMBOLO DA ÂNCORA
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
NOTA AUTORA
SOBRE A AUTORA

AVISO DA EDITORA

Está é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora e da editora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física, verbal e linguajar indevido, relacionamento considerado tabu e uso de substâncias ilícitas. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Indicado para maiores de 18 anos.

“Eu preferiria ser feliz a ter dignidade.”

Charlotte Brontë, Jane Eyre

Para Jaime Steinman-Jones and Kerissa Blake

PLAYLIST

“ Secretly” — Skunk Anansie

“ R U Mine?” — Arctic Monkeys

“ Under Your Spell” — Desire

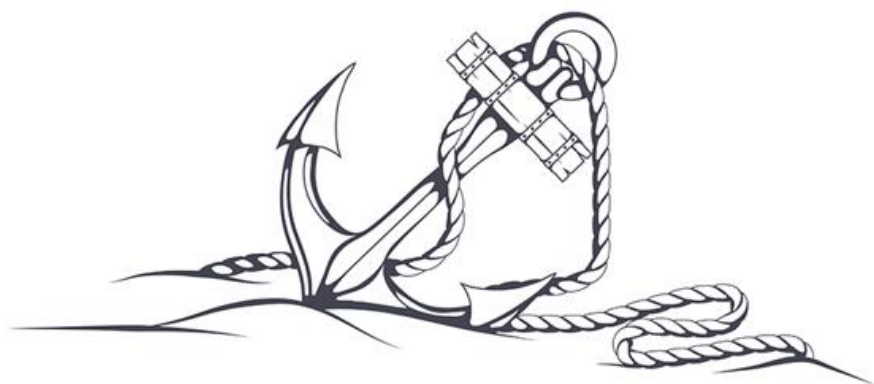
“ Colors” — Halsey

“ Crazy In Love” — Nightcore

“ Whistle for the Choir” — The Fratellis

“ Halo” — Texas

“ Atomic” — Blondie



Originalmente, o símbolo da âncora não era usado por quem estava na água, mas por pessoas em terra. Durante os primeiros anos do cristianismo, os cristãos estavam sob forte perseguição pelos romanos. Para mostrar sua religião a outros cristãos praticantes sob o olhar atento do povo governante, eles usavam joias de âncora ou mesmo tatuagens de âncoras. A âncora era vista como um símbolo de força, pois as âncoras prendem os navios mesmo em face à tempestade. Também era um símbolo popular devido à sua grande semelhança com a cruz. Âncoras também foram usadas para marcar casas seguras para aqueles que buscavam refúgio da perseguição.



CAPÍTULO UM

SAÍ DO ESCRITÓRIO da diretoria em direção às nuvens do meio do inverno em SoCal. Raiva, humilhação e auto-aversão revestiam cada centímetro da minha alma, criando uma película de desespero que eu estava louca para arrancar fora.

Fundo. Do. Poço.

Eu tinha acabado de descobrir que a All Saints High não iria renovar meu contrato como professora no próximo ano, a menos que me reciclasse e fizesse alguma mágica que transformasse meus alunos em seres humanos atenciosos. A Diretora Followhill disse que eu não demonstrava autoridade e que as aulas de Literatura que eu dava estavam ultrapassadas. Para colocar lenha na fogueira, na semana passada, recebi um aviso de que seria despejada do meu apartamento no final do mês que vem. O proprietário decidiu reformar e voltar a morar.

Além disso, o parceiro de troca de mensagens eróticas – *sexting* – que consegui em um *site* de namoro questionável acabara de me mandar uma mensagem dizendo que ele não seria capaz de comparecer ao nosso primeiro encontro pessoalmente porque sua mãe

não lhe emprestaria o carro esta noite.

Ele tinha vinte e seis anos.

Eu também.

Ser exigente era um luxo que uma mulher que não via um pau na vida real há quatro anos realmente não tinha.

E, para falar a verdade, além de algumas aventuras curtas, nunca tive um relacionamento. De forma nenhuma. Com qualquer um. O balé sempre veio em primeiro lugar. Antes dos homens e antes de *mim*. Por um tempo, eu realmente pensei que era o suficiente. Até que não foi.

Quando tudo deu errado?

Eu poderia te dizer quando – logo depois que comecei a faculdade. Oito anos atrás, fui aceita na Julliard e estava prestes a realizar meu sonho de me tornar uma bailarina profissional. Foi para isso que trabalhei toda a minha vida. Meus pais haviam feito empréstimos para pagar minha passagem por competições de dança. Namorados eram considerados uma distração indesejável, e meu único foco era ingressar em uma prestigiosa companhia de balé de Nova York ou europeia e me tornar uma primeira bailarina.

Dançar era meu oxigênio.

Quando me despedi de minha família e acenei para eles do posto de segurança do aeroporto, eles me disseram: ‘quebre uma perna’ – o jeito americano de desejar boa sorte. Três semanas em meu primeiro semestre em Julliard, eu literalmente quebrei. Quebrei em um acidente bizarro de escada rolante a caminho do metrô.

Isso não apenas acabou com meus sonhos de carreira e plano para toda a vida, mas também me fez fazer as malas e voltar para SoCal. Depois de um ano de mau humor, sentindo pena de mim mesma e desenvolvendo um relacionamento estável com meu primeiro

(e último) namorado – um cara chamado *Jack Daniels* –, meus pais me convenceram a seguir a carreira de professora. Minha mãe era professora. Meu pai era professor. Meu irmão mais velho era professor. Eles adoravam ensinar.

Eu odiava ensinar.

Este era meu terceiro ano como professora e meu primeiro – e a julgar pelo meu desempenho, o único – ano no All Saints High, em Todos Santos, Califórnia. A Diretora Followhill era uma das mulheres mais influentes da cidade. Seu jeito malévulo de ser educada era formidável. E ela me desprezava totalmente desde o início. Meus dias sob seu reinado estavam contados.

Quando me aproximei do meu *Ford Focus* de 12 anos estacionado do outro lado da vaga de seu *Lexus* e do monstruoso *Range Rover* de seu filho (Sim, ela comprou para seu filho, um aluno do último ano, um maldito SUV de luxo. Por que um jovem de 18 anos precisava de um carro tão grande? Talvez para acomodar seu ego gigante?), decidi que minha situação não poderia ficar pior.

Mas eu estava errada.

Entrei no meu carro e comecei a dar ré no estacionamento quase vazio, afastando-me dos dois símbolos caros de um pau pequeno. Exatamente no mesmo momento, o Sr. Morando-com-a-Mamãe me mandou uma mensagem novamente. O balão verde brilhou com **CONSEGUI O CARRO. PRONTA PARA TRANSAR?**, com, aproximadamente, três mil pontos de interrogação.

Eu me distraí.

Estava puta.

Bati direto no SUV do filho da Diretora Followhill.

Apertando o volante e ofegando de horror, pus minha mão sobre o coração para ter certeza de que não disparou para fora da

minha caixa torácica. Merda. Merda. *Merda!* O baque que encheu meus ouvidos e sacudiu meu carro não deixava margem para dúvidas.

Fiz com o SUV dele o que Keanu Reeves fez com o filme *Drácula*. Estraguei tudo.

Minha adrenalina de lutar ou fugir disparou e eu rapidamente ponderei se deveria acelerar, assumir um pseudônimo e fugir do país para me esconder em uma caverna em algum lugar nas montanhas afegãs.

Como vou pagar pelo dano? Eu tinha uma grande franquia e havia aquele aviso em casa sobre o atraso do meu último pagamento de seguro *premium*. Eu ainda estava coberta? A Diretora Followhill iria me matar.

Reunindo minha coragem, tirei minha bunda do assento. Tecnicamente falando, o precioso SUV preto de Jaime não deveria estar estacionado na área para os professores. Então, novamente, Jaime Followhill se safava com um monte de merdas que não deveria, graças à sua aparência, status social e pais poderosos.

Dei a volta para encontrar a traseira do meu carro barato beijando o painel traseiro de seu *Range Rover*, deixando uma marca do tamanho da África.

Basta dizer que *agora* as coisas não poderiam ficar piores.

Mas eu estava errada. Novamente.

Abaixando-me, olhei para a destruição, não dando a mínima para o fato de que meu vestido marrom na altura dos joelhos dançava no ar, expondo minha nova calcinha de renda. Não havia mais ninguém no estacionamento para ver, e não era como se eu fosse exibi-la na frente do Sr. Morando-com-a-Mamãe esta noite.

— Oh, não, não, não... — cantarolei sem fôlego.

Ouvi um rosnado gutural. — Da próxima vez que você se

curvar assim, Srta. G, certifique-se de que não estou atrás de você, ou vai acabar na *National Geographic: Quando os Predadores Atacam*.

Lentamente me endireitei, empurrando meus óculos de leitura da ponta do meu nariz e fazendo uma carranca para Jaime Followhill enquanto o observava.

Jaime parecia o filho de Ryan Gosling e Channing Tatum, e eu não estava inventando essa merda. (Nota: esta seria uma ótima ideia para um romance gay. Eu leria com certeza, de qualquer maneira.) Cabelo louro-claro preso em um coque baixo e bagunçado, olhos índigo e corpo de um *stripper*. Sério, o garoto era tão musculoso, seus bíceps eram do tamanho de bolas de boliche. Ele era um clichê ambulante do rei do baile de um filme dos anos 90. O típico cara desportista bem-sucedido que tinha a atenção de todas as garotas do All Saints High...

E seus olhos estavam agora em *mim* enquanto ele caminhava mais perto de seu carro muito destruído.

Ele usava uma camisa *Henley* cinza justa que fazia seus bíceps e peitorais se destacarem, jeans apertado e escuro e sapatos de cano alto que pareciam tão caros e feios que você sabia que P Diddy tinha que estar por trás daquele design. Tinha alguns hematomas nos braços e um olho roxo desbotado. Eu sabia onde ele os tinha conseguido. O boato era que ele e seus amigos estúpidos lutavam nos fins de semana em um clube da luta que eles chamavam de *Defy* (Desafio).

Parece que o menino bonito não era rico o bastante para ser tratado com desconsideração. Perguntava-me se sua mãe sabia sobre Desafio.

Espere, ele me fez uma pergunta sobre a baderna? Ou sobre minhas pernas?

— Puta merda. — Ele parou a alguns centímetros de nossos

carros, dando um sorriso malicioso. Parecia que os dois carros haviam se fundido. Como se seu SUV estivesse dando à luz meu carro feio pela traseira, e agora, o outro SUV (o *Lexus* da Diretora Followhill) estava exigindo um teste de paternidade.

Eu dava aulas a Jaime, e ele era um dos poucos jovens com quem eu poderia contar que não gritava/jogava merda nas pessoas na aula de Literatura Inglesa. Ele não era exatamente um bom aluno, mas estava muito ocupado com seu telefone celular para criar problemas na minha aula.

— Sinto muito — Soltei um suspiro de dor, meus ombros cedendo em derrota.

Ele levantou a bainha de sua camisa e esfregou seu tanquinho perfeito, espreguiçando-se preguiçosamente e bocejando ao mesmo tempo. — Parece que fodi com seu carro, Srta. Greene.

Espere... o quê?

— Você... — Limpei a garganta, olhando em volta para ter certeza de que não era uma brincadeira. — Você fod... quero dizer, você danificou meu carro?

— Sim. Acabei com seu rabo. Trocadilho intencional, óbvio. — Ele se ajoelhou, franzindo a testa para o local onde nossos dois veículos se encontravam. Ele passou a palma da mão bronzada sobre a pintura brilhante de seu SUV.

Jaime fez parecer que foi ele quem bateu no carro no meu. Eu não tinha ideia do porquê. Ele nem estava no carro. Ele tinha acabado de se aproximar. Talvez ele quisesse me chantagear?

Eu me considerava uma professora respeitável, com moral acirrada. Mas também me considerava alguém que preferia não tomar banho no mar e dormir no carro. Isso era exatamente o que eu teria que fazer para sobreviver ao golpe financeiro se eu admitisse ser a

culpada por bater em seu carro caro.

— James... — Suspirei, agarrando o colar de âncora de ouro pendurado no meu pescoço.

Ele balançou a cabeça e ergueu a mão no ar. — Então, estraguei seu carro. Merdas acontecem. Deixe-me compensá-la.

Que. Diabos?

Eu não sabia que jogo ele estava jogando. Só sabia que ele provavelmente era melhor nisso do que eu. Então, no verdadeiro estilo Melody Greene, me virei e caminhei direto de volta para o meu carro, essencialmente fugindo da situação como a pequena covarde que eu era.

— Uau, não tão rápido. — Ele riu enquanto me agarrava pelo cotovelo e me girava.

Meus olhos dispararam para sua palma na minha carne. Ele baixou a mão, mas era tarde demais. Borboletas deram cambalhotas em meu estômago e minha pele formigou de necessidade. Eu estava excitada e perturbada por um dos meus alunos.

Só que Jaime Followhill não era um aluno qualquer. Ele também era um deus do sexo.

Havia fofoca nos corredores da All Saints High para provar isso, histórias suficientes para competir com a duração da porra das Obras Completas de Shakespeare. E essas não eram as únicas coisas longas e impressionantes sobre o cara, se os rumores fossem verdade.

Followhill me deixava quase tão desconfortável quanto sua mãe. A única diferença era que sua mãe inspirava medo em mim, enquanto ele cutucava meu ponto mais sensível. Ele me fazia sentir embaraçada.

Isso pode ser porque meus olhos sempre vagavam em sua direção enquanto eu dava aulas de Literatura. Como uma mariposa na

luz, sempre o notava, mesmo quando não queria. Estava preocupada que ele soubesse disso também. Que eu o olhava de uma forma que não deveria quando ele estava brincando, mexendo com seu telefone.

Não como uma professora.

Mas como uma mulher.

— Eu disse que amassei seu carro. — Seus olhos azuis brilharam com intensidade.

Por que ele estava fazendo isso? E por que diabos eu me importava? Esse garoto recebia mais em mesada do que todas as minhas economias juntas. Se ele queria arcar com isso, eu deveria simplesmente aceitar.

Ele estava atrás de uma nota melhor? Duvido. Jaime era um aluno do último ano a caminho da saída. Ouvi dizer que sua bunda rica tinha conseguido uma vaga em uma excelente universidade do Texas (leia-se: Querida Mamãe), onde ele jogaria futebol e provavelmente treparia para chegar a algum tipo de recorde mundial do *Guinness*.

— Amassou — eu disse, engolindo. — E agora, estou atrasada. Por favor, saia do meu caminho.

Nós mentalmente apertamos as mãos naquela mentira, nossos olhos fixos um no outro. Tive a sensação de que estava cavando um buraco. Um buraco no qual estava prestes a despejar uma tonelada de merda que me colocaria em apuros. Estava fechando um acordo com a cria do diabo. Mesmo que tivesse uns bons oito anos a mais do que ele, sabia quem ele era.

Um dos Quatro HotHoles¹.

Um príncipe autocentrado e privilegiado que governava esta cidade.

Jaime deu mais um passo em minha direção, seu corpo

nivelado com o meu. Sua respiração alcançou meu rosto. Chiclete de menta, loção pós-barba e suor masculino almiscarado que me deixou estranhamente inebriante. Eu estava tão despreparada para isso que meu rosto se contraiu.

Dei um passo para trás.

Ele deu um passo à frente.

Abaixando a cabeça, ele moveu seus lábios perto dos meus. Para meu horror, meus joelhos dobraram e eu sabia exatamente por quê.

— Te devo algo — ele murmurou sombriamente. — E vou ter certeza de que você vai conseguir lucrar com essa dívida. Em breve. Muito em breve.

— Não preciso do seu dinheiro — gaguejei, meu útero formigando com um calor difuso.

Seus olhos hipnotizantes se arregalaram, e ele me lançou um sorriso com covinhas. — Não é dinheiro que vou te dar.

Como alguém tão jovem pode ser tão arrogante e seguro de si? Senti seu polegar acariciando minha barriga, mal tocando, provocando, me fazendo estremecer através do tecido fino do meu vestido. Foi como se ele tivesse enfiado o punho inteiro em mim e atracado minha boca com a dele.

Lambi meus lábios e pisquei, surpresa.

Puta merda.

Que. Grandessíssima. Merda.

Jaime Followhill estava dando em cima de mim. Claramente. No estacionamento. À vista de todos.

Eu não era um troll. Afinal, ainda tinha o corpo de uma bailarina, olhos verdes, um belo bronzeado californiano e cachos castanhos macios. Mas eu não era exatamente do tipo de fazer os caras

virarem a cabeça para uma segunda olhada.

Tropeçando para trás, engoli um gemido, sentindo meu pulso em todos os lugares, inclusive nas pálpebras. — Isso é o suficiente, James. Dirija com segurança e, por favor, certifique-se de fazer sua lição de casa para amanhã — tive a audácia de dizer.

Enfie-me de volta em meu *Ford* e, em seguida, acidentalmente bati meu carro no *Range Rover* mais uma vez antes de fugir da cena, aumentando o amassado feio em um arranhão longo e largo. Pelo espelho retrovisor, observei quando ele ergueu as sobrancelhas para mim em desafio.

Dirigi tão rápido que jurei que meus cachos se transformaram em uma explosão dramática no momento em que estacionei embaixo do meu prédio.

Em casa, relaxei no sofá em frente ao telefone e esperei a Diretora Followhill ligar e dizer que estava me dando um chute no traseiro e me processando por cada centavo que eu tinha. Ou no meu caso, *não tinha*.

Longas horas se passaram, mas a ligação nunca veio. Arrastei-me para a cama e fechei os olhos às dez da noite. Mas não conseguia dormir nem para salvar minha vida. Tudo o que pensava era naquele idiota lindo, Jaime Followhill.

Como ele cheirava como o cara mais sexy com quem já estive.

Como ele parecia a coisa mais deliciosa do mundo quando esfregou seu tanquinho bronzeado.

Como ele me ajudou a sair de uma situação de merda sem pestanejar, sabendo que sua mãe provavelmente iria me esmagar por isso, e agora... *ele queria algo em troca*.

No papel, ele ainda era uma criança, mas todas as outras partes dele pareciam um homem esta tarde.

Isso desafiava tanto a lógica, era enervante, quase irritante quando eu pensava sobre isso.

Esta manhã, acordei com a impressão de que odiava os Followhills.

Mas depois desta tarde, não havia como negar – havia pelo menos um Followhill com quem eu queria *muito* ser amiga.



CAPÍTULO DOIS

EIS TUDO O QUE você precisava saber sobre Todos Santos: era a cidade mais rica da Califórnia e, como resultado direto, o lar dos adolescentes mais qualificados do mundo. Meus alunos sabiam que eu não poderia reprová-los. Seus pais tinham poder suficiente para tirar minha cidadania e me banir para um planeta sem oxigênio. Essas crianças faziam o que queriam durante as aulas, o que não era surpresa para ninguém.

No dia seguinte ao acidente com o carro foi diferente.

Dei seis aulas. As primeiras cinco foram melhor do que o esperado, o que significa que não tive que distribuir um comprovante de detenção ou chamar uma equipe da SWAT ou a emergência pelo 911, para obter assistência. Mas foi a sexta e última aula que mudou minha vida para sempre.

Entrei na aula de Jaime – após outra sessão de broncas de sua mãe malévola – em um silêncio ecoante ao qual não estava acostumada. Todos estavam sentados, ninguém jogou nada, e Vicious, o melhor amigo de Jaime, não havia cortado o rosto de ninguém e adornado sua testa com um símbolo satânico apenas para matar o

tempo.

Normalmente, essa era a parte em que eu tinha que conter a ira e o comportamento deplorável dos Quatro HotHoles. (ou Hot AssHoles – idiotas –, como eram apelidados por todo mundo em Todos Santos.) Faltavam três meses para a formatura e eram todos do último ano, uma possível desculpa para o comportamento deles. Exceto que eles eram assim desde o primeiro dia.

Lá estava Jaime, que passou minha aula mandando mensagens de texto para o mundo inteiro e chamando a atenção de todas as garotas que não gostavam de Trent Rexroth, o desprivilegiado astro do futebol de pele cor de mocha, que tinha garotas aleatórias atrás dele. Certa vez, uma garota chupou o pau dele debaixo da mesa na aula de Cálculo. Não estou brincando. Havia Dean Cole, o drogado cabeçudo que gostava de brincadeiras e me irritava em igual medida e, finalmente, Baron ‘Vicious’ Spencer, o Maior Idiota do Mundo.

Vicious era de longe o pior. Ele fazia jus ao seu nome. Tão malditamente frio e mal-humorado o tempo todo que as pessoas o apelidaram em homenagem a Sid Vicious, dos Sex Pistols. Ele tinha cabelos negros como carvão, olhos inexpressivos, pele clara e o tipo de raiva rebelde que poderia eletrizá-lo a ponto de arrepiar. O tique permanente de sua mandíbula quadrada cerrada fazia as meninas molharem as calcinhas de medo e desejo. Ele era um atleta, como todos os HotHoles, mas era mais magro que o resto, não tão musculoso. Mas mais assustador. Definitivamente, mais assustador.

Naquele dia, Millie LeBlanc, uma doce menina que era o alvo mais frequente da ira de Vicious, chegou três minutos atrasada. Inclinei minha cabeça, sinalizando para ela se sentar. Eu me sentia mal por ela. Seus pais a arrastaram da Virgínia em seu último ano para conseguir um emprego como caseiros em uma das muitas

mansões da cidade – a casa de Vicious Spencer, para ser exata.

Como sempre, ela caminhou direto na direção do psicopata e sentou-se no assento vazio ao lado dele como se ela não soubesse ou se importasse quem era Vicious. Minha alma gritou um extenso ‘Nããããão!’ quando vi como ele olhava para ela. *Ele vai moer você e dá-la para sua cobra de estimação comer*, queria avisá-la.

Mas Emilia apenas ergueu a cabeça, deu um sorriso educado e disse um ‘ei, pessoal’ sulista na direção dele e dos outros HotHoles. Vicious piscou lentamente, intrigado com a ideia de que ela ousou falar com ele sem permissão, e sua expressão se turvou em uma carranca tensa.

— Puta que pariu, você acabou de dizer de ‘ei, pessoal’ para mim? — ele soltou um grunhido feroz. — Por favor, me diga que é uma palavra de segurança que você está usando agora, porque um novo namorado enfiou a bandeira da Confederação no seu cu, incluindo o mastro. Caso contrário, nunca mais me diga a porra do ‘ei pessoal’ de novo.

Uau. Foram mais palavras do que ele havia falado durante todo o ano.

Millie suspirou e disse: — Estou apenas tentando ser educada. Você deveria tentar algum dia.

— Eu não sou educado — ele respondeu, um sorriso raro puxando seus lábios. Normalmente, ele parecia desprezá-la, mas ele a estava estudando tão atentamente que parecia que era ele quem gostaria de enfiar várias coisas em seu pequeno traseiro bonito.

— Deixe-o em paz, boneca. — Trent, o cara ao lado dela (que respirou fundo por deixar a garota ao lado dele chupar seu dedo) olhou de Dean para Vicious. — Vicious deixa de ser um...

— Um babaca fodido — Jaime terminou atrás deles, arrastando

a cadeira para trás e elevando-se sobre suas cabeças, seus músculos esculpidos flexionados ao máximo.

Caramba. Era a primeira vez que meu dia de trabalho estava sendo feliz sem intercorrências. Os HotHoles tinham que estragar tudo.

Antes que pudesse alertar a todos com uma ameaça impotente que nunca realizaria, Jaime pulou na direção de Vicious e o prendeu na parede mais próxima, seus dedos enlaçados firmemente ao redor do pescoço de Vic em um aperto mortal.

— Onde está a sua lealdade, cara? Deixa para lá, ok? — Jaime apertou o pescoço de Vicious.

— James! — Levantei minha voz, voando para cima da minha cadeira e batendo minha palma sobre a mesa. — De volta ao seu lugar, agora!

Vicious parecia completamente divertido, rolando a cabeça na parede e rindo como um maníaco. Jaime e Vicious eram melhores amigos, mas também eram dois alfas com uma carga de testosterona e hormônios correndo em suas veias.

Eles também foram os inventores do Desafio. Os professores e funcionários do Ensino Médio não sabiam muito sobre Desafio, porque era feito nas festas na casa de Vicious nos fins de semana, mas tínhamos a ideia geral. O jogo era simples: nossos alunos se desafiavam para lutas sangrentas e batiam uns nos outros. Por diversão.

O Desafio era supostamente voluntário, mas não duvido que as pessoas tivessem medo o suficiente de Vicious para satisfazer seus caprichos, por mais ridículos ou perigosos que fossem.

— Vem me obrigar — Jaime me desafiou em um sussurro, seus olhos se estreitando em fendas e se concentrando no meu rosto, seus

dedos ainda cavados no pescoço de um divertido Vic azulado.

Jesus Cristo. Nunca toquei em Followhill quando se tratava de detenções e atrasos. Sua mãe era a porra da diretora, e ela já me odiava. Mas ele me encurralou. Tinha que reagir.

Agarrei meu cordão com mais força.

Por que ele estava fazendo isso? Ontem, ele me fodeu com os olhos até a inconsciência o tempo todo. E agora... ele... ele...

Ah, merda. Agora ele está tirando vantagem da dívida.

Ele não quer que eu recue. Quer que aceite seu desafio. Eu ia morder a isca? Não era como se tivesse muita escolha. Devia muito a ele pelo *Range Rover*. O que quer que ele quisesse de mim, já era dele.

— Você acabou de ganhar uma detenção pela próxima semana, começando esta tarde. — Abri a gaveta da minha mesa de madeira e comecei a preencher o formulário de detenção.

Todos ficaram em silêncio. Nunca tinha feito isso antes. Não para um veterano e, definitivamente, não para James Charles Followhill III.

Com o canto do olho, observei Jaime finalmente soltar o pescoço de Vicious. Vicious fez um som com a língua e pegou suas coisas, apontando para Jaime, rindo enquanto ele voltava para seu assento. Outros alunos deram um tapa em suas costas e olharam entre eles, fazendo anotações. Provavelmente aposta em uma luta de Desafio iminente que aconteceria neste fim de semana.

Bati com o papel de detenção na mesa de Jaime, e ele ergueu os olhos, sorrindo para mim de forma tão sinistra que minha calcinha derreteu em um líquido pegajoso e doce. Nós dois sabíamos o que eu estava fazendo.

Dando-lhe um tempo cara a cara comigo, exatamente o que ele queria.

Aceitar um acordo que me colocava em uma posição frágil e potencialmente desastrosa.

Eu estava agradecendo a ele por ameaçar minha aula, dizendo-lhes para se comportarem, para que ele fosse a única pessoa detida na próxima semana.

E neste ponto, não havia como negar – eu estava me permitindo cair de cabeça no final da minha carreira, dando cambalhotas no meu caminho para a derrocada.

Jaime Followhill comemorou seu décimo oitavo aniversário três dias antes do incidente no estacionamento, o que tornou a cadeia de eventos recentes ainda mais suspeita. Ele esperou para dar em cima de mim? Por quê? Ele poderia ter qualquer garota na escola (Depois que passasse por Trent Rexroth, é claro.)

Gastei minha pausa do almoço percorrendo sua página do *Facebook* como se não houvesse amanhã. Sua *timeline* era um lembrete de que ele era oito anos mais novo. Ele tinha fotos do acampamento de verão, pelo amor de Deus. Ele sempre estava exibindo um sorriso vago, antebraços musculosos e bronzeados, um par deslumbrante de azuis brilhantes e uma tonelada de amigos.

Jaime tinha tudo e eu, nada. Ele tinha um passado mimado, um presente confortável e um futuro deslumbrante. Eu, por outro lado, já estava contaminada com o fracasso na carreira e rumo a uma vida de luta para permanecer empregada e sem dívidas. Não fazíamos sentido. Mesmo para uma aventura.

Mas eu era muito egoísta e vulnerável para dizer não. Além disso, tê-lo seria como sabotar a mãe dele sem realmente deixá-la

saber sobre isso.

Vitória, certo?

Naquela tarde, entrei na sala de aula da detenção, observando que a porta de madeira da sala tinha uma janela.

Não fiquei surpresa ao ver que o HotHole loiro já estava lá, sentado na primeira fila, balançando as chaves do carro – e nosso segredo – entre seus dedos fortes com um sorriso malicioso, me assombrando com seus olhos azul-petróleo. Engolindo em seco, sentei-me à mesa do professor e peguei meu laptop e alguns testes que precisava corrigir.

— Coloque o telefone na mochila, Jaime. — Molhei meus lábios, meus olhos focados na minha papelada.

Ele fez o que pedi, mas senti seu olhar persistente me comendo por toda parte. Meus níveis de autoconsciência estavam tão altos que quase vomitei. Agi como se estivesse prestes a cometer um crime. De certa forma, estava.

Depois de alguns minutos fingindo digitar absolutamente nada no meu laptop e ele me encarando com um sorriso arrogante, como se estivesse prestes a me devorar a qualquer segundo, grunhi: — Por que você não faz sua lição de casa? Tenho certeza de que você pode fazer algo construtivo com o seu tempo enquanto estiver aqui. — Ele tinha duas horas para gastar, e meu rosto não poderia ser *tão* fascinante assim.

Mas juro que o ouvi murmurar: — Avaliar minha presa é construtivo.

Minha cabeça saltou da tela e lancei um olhar duro nele. — O quê?

Ele ergueu o queixo, mostrando uma fileira de brancos perolados da variedade de Hollywood. — Srta. Greene, isso vai

acontecer.

Eu sabia o que ele queria dizer.

— Não tenho ideia do que você quer dizer — retruquei. *Aff*. Jogando com um garoto de dezoito anos. Prometi a mim mesma que depois de hoje, daria uma olhada longa e decisiva na minha vida. De preferência enquanto saboreava uma generosa taça de vinho. Bem, não uma taça, talvez mais como uma tigela.

Jaime se inclinou para frente sobre os cotovelos, seus braços enormes abrangendo toda a mesa. O brilho tortuoso em seus olhos me assegurou, mais uma vez, que sua idade era apenas um número. Inferno, ele provavelmente dormiu com mais pessoas do que eu *beije* em toda a minha vida.

— Sim, você tem. Você sabe — ele disse com um sorriso que era arrogante, mas indulgente. Quem era o adulto aqui? Quem estava corrompendo quem? Engoli seco.

Meus olhos caíram para o teclado, e lutei para manter a respiração. Estava com muito medo e excitada. Aparentemente, essa era a combinação perfeita para me fazer produzir pequenos gemidos que lembravam um gato no cio.

— Por que eu? — perguntei.

Jaime permaneceu imóvel, mas seu olhar beliscou a carne sensível do meu pescoço, fazendo cócegas na parte inferior do meu abdômen. — Porque — ele disse lentamente, seus lábios macios se separando enquanto ele me devorava — quero foder uma professora antes de ir para a faculdade.

E assim mesmo, senhoras e senhores, minhas coxas trêmulas e olhos vítreos sofreram um forte caso de um balde de raiva gelada.

Levantando-me e cruzando os braços, apertei meus lábios para me certificar de que uma maldição não escapasse deles. — Sinto

muito, James. Não consigo registrar metade das coisas que você disse hoje, porque parece que você está implorando para ser reprovado na minha classe e ser expulso da escola.

Agora foi a vez de ele se levantar, e me encolhi em direção ao quadro branco quando lembrei que ele tinha uns bons vinte centímetros a mais que eu (também nas calças, se esse boato prevalecente estava certo).

— Docinho — disse ele, seguindo com um *tsk-tsk* de sua língua, sua confiança enervante. —, dê-me o seu pior. Me dê notas baixas. Jogue-me na detenção pelo resto do ano. Nós dois sabemos que isso não afetará minha formatura ou meu futuro. Você só estaria atirando nesse seu pé adorável e sexy pra caralho.

Seus olhos se moveram para minhas pernas e ele deu um passo à frente. Minha garganta se fechou com uma necessidade desconhecida de morder algo. De preferência, a bunda deste HotHole.

— O dano no *Range Rover* é de cerca de oito mil e quinhentos dólares, obrigado por perguntar — continuou ele, o rosto sério.

Outro passo. *Tum, tum, tum*, era meu coração. Eu era uma flor e ele, um raro raio de sol, e éramos atraídos um pelo outro, relutante, involuntário, desastrosamente. Cada célula do meu corpo chiava, implorando por seu toque.

Jaime queria foder uma professora, e daí? Eu queria foder um abastado. Éramos dois adultos sensatos tomando uma decisão consciente... só que ele não era realmente um adulto, era? E eu era tudo, menos sensata para entrar nessa confusão.

Mas ele tinha vantagem sobre mim.

E aqueles olhos azuis penetrantes.

Além disso... eu o queria. Ele era a primeira coisa que me fez sentir tonta há algum tempo. Desde Julliard, para ser exata.

Quão triste era isso?

— Jaime — resmunguei —, tenho certeza de que existem outras professoras às quais você poderia... usar seu charme. Que tal a Sra. Perklin?

Ela tinha cerca de três séculos de idade e cheirava a fio dental usado, mas eu queria avaliar sua reação, adiando o que estava começando a parecer inevitável. Jaime parou quando nossos dedos do pé se tocaram, seu sorriso com covinhas se alargando, o olho roxo quase invisível. *Eu teria mais facilidade em rejeitá-lo se ele não fosse um lubrificante feminino*, pensei enquanto admirava sua mandíbula masculina e sua testa alta.

— Corrigindo... — Seus lábios roçaram os meus quando ele se inclinou, e eu estremeci e dei um passo para trás, ciente de que as pessoas poderiam nos ver através da janela de vidro da porta. — Não quero apenas foder uma professora. Quero foder minha professora de Literatura. Ela é atrevida, bunda maravilhosa, pernas longas e, embora pense que eu não a entendi, sei que por trás do disfarce excessivamente respeitoso, está uma mulher que xinga como um marinheiro e pode beber mais que qualquer um do meu time de futebol.

Certo, eu poderia. Eles eram apenas adolescentes. Eu tinha uma quilometragem impressionante de bebedeiras. Eras de destruição causadas por tempos sombrios de depressão. *Mas estou tentando melhorar.*

— Você quer que nós dois sejamos expulsos de All Saints? — Inalei, batendo as palmas das mãos suadas no meu vestido de bolinhas marinho. Alguém tinha que colocar bom senso neste menino. Pena que dependíamos de *mim*. Minha força de vontade era inexistente naquela hora. Eu tinha muito pouco a perder neste ponto, se é que

tinha.

Ele me agarrou pela cintura e nos girou para que suas costas protegessem todo o meu corpo da janela na porta. Ele me puxou para ele, e meu corpo derreteu contra o dele como manteiga quente.

— Não vou contar — ele sussurrou em meu pescoço, me fazendo estremecer de prazer. — Nem você. Uma bela e rápida aventura, Srta. G. Vou me mudar para o Texas para jogar futebol americano na faculdade. Você vai se casar com um contador horroroso com um bom coração ou algo assim. Alguém com quem fazer bebês. Isso é tudo. Agora, o que você me diz, Melody?

Eu ia dizer *continue sonhando*, mas não tive chance.

Jaime mergulhou, seus lábios sensuais respirando nos meus. — Pensando bem, não diga uma palavra. Vou ver por mim mesmo.

Jaime Followhill me beijou, o beijo mais inebriante que já tive. No minuto em que sua boca colidiu na minha, meus dedos dos pés se curvaram dentro dos meus sapatos sem graça. Não era apenas a urgência de sua boca quente ou o sabor doce de seu chiclete, mas também seu perfume masculino entorpecente. Ele invadiu cada centímetro dos meus poros, me beijando como se tivesse algo a provar, um ponto a fazer. Agarrei seu rosto de bochechas macias com abandono e inalei, enquanto ele abria minha boca com a língua e me devorava como se eu fosse sua última refeição.

Sua língua atacou a minha, possuindo minha boca, lambendo cada parte e engolindo meus gemidos necessários. Não fiquei surpresa quando sua mão cavou em minha bunda e ele me puxou para sua ereção. Ele se esfregou contra mim, descaradamente se masturbando em mim, agarrando uma das minhas mãos e colocando-a contra seu pau impressionante.

Era errado.

Era errado, e eu estaria mentindo se dissesse que não gostava de como parecia errado.

Se estava corrompendo ou sendo corrompida... Adorava como isso me fazia sentir.

Meu coração disparou de excitação e medo. Sabia que parte da emoção era a possibilidade de sermos pegos. Era como ingerir uma dose alta de cocaína com uma dúzia de doses de vodca.

Um caralho de bom. Jaime Followhill sabia o que fazer.

— Qualquer um pode nos ver — murmurei em outro beijo quente e sujo. O espaço entre nós já estava carregado de sexo, cheirando a sucos que mal escondíamos atrás de roupas finas. Eu estava encharcada e pronta, e ele liberou aqueles hormônios masculinos que fazem o quarto dos adolescentes cheirar a porra e suor. Só que nele, o cheiro era muito mágico.

— Estou tapando você — ele murmurou em meu pescoço, beliscando minha pele com os dentes e movendo-se para o sul. Sua língua cortou o vale dos meus seios inchados como uma flecha.

— Não é verdade. — Meu rosto estava agora em exibição para qualquer um ver.

— Te encontro em sua casa em uma hora.

— Você não sabe onde eu moro. — Deslizei minhas mãos sobre seu peito de ferro avidamente.

Jaime se afastou e me deu um de seus sorrisos maliciosos.

Jesus. Ele também era um *stalker*? Eu tinha que admitir, achei sexy pra caralho. Um dos caras mais sexies da escola... me perseguindo. Por que eu tinha que ser professora? Merdas como essa nunca aconteceram quando eu era estudante.

— Não. — Minha voz estava decidida. A cada segundo que seus lábios não estavam nos meus, a névoa de um orgasmo crescente

desaparecia, abrindo caminho para a lógica.

Olá, lógica. Sua empata-foda.

— Srta. Greene... — Sua testa e nariz estavam pressionados contra os meus. Nós dois ofegamos, olhos nos olhos, peito com peito. — Você está cerca de oito minutos atrasada para desistir desse acordo. Isso... — Sua mão se enfiou sob a barra do meu vestido e subiu entre as minhas coxas, e um dedo viajou ao longo da minha fenda molhada através da minha calcinha de algodão simples (sem renda hoje), acariciando, não entrando, em uma provocação torturante. — É meu até as aulas acabarem. Vou comê-la, fodê-la, brincar com ela e dormir nela, se quiser. E quero. Quero fazer todas essas coisas com você.

O que mais me horrorizou na declaração de Jaime foi que eu sabia que ele iria conseguir o que queria. Tinha concordado com isso antes mesmo de entrar na detenção hoje. Ele tinha muito poder sobre mim, e não apenas por causa de seu status social. Sempre estive ciente de sua beleza e presença poderosa, mas até agora, eu as usei para me ressentir dele. Agora que elas eram oferecidas a mim, todas as apostas estavam canceladas.

— Vamos ser exclusivos. Se eu pegar você abrindo essas pernas tonificadas para outra pessoa, ele vai se arrepender de ter nascido com um pau.

Oh, sim? Ele iria resistir a toda a tentação que o cercava como o fedor em Coachella?

Como se estivesse lendo minha mente, ele acrescentou: — Meu pau terá apenas duas casas. Sua boca e sua boceta. O cu também, se você estiver se sentindo aventureira.

Mãe do céu.

— A detenção acabou. Pegue suas coisas e vá embora — falei entredentes, dando um passo para trás e depois outro.

Ele me seguiu e abaixou a cabeça, mordendo meu pescoço antes de se endireitar e estalar os dedos. — Entre no carro e vá para casa. Vou me juntar a você em breve. — Ele bateu na minha bunda, se virou e saiu, deixando seu cheiro singularmente masculino.

Fiquei lá, de boca aberta, seu gosto ainda em meus lábios, o formigamento de seu toque ainda entre minhas coxas enquanto rolava um pensamento em minha cabeça: *Oh, Melody, você está tão fodida.*

Felizmente para mim, eu estava prestes a ser fodida com ainda mais força.



CAPÍTULO TRÊS

NÃO FUI PARA CASA.

Voltar para casa seria admitir a derrota. Eu poderia tecnicamente ter deixado Jaime levar a culpa pelo carro, mas não iniciei nada sexual com ele. Era tudo culpa dele.

O que tornou minha decisão ainda mais fácil foi esbarrar em sua mãe ao sair.

Eu estava indo para o estacionamento quando vi a Diretora Followhill me observando pela janela do escritório. Coloquei-me em módulo automático, histeria controlando meus movimentos enquanto eu considerava fazer uma corrida para o meu carro quando sua voz gélida vazou da janela aberta.

— Srta Greene. Uma palavrinha?

Houve um momento sem som quando vi minha vida passar rapidamente na minha frente e, infelizmente, foi um filme curto e de merda que consistia em eu esparramada no meu velho sofá assistindo *American Ninja Warrior*, aparecendo em eventos familiares sem data e participando de um grupo de apoio semanal para ex-atletas (a maioria de nós estava em vários estágios de embriaguez).

Sim, momentos divertidos.

Se a Diretora Followhill soubesse o que aconteceu na detenção, ela iria remover todos os órgãos internos do meu corpo, enchê-los de dinamite e explodir toda a escola. Isso é o quanto ela me odiava.

— Sim. — Abri um sorriso largo, jogando meus braços em um gesto de ‘por que não,’ e caminhando de volta para All Saints.

Por que não? Porque ela quer te matar e porque você acabou de beijar o filho dela.

No minuto em que entrei em seu escritório, sabia que ela estava no caminho certo. Sua testa normalmente lisa com Botox parecia que tinha desmoronado em um monte de pele extra.

— Sente-se.

Sentei-me.

— Srta. Greene, você sabe por que está aqui?

Eu estava tão nervosa que não conseguia respirar, mas de alguma forma consegui balançar a cabeça negativamente. Só seu escritório já me assustava pra caralho. Era tão grande, mas sufocante, com seus móveis pesados de cerejeira e couro cor de vinho e suas paredes de sangue de boi, tudo de um vermelho profundo, como se Carrie tivesse feito uma visita lá na noite do baile e perdido.

A Diretora Followhill parou perto de uma pintura que provavelmente custava mais do que o meu aluguel, com os braços atrás das costas, e fechou os olhos, exalando. — O incidente com meu filho, James.

Oh, não. Por favor, não. Eu não estava pronta para morrer. Tinha tantas coisas para ver e experimentar. A maioria delas entre os lençóis com seu filho que mal alcançou maioridade, mas, ainda assim.

Piadas à parte – eu tinha certeza de que me urinei um pouco. Estava apavorada. Não de ser despedida, mas das consequências de

irritar alguém com a influência da Diretora Followhill. Meus pais ensinavam no distrito escolar adjacente a Todos Santos. Esta era a casa deles e eles eram uma parte vital desta pequena comunidade julgadora.

Eu estava prestes a ferrar minha família por causa de um breve beijo.

— Diretora Followhill, eu posso explicar — me apressei em falar, pulando da minha cadeira.

Ela se lançou em minha direção e me empurrou de volta na cadeira. Se eu não estivesse tão consumida pela culpa, teria ficado chocada por ela ter me tocado.

Ela ergueu a mão, o rosto pálido. — Não, me escute você. James é um pirralho. Você não acha que sei disso? O que ele fez com o seu carro... ele deveria ter deixado um bilhete depois que bateu em você, não ter ido embora. Parece ruim, mas ele simplesmente entrou em pânico. Ele me explicou tudo. Não há necessidade de registrar um boletim de ocorrência. Garanto que ele sente muito, muito mesmo, e vai voltar para o estacionamento dos alunos a partir de agora. Vou fazer um cheque para seus reparos e, é claro, compensar você pelo inconveniente. Seria uma maldição permitir que uma decisão imprudente manchasse a reputação do meu filho. — Ela pegou sua bolsa *Hermès* e tirou um talão de cheques.

Meus olhos seguiram seus movimentos como se ela estivesse realizando algum truque de magia sombria. Claro, eu era um problema. Ela queria consertar, então, ela jogava dinheiro. *Em mim*.

Ela não sabia sobre o beijo. Tudo o que sabia era que Jaime voltou para casa ontem com um *Range Rover* amassado e sua própria versão do que aconteceu no estacionamento. Ele manteve sua parte do nosso acordo.

— Este pequeno acidente não é para sair destas paredes. Você entende, Srta. Greene? — A Diretora Followhill se abaixou e rabiscou o cheque, sua boca se contraindo em aborrecimento. — Você tem uma boca, caso não tenha notado. Poderia usá-la e dizer algo.

Por que você me odeia? Queria gritar. O que fiz para você? Embora já soubesse a resposta. Ela me odiava porque eu não era da realeza. Não era alguém nascida e criada em Todos Santos. Eu era uma estranha, contaminada e mortal, com pais de classe média. Além disso, era um elo fraco que – por causa das desvantagens acima mencionadas – não conseguia controlar minhas aulas.

— Entendido — funguei.

Ela apontou o cheque que havia escrito para mim. Apesar das minhas melhores intenções, eu o arranquei entre suas unhas feitas à francesa e espiei. Dez mil. Muito mais do que o necessário. *Suborno.*

Estávamos todos corrompidos agora. Isso me deixou um pouco menos arrependida por ter ficado com o filho dela.

Jaime estava me chantageando.

E eu estava chantageando a mãe dele.

Meus pais sempre disseram que o dinheiro torna as pessoas distorcidas e imorais. Eu costumava pensar que eles estavam exagerando. Estava começando a acreditar que não.

Levantei-me, alisando meu vestido e projetando meu queixo. A Diretora Followhill segurou meu olhar, mas puxou sua orelha. *Nervosa. Desesperada. Sem noção.*

— Tudo está esquecido? — Seus lábios mal se moveram.

— Tudo está esquecido. — Balancei a cabeça, saindo de seu escritório 10.000 mais rica.

Dirigi direto para um bar local.

Final, tinha algum dinheiro para queimar. *E segredinhos sujos*

para esquecer.



CAPÍTULO QUATRO

VOLTEI PARA O meu prédio à meia-noite, meu hálito cheirando a *Bud Light* e amendoim velho. Tentando pegar minhas chaves, parei na frente da minha porta no corredor escuro, vasculhando minha bolsa cheia. Quando finalmente senti a ponta afiada da chave, tirei meu chaveiro de sapatilha de ponta, que caiu no chão. Soprando uma mecha de cabelo do rosto em frustração, suspirei. Seria uma merda recuperar. Eu estava ficando velha demais para ficar chapada.

Mas nem precisei me abaixar.

Porque outra pessoa pegou minhas chaves para mim. Por trás.

Meu coração batia mais rápido, mas me acalmei, sentindo o calor de outro corpo pressionado contra o meu. O ar pulsava com a vitalidade de uma fantasia iminente que estava para se realizar.

Medo e desejo encheram minhas veias de adrenalina e dopamina. Os sentimentos sobrepostos me deixaram inebriante, e excitada.

Merda. Não conseguiria resistir a ele em meu estado atual. Sua ereção cavou em minha bunda e eu engoli.

Observei sua mão destrancando minha porta por trás. Seus lábios quentes sussurraram em meu ouvido. — Entre e fique nua. — Era uma ordem.

A porta se abriu com um pequeno empurrão de sua mão. Eu queria chorar de emoção. Correção: realmente chorei de empolgação. Havia lágrimas de alegria em meus olhos. O que posso dizer? A bebida e os atletas de dezoito anos avantajados como um cavalo deixavam essa garota muito feliz.

Eu praticamente pulei para a minha sala/cozinha, que estava decorada com caixas marrons e meu antigo sofá. Teria que me mudar para sabe-se-Deus-onde no próximo mês e já estava começando a empacotar. Ver minha vida desmoronando, enfiada em recipientes de papelão meio cheios, só tornou mais fácil minha decisão de fazer sexo com meu aluno. Não era como se estivesse estragando algo substancial que construí. Eu era uma perdedora, praticamente sem-teto e prestes a ficar desempregada. Uma exilada. Jaime amenizava a realidade do meu futuro.

Senti sua enorme forma andando atrás de mim, pronta para atacar a qualquer momento.

Tirei meu vestido de bolinhas e joguei no chão. Virando-me, olhei para ele pela primeira vez, sorrindo sob meus cílios. Jaime não retribuiu o sorriso brincalhão. Na verdade, suas sobrancelhas estavam fortemente unidas e sua mandíbula tão cerrada que parecia que estava prestes a quebrar. Ele tinha um corte no lábio e sangue seco cobrindo suas narinas.

Ele lutou. Novamente. Provavelmente com Vicious, a julgar pelos vergões desagradáveis e hematomas roxos.

— O que aconteceu com você? — Engoli.

Ele ignorou minha pergunta. — É assim que você me retribui

por consertar sua merda, Srta. Greene? — Sua voz estava sombria e séria. Nem um pouco parecida com um aluno de dezoito anos.

— Jaime. — Meu tom irregular. Jaime... o quê? Eu dei o bolo nele. Mesmo que nunca tenha concordado em encontrá-lo em minha casa. Há quanto tempo ele estava esperando, afinal?

Eu estava de sutiã e calcinha na minha sala de estar, lidando com um adolescente mal-humorado, e um tanto bêbada. Outro nível que eu não achei que fosse me rebaixar. Abracei minha própria cintura, cobrindo um pouco da minha pele.

— Gosto do seu sutiã — disse ele com voz rouca, mas não soou como um elogio. *Parecia uma ameaça.*

Olhei para baixo para examinar a renda rosa.

— É o meu favorito. *Victoria's Secret*. — Lambi meus lábios, soando mais idiota do que um personagem de Adam Sandler. Eu estava tão fora do meu elemento. Jesus. O que diabos havia de errado comigo?

— Venha aqui — ele exigiu, apontando para o chão.

Andei em sua direção, meus olhos muito abertos com a emoção. Ele estava vestindo jeans escuro da *Diesel* e uma camiseta preta com o nome de sua academia. E chinelos. Adorava homens que sabiam usar chinelos. Seu coque estava espetacularmente bagunçado também.

Quando cheguei nele, olhei para baixo. Sem cabelo nos dedos dos pés. Alguém para se manter.

— Ajoelhe-se, Greene. — Sua voz ainda tinha um tom ameaçador.

De onde veio isso? Ele geralmente era um cara muito brincalhão. De uma forma tipo ‘vou te foder’. Fiz o que me foi dito, porque... bem, porque, neste ponto, eu era praticamente a vadia do

Followhills. *Senta, curve-se, desconta cheques, esqueça os segredos, ajoelha.* Tive sorte de eles não terem me pedido para recolher cocô de cachorro do gramado da frente.

— Tenho um boquete com o seu nome por me fazer esperar aqui como um pau mandado. — Ele tirou uma mecha castanha do meu rosto.

— Não pago boquetes. Tenho reflexo de vômito muito ruim — respondi com sinceridade. Sério, descobri isso da maneira mais difícil durante o Ensino Médio. Nunca mais comi cachorro-quente ou uma banana desde então.

Calmo e controlado, ele abriu o zíper e abaixou sua calça jeans, liberando seu pau duro e inchado para fora de sua cueca *Calvin Klein* preta.

Putá merda, era lindo. Não vinte e três centímetros como as líderes de torcida estavam sussurrando na aula (elas eram péssimas em geometria, essa deveria ter sido minha primeira pista), mas quase — era simplesmente perfeito. Digno de cartão postal e selos. Ele tinha o eixo mais elegante e suave, uma cabeça proeminente e uma veia espessa e aveludada. E uma inclinação. Para a direita.

Perfeito, perfeito, perfeito.

E ele sabia disso, o bastardo. Foi por isso que mostrou seu pau para mim como se fosse a *Mona Lisa*.

Levei um breve momento para processar o fato de que tinha um enorme pau do meu aluno olhando de volta para mim no meio do meu minúsculo apartamento vazio. Pior parte? *Ainda tonta e animada.*

Minha garganta balançou.

— Talvez eu possa abrir uma exceção, já que você ‘levou uma bala’ por mim e tudo. — Revirei os olhos, fingindo diversão. Mas não havia nada de divertido naquele pau. Era sério. As coisas estavam

prestes a afundar, literal e figurativamente.

O único problema era... eu não sabia fazer oral. Acho que Jaime descobriu sozinho, porque ele puxou meu cabelo em direção à sua virilha.

— Comece lambendo — ele instruiu.

Lambi. Sua carne estava quente e sedosa sob minha língua afiada. Circulei a cabeça de seu pau com fome com meus olhos fechados, sentindo-o pular de alegria com os movimentos da minha boca. Depois de um minuto, Jaime pegou minha mão e enrolou meus dedos em torno da base de seu eixo. E olhe só isso? Meu aluno de Literatura estava me dando uma aula de educação sexual.

— Chupe — ele gemeu.

Eu fiz. Eu me perguntei quantas de minhas alunas o chuparam. Provavelmente muitas. Gostaria de poder dizer que não me importava, mas seria uma mentira, então, tentei me convencer de que me importava, porque isso me fazia sentir inexperiente.

— Agora sugue, para dentro e para fora — ele sussurrou, agarrando a parte de trás da minha cabeça e movendo-a para frente e para trás.

Cada vez que entrava, seu pau batia no fundo da minha garganta e eu lutava para respirar... mas estava adorando. Minha calcinha estava mais uma vez úmida de desejo. Logicamente, sabia que isso não estava bem. Mas se era tão errado... por que parecia tão certo?

Jaime chutou um de seus chinelos e cravou o dedo do pé no tecido da minha calcinha. Era humilhante... e muito sexy. Ele usou o dedo do pé para abaixar o cós da minha calcinha com um rosnado alto. Uma vez que meu sexo estava exposto, seu dedo do pé tocou em meu clitóris.

— Merda, porra, Jaime. — Eu não parecia sua professora. Não parecia uma também. — O que você está fazendo?

— Fazendo você gozar. Continue chupando, Greene.

Lambi e chupei e me viciiei nos sons que saíam da boca de Jaime. Eu desisti e dei tudo de mim. Ele continuou esfregando o dedo do pé contra meu clitóris inchado, e a sensação de um orgasmo iminente disparou todas as terminações nervosas do meu corpo. Meus joelhos tremeram de prazer e avidamente esfreguei minha boceta contra seu dedo. Tinha certeza de que meu obstetra/ginecologista teria muito a dizer sobre a higiene desse ato, mas, naquele momento, nada disso importava.

Nem mesmo a suspeita persistente de que ele pode ter feito isso para se gabar para seus amigos e me humilhar na frente de toda a escola.

— Vou gozar na sua boca, e você vai gozar no meu pé.

Ele era tão sujo.

Era bonito.

Justamente quando o líquido quente disparou em minha garganta, senti uma dor aguda quando meu sutiã foi arrancado do meu corpo por trás. Engasguei de horror, engolindo seu sêmen salgado e quente e abrindo meus olhos de uma vez, chocada.

Ele rasgou meu sutiã favorito. *De propósito.*

Jaime usou o pé para me empurrar para uma posição reclinada no chão, e eu desabei, esfregando a pele rosa onde ele havia tirado meu sutiã.

— Que diabos! — Gritei, mas fui silenciada por um beijo. Um beijo deslumbrante que foi seguido por dois dedos fortes que ele enfiou na minha boceta. Apertei em torno dele, observando-o mover sua cabeça para o sul e roçar meus mamilos duros com os dentes.

— Isso é por me fazer esperar. Não aceito atrasos.

O filho da puta chegou atrasado em noventa por cento das aulas que dei a ele!

— Bem, não aceito idiotices — murmurei.

— Vou compensar você. Sou um mestre em sexo oral. — A boca perfeitamente habilidosa de Jaime disse, seu azul sereno me examinando seriamente.

— Como assim? — Levantei uma sobrancelha enquanto ele avançava mais perto da minha boceta, ainda bombeando seus dedos no ritmo do meu batimento cardíaco.

Ele deu de ombros levemente. — Passei o acampamento de verão no ano passado comendo boceta em Park City, o retiro adolescente mais exclusivo de Utah. Campistas, conselheiras, até mesmo a porra de uma guarda florestal. Vinte e seis delas.

Essa foi provavelmente uma das coisas mais nojentas que eu já ouvi, mas eu estava me curtindo muito para me importar.

— Nem todas as mulheres gostam das mesmas coisas na cama — resmunguei quando seu rosto estava no nível da minha boceta.

— Verdade, mas todas as mulheres gostam de *mim* na cama. — Jaime pontuou seu sorriso arrogante com uma piscadela, pegou sua calça jeans, puxou algo pequeno, rasgou – era uma camisinha? – e jogou na boca.

— Sei o que você quer, Srta. Greene. Você quer gozar. Vou fazer você gozar. E comigo, nunca será suficiente.

Ele mergulhou.

A boca fria e mentolada de Jaime encontrou minha carne quente como o pecado. Meus quadris cederam, perseguindo seu toque enquanto ele chupava meu clitóris com força antes de respirar a mordida fresca de hortelã em minha boceta, conduzindo sua língua

profundamente dentro. Tentei me libertar, a intensidade do meu prazer tão profunda que senti como se fosse queimar *marshmallow* sob seu corpo. Mas ele me prendeu, colocando um braço musculoso flexionado sobre meu estômago, insistindo que eu enfrentasse isso com ele.

Foi tentador, a onda de fraqueza e luxúria que caiu sobre meu corpo, da cabeça aos pés. Agarreí seu longo cabelo loiro – tão macio e brilhante – em meu punho e o puxei para mais perto de mim, deixando escapar um miado desesperado. Um orgasmo violento me rasgou, meus músculos se contraíram de prazer.

Jaime me prendeu no chão e rastejou em cima de mim, devorando minha boca com a sua. — Prove — ele rosnou como uma fera, descartando seu chiclete na minha boca. Sua língua estava em toda parte – meus dentes, as paredes da minha boca, no meu queixo, até mesmo nas minhas bochechas. — Tem gosto de você, *fessora*.

Mastiguei seu chiclete. Ele estava certo. Tinha gosto de minha boceta.

A emoção cortou minhas veias quando Jaime levantou seu corpo e procurou por sua calça jeans. Rezei para que ele estivesse realmente procurando uma camisinha dessa vez. Queria transar com ele mais do que ganhar na loteria, mas ainda estava muito afogueada, meus nervos muito sensíveis depois do meu orgasmo alucinante.

Ele rolou uma camisinha e guiou seu pau entre minhas dobras até que suas bolas atingissem minha entrada.

— “Papai-e-mamãe”, hein? Que tipo de acampamento era? Para Jovens do ‘Livro de Mórmon?’ — Eu o incitei.

Ele riu, sibilando um gemido, suas pálpebras semicerradas quando ele começou a empurrar, encontrando o ritmo que nos fez gemer. Ele tinha o tamanho perfeito. Grande e grosso, mas não

assustadoramente.

— *Baby*, estou apenas preparando você para o que vem por aí.
— Ele mordeu minha orelha, seu peito úmido colando no meu. —
Assim que terminar, você implorará pelo “papai-e-mamãe”.

Eu acreditei nele.

O sexo durou quase quinze minutos, muito mais do que eu esperava de um jovem de dezoito anos, que tinha acabado de sair de um boquete, seria capaz de durar. Ele gozou novamente, e depois de mudar de posição para que eu ficasse por cima, observando seu lindo rosto de Channing-Tatum-encontra-Ryan-Gosling enquanto eu agarrava seu pau, e eu o fiz.

Quando terminamos, rolei para trás e deitei no chão ao lado dele. Ele tinha uma das mãos sob a cabeça e a outra na barriga. Tudo nele era tão perfeito. Até mesmo seu cabelo loiro nas axilas era sexy. E aquilo me deixou triste, porque eu sabia que caras como Jaime cresciam para encontrar mulheres tão perfeitas quanto eles.

E esse tipo de mulher? Eu não estava entre elas.

Ele olhou para meu teto chamuscado em um silêncio satisfeito.

— Diga algo. — Limpei minha garganta, observando. Tinha minha cabeça apoiada em um braço atrás da minha cabeça, meu peito ainda dançando para cima e para baixo. Estávamos ambos nus e começava a ficar frio no meu chão. Mas eu queria que ele falasse. Precisava disso, desesperadamente.

— Acabei de realizar uma fantasia. — Ele inclinou a cabeça para que ficássemos olhando um para o outro. — Acho que mereço um momento para me reagrupar.

— Eu era sua fantasia? — Como poderia ser? Ele era perfeito, rico e bonito. Jovem e sexualmente perigoso. E eu era... *sua professora chata*.

— Srta. Greene... — ele começou, segurando minha bochecha.

Inclinei-me em sua mão antes de perceber o que estava fazendo. No momento em que senti seu calor contra minha pele, era tarde demais para me afastar. — Por favor, me chame de Mel quando estivermos sozinhos.

Seus lábios se contraíram, mas ele lutou contra o sorriso. — Mel — ele corrigiu. — Você é isso. Você é. Fodidamente. Tão. Inteligente, atrevida e espirituosa, e não impressionada com toda a riqueza e drama de merda ao seu redor. Você não tem ideia de como é gostosa. O que te deixa ainda mais sexy. Isso está acontecendo, porra. *Estamos acontecendo.*

Eu me aninhei em seu pescoço, sabendo que estava alimentando uma ilusão que estava apenas esperando para explodir em calamidade, mas não me importava mais. Suas palavras mudaram algo dentro de mim. Mas não de forma gentil. Elas me abalaram profundamente.

— Só até o fim das aulas — sussurrei em seu ombro musculoso e sexy, tentando me convencer mais do que ele. Ele roçou o polegar nas minhas costas, enviando arrepios nos meus braços e couro cabeludo.

— Isso acaba no último dia de aula — ele concordou.

Tínhamos um prazo.

Tínhamos um plano.

E por um momento ali, nossos corpos quentes naquele chão frio, com a névoa de sexo e felicidade nublando nossas mentes, eu acreditei que iríamos manter nossa promessa descuidada. Houve um pequeno terremoto – literalmente – que moveu algumas das caixas quando fizemos esse acordo. Achei que fosse uma coincidência. Não foi. Era o diabo no inferno lá embaixo, sacudindo a terra com sua

risada. Rindo de *mim*.

E no quanto eu estava errada.



CAPÍTULO CINCO

A SEMANA SEGUINTE na escola foi um paraíso. Minhas aulas foram perfeitamente comportadas. Não lutei para prender a atenção dos alunos, porque meu novo amigo de foda, um atleta sênior intimidante que fazia as pessoas se alinharem apenas com seu olhar, espalhou que não era para mexer com a Srta. Greene. Ninguém teve coragem de perguntar por quê. Todo mundo naturalmente presumiu que meu carro fodido e seu *Range Rover* recém-pintado e sua retirada para o estacionamento dos alunos eram a resposta para essa pergunta. Para eles, Jaime queria me manter feliz desde que fodeu com no meu carro.

Ninguém suspeitou que estávamos fodendo outras coisas em nosso tempo livre.

Dei todas as minhas aulas e sentei com Jaime na detenção. Usei o tempo para trabalhar, enquanto ele usava o tempo para enviar mensagens de texto. No último dia, continuei olhando para o relógio, batendo com meu marcador de texto na mesa. Não conseguia me concentrar em nada com ele na sala. Não havia conversa entre nós. Quando seu tempo acabou, nós dois pegamos nossos pertences e

saímos da sala de aula. Eu ia para o meu carro, ele para o dele, mas quando chegava em casa, ele estava esperando dentro do meu prédio, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans.

— Você gostaria de entrar? — Inclinei meu queixo para baixo, mordendo um sorriso. Ele também sorriu olhando para baixo. Estávamos sentindo-nos leves. Eu gostava daquilo. Gostava e odiava gostar daquilo.

— Não... eu não posso. Treino de futebol para a exposição. Os Kings vão matar aqueles maricas que jogarão no próximo ano para o Saints se não nos controlarmos. Trent está chateado. Um olheiro está vindo para assistir ao jogo e olhar sua perna. Eles podem reconsiderar sua bolsa agora que sua reabilitação terminou. Às sete, ok?

— Às sete está perfeito.

Ele assentiu. Ficamos ali, olhando um para o outro, antes que ele encolhesse os ombros e diminuísse o espaço entre nós com um longo passo. — Dane-se essa merda, senti falta desses lábios.

Então, veio um beijo forte e desesperado onde seus lábios atacaram os meus por um bom minuto.

Sem fôlego, destranquei minha porta e desapareci atrás dela, pressionando minhas costas contra ela com um suspiro.

Isso não parecia proibido ou ruim. Apenas um cara e uma garota gostando um do outro.

Ele voltou às sete e dez, e para cada segundo extra que esperei, ansiedade e decepção cresceram em minhas entranhas. Abri a porta, franzindo a testa. — Você disse sete. Odeio atrasos.

— Somos dois. — Ele quase me empurrou para o meu apartamento, exalando energia carregada. — Então, sobre aquela posição “papai-e-mamãe”... — O gigante *quarterback* entrou em minha órbita.

Seu lábio cortado e o novo vergão roxo estavam ainda mais proeminentes com o rubor rosa em suas bochechas depois de um treino exaustivo, e seu cabelo ainda molhado do banho. Entre os treinos e o Desafio, houve muitos feridos entre os HotHoles. Uma fratura no tornozelo encerrou a carreira de futebol de Trent Rexroth no outono. Isso aconteceu em um acidente de vestiário. Mas era quase como se Jaime *quisesse* foder aquele rosto bonito dele. Os jogadores treinavam e lutavam até mesmo no inverno, mas ele era um veterano. Ele e seus amigos não fariam parte da equipe no próximo ano.

— Tire seu vestido por cima.

Tirei, sem nem piscar. *Ele* deveria ser o professor com esse tipo de autoridade. Expondo minha calcinha azul bebê, aguardei novas instruções.

— Vire-se e abaixe-se tocando seus pés, Bailarinazinha.

Eu não tinha a porra de ideia de como ele sabia que eu fui uma bailarina, e perguntar a ele sobre isso me forçaria a lidar com a verdade.

Que ele era um *stalker* louco.

E que eu absolutamente gostava daquilo nele.

Então, eu apenas fiz o que me foi dito, minha bunda para cima, provavelmente no nível de sua virilha. A dor latejante entre minhas coxas exigia liberação. Senti seus dedos segurando minha boceta por trás. Ele arrancou minha calcinha de uma vez e pôs-se a me tocar por trás.

— Ainda molhada, apesar do meu atraso. — Ele esfregou contra meus lábios. — Não tão chateada, posso ver.

Merda. A mancha molhada era óbvia, mesmo agora, quando minha calcinha era apenas um barbante.

— Você pode, por favor, para de rasgar minhas coisas? Nem

todo mundo está sob a asa financeira da mamãe e do papai. — Pronto. Vamos abrir o jogo aqui agora.

Ele riu, seu abdômen quicando contra minha bunda, então, empurrou três dedos de uma vez em minha entrada, me fazendo tropeçar para frente. Ele me pegou pelo ombro antes que eu caísse de cabeça.

— Essa semana foi só o começo — alertou. — Hoje... hoje, *baby*, estou marcando você como minha.

Parecia loucura. E sexy. *Loucamente sexy*, na verdade. Eu estava imediatamente pronta. Se eu ia estragar minha carreira, melhor aproveitar o passeio, certo?

— Vamos ver o equilíbrio da bailarina enquanto eu fodo com todos os outros caras que você já teve.

Com isso, ouvi seu zíper rolando enquanto ele libertava seu pênis da calça. Sua cabeça protuberante encontrou os lábios da minha boceta e eu estremeci em antecipação, levantando-me um pouco para ganhar mais equilíbrio.

— Mãos. Nos. Pés. — Ele mordeu a curva do meu pescoço por trás e desenhou círculos com a ponta em volta da minha boceta, me deixando louca de necessidade. Ele também estava nu pra caralho.

— Jaime, coloque a camisinha e entre antes que eu morra. — Minha voz tremeu.

— Shh — meu *stalker* disse, rasgando a embalagem do preservativo com os dentes, ainda provocando minha entrada por trás. — Você só tem que se manter abaixada, bailarina. Eu cuidarei do resto.

Ele foi devagar. Dolorosamente lento. Cada centímetro dele levou um segundo para entrar, então, deslizou para trás ainda mais devagar. Minhas pernas estremeceram. Gritei de prazer e frustração.

Isso era uma tortura do mais alto nível, mas eu estava aproveitando cada minuto.

— Mais rápido — implorei baixinho.

Ele não quis ouvir. Na próxima vez que ele entrou, foi ainda mais lento.

— Jaime. — Mordi meu lábio inferior. — Foda-me como se você quisesse.

— Então, aja como se você quisesse — ele rosnou, roçando meu ombro com os dentes. — Não discuta. Não me venha com merda quando eu estiver dez minutos atrasado, e não tente agir como se você não quisesse isso.

Um centímetro. Mais um centímetro. Mais um centímetro. Era uma bela tortura. Eu queria afastá-lo e correr para o meu quarto para terminar meu negócio com meu namorado de plástico, Victor, o Vibrador. Mas não era forte o suficiente para resistir a ele, não importava o que ele fizesse comigo.

— Tudo bem — grunhi. — Tudo bem, prometo. Agora, me fode.

— Assim é melhor — ele murmurou, empurrando-se todo o caminho e me fazendo tropeçar. Ele prendeu meu cabelo em um rabo de cavalo e puxou minha cabeça para cima, puxando meu corpo para perto dele para que eu não caísse. Então, ele me fodeu com tanta força que me senti dormente da cintura para baixo antes que ele terminasse comigo.

Isso é o que acontece quando você goza sete vezes em uma noite, pensei enquanto cambaleava em direção à minha cama. Quando ele foi para casa, por volta da meia-noite, eu não conseguia sentir meu clitóris. Ou minhas pernas. Inferno, nem mesmo meus pés.

Mas ele deixou seu ponto muito claro. E eu? Queria que ele

fizesse tudo de novo.



CAPÍTULO SEIS

DIAS CHEIOS DE orgasmos e beijos apressados em cantos escondidos e salas desertas. Um borrão de felicidade e perigo, luxúria total. O truque era não pensar nisso. Qualquer parte. Não sobre meu futuro – como professora e adulta – ou sobre o que eu estava fazendo. E, *definitivamente*, não sobre com quem eu estava fazendo isso.

Não mais sob detenção, Jaime encontrou outras maneiras criativas de ficar por perto depois da escola e passar um tempo comigo. Principalmente, caímos na rotina de ele me visitar no meu apartamento depois de seus treinos de futebol com o time do ano seguinte.

Três semanas depois do início do nosso caso, quando outro sábado chegou, fiquei feliz por ele ter outros planos. Eu finalmente reuni uma bravata falsa o suficiente para organizar meus pensamentos e tentar dar sentido a tudo isso. O Saints iria jogar uma partida amistosa contra o Kings de Sacramento e, tecnicamente, eu poderia ter apoiado meu time local e visto Jaime jogar, mas decidi contra isso. Colocar alguma distância entre nós e me lembrar que isso era apenas diversão casual era do meu interesse. Dele também.

Além disso, fiz meus próprios planos de encontrar meus pais em um restaurante italiano no centro de Todos Santos esta noite.

Passei pelo jogo a caminho da *Target* naquela tarde, percorrendo o caminho mais longo apenas para ter um vislumbre do jogo. Tentei me convencer de que não era sobre Jaime. O futebol era um grande negócio na All Saints High. Mas não importava como parecia ser, quando parei no sinal vermelho e olhei para o outro lado da estrada para o campo, eu estava procurando pelo número quatro. Para Jaime Followhill. Para o HotHole, que sempre fez meu estômago embrulhar como se eu tivesse acabado de entrar em uma montanha-russa. Para o menino que se sentia muito como um homem. E, infelizmente, para o cara que preencheu o vazio em mim com mais do que apenas sua ereção e carne quente.

Eu o encontrei parado de lado, mordendo o protetor bucal com as mãos na cintura enquanto acenava para algo que o treinador dizia a ele. Ele parecia distraído e, se eu tivesse coragem, gostaria de acreditar que era em mim que ele estava pensando.

Seu corpo musculoso e perfeito, mesmo através de sua camisa.

Era preocupante. Eu deveria ter sabido bem ali. O jeito que sorri para mim mesma, como se eu o possuísse de alguma forma. Como se esta criatura perfeita, que agora estava gritando para seus amigos da linha lateral, parecendo animado, parecendo *perfeito*, estava sob meu feitiço.

Continuei olhando até que alguém atrás de mim buzinou e eu tive que sair correndo, pisando fundo no acelerador. Nesse momento, Jaime virou a cabeça na minha direção, como se também tivesse ouvido.

Isso era ridículo. Não havia como ele saber que eu o estava observando. O lugar estava lotado como o inferno e os pais e alunos

da All Saints High falavam muito sobre o time local.

Mas isso não acalmou o rubor que subiu pelo meu pescoço e se espalhou pelo meu rosto.

Nada aconteceu. Pelo resto do dia.

Meus pais e eu jantamos, durante o qual eles perguntaram sobre quando meu contrato com a escola seria renovado (*provavelmente nunca?*); quando eu iria encontrar um homem (*idem, mas, ei, eu encontrei um garoto gostoso que sabe comer uma mulher de treze maneiras diferentes*) e por que minhas bochechas estavam tão vermelhas (*veja a resposta à pergunta número dois*).

Não era ruim, por si só. A comida estava ótima. A companhia... bem, me fazia sentir como a maior decepção que a humanidade tinha que enfrentar.

Esse era o problema de ser filha de Celia e Stewart Greene. No minuto em que meu sonho de me tornar uma bailarina morreu, o orgulho deles por mim também morreu. Nunca fui muito boa em outra coisa, e acho que eles sabiam disso.

Eles garantiam que eu me lembrasse também.

Não era uma desculpa para o porquê de eu ser assim. Desmotivada e sarcástica, mas, definitivamente, não ajudava.

Nós três voltamos para nossos carros e passamos pela fonte central no centro de Todos Santos, em frente ao Liberty Park, que abrigava um lago semifamoso e cisnes assustadoramente agressivos. Os adolescentes estavam sempre perambulando por lá nos fins de semana, tocando música alta e de merda. (Acho que essa era uma das razões às quais os cisnes estavam propensos a atacar.) Mas não naquela noite. Naquela noite, estava preocupantemente quieta.

Meus pais e eu estávamos quase dobrando a esquina e indo para o estacionamento quando vi a *Mercedes-Benz McLaren* prata de

Vicious passando por nós. Eu não podia deixar de notar o veículo de 500 mil dólares porque ELE ESTAVA CONDUZINDO NA PORRA DA CALÇADA do outro lado.

O garoto estava buzinando para pessoas como se seu pai fosse o dono desta cidade. Infelizmente, seu pai *era* o dono desta cidade. O pai de Vicious era tão rico que entrava em listas como a *Forbes* e outras merdas todos os anos.

Talvez seja por isso que seu filho se sentia no direito de bater em tudo e em todos, pensei amargamente.

Os pedestres abriam caminho e o deixavam passar, aceitando seu comportamento de cabeça baixa. Todos sabiam quem ele era e, mais importante, quem ele seria – um cretino poderoso e sem lei e herdeiro de grande parte dos interesses comerciais em Todos Santos.

Meus pais e eu paramos derrapando, nossas bocas se transformando em *O* atordoados. Ficamos olhando enquanto meu aluno estacionava na grama, saía do carro e caminhava em direção a uma fileira de jovens de joelhos perto do lago.

Bem, caralhos me fodam. Os atletas mais velhos estavam de pé acima dos adolescentes no chão, gritando animadamente e empurrando uns aos outros, prestes a começar uma grande briga.

Vi Jaime. Meus olhos foram atraídos para ele imediatamente, por instinto, antes mesmo de minha mente processar o que eu estava olhando. Ele estava encostado no gazebo, conversando baixo com Dean Cole e Trent Rexroth, o ex-capitão do time de futebol, que estava com um novo gesso na perna. Merda. Ele se machucou de novo? O que aconteceu no jogo hoje?

Jaime, Trent e Dean ficaram quietos, sobrancelhas franzidas e expressões taciturnas em seus rostos. Reconheci alguns dos jovens de joelhos, as cabeças baixas em sinal de rendição e os braços atrás das

costas. Todos os jogadores de futebol fracassados, aspirantes ou mais jovens da All Saints High.

Os Quatro HotHoles estavam tramando alguma coisa, eu sabia. E não parecia que era um jogo voluntário, como o Desafio.

Parecia sério.

Vicious desenrolou a manga de sua camiseta branca e tirou o maço de *Camel* de dentro, acendeu um cigarro e se agachou, soprando fumaça no rosto de um dos jovens que estava de joelhos esperando o veredicto. O cara engasgou e tossiu, mas não ousou se mover um centímetro. Parecia uma linha de execução do ISIS e eu sabia que precisava fazer algo. O chefe de polícia era um grande amigo de Baron Spencer Sênior, o pai de Vicious, então, chamar a polícia não me levaria a lugar nenhum. Mas eu não poderia apenas ficar lá e assistir isso acontecer. Certo?

Certo?

Vicious caminhou lentamente ao longo da fileira de suspeitos, com os braços atrás das costas. — Escutem, filhos da puta. Eu sei que os Kings não foram os idiotas que untaram o chão sob o armário de Trent. Essa é a segunda vez que alguém o alvejou. O capitão da merda do seu time, suas vadias desgraçadas.

Ele estava tão bravo que cuspiu enquanto falava. Observei a saliva voando de sua boca, iluminada pelo poste vitoriano.

— Da última vez, imaginei que fosse um ataque de um time rival para impedi-lo de jogar. Eliminar da competição. — Vicious deu outra tragada e cuspiu perto de um dos idiotas na ponta com uma jaqueta vermelha do time do colégio e um boné de *baseball* virado para trás. — Mas Trent está se formando. Não há razão para outra equipe eliminá-lo agora.

Alguns dos adolescentes choravam ao olhar para a grama

orvalhada e outros gemiam de dor. Eles não estavam sangrando, não parecia que apanharam. Bem, não fisicamente, de qualquer maneira. Mas, Jesus, esse garoto era tão intimidante quanto o próprio Satanás.

— Eu. Vou. Encontrar. O filho da puta que untou o chão! — ele gritou.

Os atletas de pé atrás dele rugiram, erguendo os punhos no ar. Jaime, Dean e Trent ainda estavam conversando. Felizmente, eles não estavam apoiando o troll.

— Vou punir o filho da puta — Vicious gritou maniacamente, mexendo no peito e olhando em volta em busca de apoio.

— Caralho, sim! — Os atletas levantaram as mãos, tagarelando noite adentro.

— E quando terminarmos com ele, ele vai se arrepender de sua mãe prostituta o ter dado à luz!

— Sim! Sim! Sim!

Fiquei com calafrios, esfregando meus braços. Eu odiava Baron Spencer. De acordo com o técnico Rowland, ele nem era um bom jogador de futebol, e duvido que ele se importava tanto com o time. Não. Todo esse pesadelo de noite foi orquestrado porque ele era um foda sádico e violento.

Minha mãe puxou minha blusa branca e disse: — Eu conheço algumas dessas crianças. Elas vão para o All Saints High. São seus alunos, Melody. Você não pode deixar isso acontecer.

— O que gritava de jeans é Baron Spencer — sussurrei de volta. — Seu pai é dono desta cidade.

— Não importa. — Meu pai balançou a cabeça, apoiando a mão no meu ombro. Parecia muito mais pesada do que realmente era, e eu sabia por quê. — Isso é sobre sua integridade, Mel.

Oh, caralho. Isso de novo.

Eu sabia que tinha que intervir. Também sabia que estava prestes a ser extremamente humilhada na frente de meus pais. Vicious temia-me um pouco menos do que temia um Chihuahua com um tutu rosa. Ou seja, ele não daria a mínima por eu me intrometer nessa bagunça.

Cruzei a estrada com as pernas trêmulas. A voz implacável de Vicious ainda estava crescendo em meus ouvidos, ficando mais alta a cada passo que eu dava. Minha espinha estalou, mas me movi para frente.

— Denunciem o idiota que é o responsável, ou cada um de vocês, seus filhos da puta, vai voltar para casa com uma marca permanente. — Ele apontou o cigarro para suas vítimas em potencial. Alguns jogadores atrás deles os colocaram de pé pelos cabelos, e os cativos gritaram de agonia.

Vicious parou na frente de um cara pesado, que havia tentado entrar no time de futebol no ano passado, e avançou a brasa do cigarro em direção à testa do cara.

Eles são seus alunos, Melody. Você não pode deixar isso acontecer.

Meu pai estava certo.

— Baron! — Eu me apressei, correndo levemente da faixa de pedestres para o Liberty Park. Ele não ia machucar o garoto. Não na minha frente.

Vicious nem teve a cortesia de se virar e verificar quem o chamou. — Leve todos os suspeitos para o gazebo atrás do estacionamento para interrogatório. — Sua voz estava ferina e baixa.

Aquele gazebo era isolado, um lugar deserto e assustador onde ninguém punha os pés à noite. O bastardo sabia o que estava fazendo. Sem surpresas aí.

— Baron Spencer! — Levantei minha voz, a apenas alguns

metros de distância dele agora. Alguns dos alunos limpavam o caminho para mim, mas a maioria apenas riu enquanto eu corria em direção ao adolescente do inferno. Eles tinham mais medo dele do que de mim. Não poderia culpá-los. — Pare com isso imediatamente! Solte esses meninos!

Quando o alcancei, ele finalmente se virou, seu rosto pintado de tédio e pena.

Quando não recuei, sua expressão ficou sombria. Vicious pode não ser tão bonito quanto Jaime, Trent e Dean, mas de alguma forma ele tinha o rosto mais memorável. Ele parecia um cara em cuja lista de merda você não queria estar. Engoli em seco, me odiando por me sentir intimidada por ele.

— Me desculpe, me lembre quem diabos você é?

Claro que ele sabia quem eu era. Dava aulas a ele de Literatura todos os dias, o que fez todos ao nosso redor rir, apontando suas garrafas de cerveja e copos de plástico para mim. Até mesmo seus malditos cativos riram.

Estou fazendo isso por vocês, idiotas.

O calor se espalhou pelo meu pescoço e minha mão apertou meu colar de âncora, como fazia toda vez que a raiva tomava conta de mim. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para não olhar para Jaime, porque tinha medo de ver o que estava escrito em seu rosto. Ele estava rindo de mim como todo o resto?

— Faça agora ou vou chamar a polícia — minha voz mal tremeu.

Vicious deu um passo à frente, seu rosto tão perto do meu que vi a dança louca em suas íris. Seus olhos, negros como um abismo, ameaçavam me puxar para o lado escuro. Eu cavei meus calcanhares mais fundo na grama e fechei minhas mãos em punhos. Meu corpo

zumbia com adrenalina. Isso estava acontecendo. Eu estava enfrentando ele.

— Eu te desafio, querida. Vá em frente, me teste. Na verdade, eu adoraria que você fizesse isso. Isso fará com que você seja expulsa do seu emprego, e eu não terei que ver sua cara azeda todos os dias.

Era isso. Eu estava tão chateada que quase soquei seu rosto presunçoso. Dei um passo para trás, pegando meu celular da bolsa. E daí se eles me despedissem? Eles não iriam renovar meu contrato, de qualquer maneira.

Uma mão quente e familiar me parou antes que meus dedos discassem 911.

— Peça desculpas — ordenou a voz de Jaime.

Mas a ordem não era dirigida a mim.

Vicious inclinou a cabeça para trás e bufou, seus belos dentes em plena exibição. — Já bêbado, Followhill? Jesus. Não é nem meia-noite ainda.

— É melhor você fazer isso — Jaime cantou, ignorando a indireta, enfrentando seu melhor amigo. Nariz com nariz agora, seus olhares gotejavam desafio. — A menos que você queira sair dos HotHoles.

Fiquei perplexa, para dizer o mínimo. Duas balas em menos de um mês que esse cara levou por mim. Vicious e Jaime se encaravam. Vicious franziu o cenho sob suas sobranceiras diabólicas, implorando a Jaime para parar – todos os músculos de seu rosto tremendo de raiva – mas Jaime não recuou. Finalmente, depois de um minuto inteiro, pelo menos, ele cedeu. Doce e digno de um orgasmo.

— Foi mal, Greene. — As palavras de Vicious foram afiadas e insinceras quando seu ombro roçou no de Jaime. Ele parecia fisicamente ferido por dizê-las.

Por mais que seu ato indiferente espalhasse poeira do medo na cabeça de todos na escola, ele ainda era mortal. Capaz de sentir a perda de seu melhor amigo. E Vicious sabia a verdade. As pessoas não gostavam dele, na verdade. Eles amavam Jaime, Dean e Trent. Os atletas bonitos, engraçados e saudáveis com quem ele andava.

Ele precisava deles.

Mas algo me disse que eles também precisavam dele.

— Desculpas aceitas. Agora, pare com isso imediatamente. — Alisei minha blusa, arqueando uma sobrancelha e inclinando minha cabeça para seus cativos.

— Não — Jaime disse com firmeza, virando-se para me encarar.

Eu me permiti me afogar em seu rosto, mesmo que por apenas um segundo. Voltamos a agir como professora e aluno, desempenhando nossos papéis, mas eu conhecia aqueles lábios que ele agora comprimia, provavelmente para suprimir palavras que nunca deveria dizer à sua professora. Conhecia o gosto e do que eram capazes de fazer sob meu cobertor fino e gasto.

— Desculpe, Srta. Greene, mas você vai ter que ficar de fora. Este é um assunto do time. Dou minha palavra, isso não vai respingar em você. Alguém ferrou com Trent. — Ele balançou a cabeça, seus lábios torcidos em aborrecimento. — Precisamos de respostas.

— Sr. Followhill...

— Não — ele disse, me cortando. — Acabou. — A última frase saiu suave, e o que veio depois foi ainda mais suave. — Da próxima vez que eu pegar você me espiando do outro lado da estrada — ele sussurrou em meu ouvido, perto o suficiente para parecer suspeito, mas não o suficiente para as pessoas falarem sobre isso depois — é melhor você vir dizer oi. Melhor ainda, é melhor você me mostrar o

quanto sente minha falta com seus lábios, em vez de me comer com seus olhos.

Não havia nada que eu pudesse fazer sobre Vicious e seus truques perigosos, e eu sabia disso. Os HotHoles sempre cuidaram dos seus. Trent foi ferido novamente e alguém teria que pagar. Eu tinha muito pouco poder sobre os alunos de Todos Santos, mas duvidava muito que qualquer outra pessoa, incluindo a própria Diretora Followhill, fosse capaz de impedi-los de buscar retaliação.

Lentamente, sem quebrar o contato visual com ele, recuei, até que finalmente me virei e voltei para os meus pais, que ainda estavam esperando do outro lado da estrada.

— E então? — Minha mãe me deu uma cotovelada, seus olhos brilhando com a mesma curiosidade saudável que ela tinha sobre quase todos os assuntos do mundo.

— Eu cuidei disso. — Evitei seu olhar, fingindo procurar algo na minha bolsa. Talvez fosse minha dignidade que eu procurava. De qualquer maneira, Vicious havia vencido.

E Jaime o ajudou.

Mas não às minhas custas. E isso era algo.

Isso era muito.



CAPÍTULO SETE

PASSEI O FIM de semana me perguntando o que aconteceu aos pobres desgraçados que os Quatro HotHoles interrogaram em Liberty Park e se meu confronto com Jaime e Vicious mudaria o pacto entre mim e meu amigo de foda. Meus dedos formigavam para mandar uma mensagem para ele e perguntar todas essas coisas, mas eu sabia que era arriscado.

Eu estava com raiva dele? O incidente foi um sinal de alerta, me lembrando que éramos tão diferentes? Que ele ainda era um adolescente, dando passos hesitantes para se tornar um homem? Esse era exatamente o tipo de pergunta com que eu não queria lidar. Não. Estava esperando os dias passarem, agarrando-me ao fim de semana na esperança de que o tempo levasse embora a névoa de luxúria entre nós, abrindo espaço para a lógica e a racionalidade.

Segunda-feira foi o melhor dia de toda a minha carreira. Tudo correu bem, e quando cheguei à última aula com Jaime e seus amigos, todos se comportaram.

Todos... exceto Jaime.

Ele estava mexendo no telefone, como sempre. Como ele não

estava olhando para mim, deixei passar. Queria dar essa aula sem sentir meus mamilos enrugando sob seu olhar escaldante.

Meu telefone na minha mesa brilhou. Resisti ao impulso de verificar, concentrando-me em Millie, que estava de pé, lendo um poema que havia escrito. Ela era boa. Um espírito criativo, com um brilho artístico que se espalhava por todas as células de seu corpo. Ela queria escrever? Talvez pintar? Seus livros e mãos estavam sempre decorados com rabiscos, seu nariz, sempre enterrado em um livro. Com a orientação e o cuidado corretos, ela poderia fazer grandes coisas.

Eu sabia, sem sombra de dúvida, que não era a pessoa para extrair isso dela. Não tinha motivação, compaixão e autoridade, as três qualidades que faziam um grande professor.

Enquanto eu olhava para ela, percebi que até mesmo Vicious ficava quieto enquanto ela falava. Ela tinha o tipo de charme peculiar que uma garota não poderia fingir. Os olhos de todos estavam sobre ela, o que me permitiu dar uma espiada no meu telefone. Nas palavras de Julia Roberts em *Uma Linda Mulher*: Grande erro. Grande. Imenso.

Jaime:

Eu senti sua falta neste fim de semana. Achei que sua bunda ingrata fosse me enviar uma mensagem de agradecimento por salvá-la da ira de Vicious. Infelizmente, estava errado.

Uau. Ele tinha ideia de quantos problemas ele poderia nos colocar se alguém visse essa mensagem? Alunos e professores tinham os números uns dos outros apenas para fins profissionais. Eu o ignorei e continuei acenando para Millie, sorrindo com força. *Ping*, veio outra mensagem.

Jaime:

É fofo como você finge ouvir Millie quando sei que apenas

espera o relógio bater 3 para que eu possa dobrá-la sobre a mesa e fuder com tanta força que as janelas vão chacoalhar.

Claro, não recebi essa mensagem com uma resposta real. Embora estivesse ansiosa para corrigir ‘fuder’ por ‘foder’. A professora de Literatura em mim odiava quando as pessoas escreviam coisas erradas. Aparentemente, mesmo durante o *sexting*.

Minhas bochechas queimaram e brinquei com meu colar de âncora, roçando meu lábio inferior. Tossi, limpando a garganta e disse: — Mais alto, Millie.

Ela olhou em volta, tão nervosa como eu, e relutantemente ergueu a voz na próxima linha. Seu poema era fascinante, na verdade. Sobre a vida e a morte e a forma como a cerejeira simbolizava ambas. Todo mundo estava quieto e alerta. Dean Cole estava com os cotovelos sobre a mesa, inclinando-se para frente, bebendo suas palavras como se fossem oxigênio. E Vicious? Ele olhava para ela como se ela fosse dele.

Mas não adiantava. A única coisa em que meus ouvidos estavam sintonizados era o que eu secretamente esperava ouvir – o som do meu telefone vibrando contra a mesa quando outra mensagem chegou.

Jaime:

Seus mamilos estão tão duros que eu poderia cortar a merda de diamantes com eles, *baby*. É excitante quando todos podem ver o que eu faço com você. Em meia hora, vou enfiar minha mão em sua saia lápis e meus dedos em sua boceta. Cavar no ponto G da Srta. G e acertá-lo de novo e de novo até desmaiar de tanto gozar.

Circulei a mesa e me encostei nela de frente para a classe, esperando que eles não pudessem ver o rubor que era um desafio

diário desde o início do nosso caso. Jesus! *Caso?* Isso era um pouco demais. Não era um caso. Eu estava fodendo meu aluno, e com meu futuro, tudo ao mesmo tempo. No entanto, não conseguia parar. Examinei a sala de aula cheia de alunos, e seu rosto era o único que se destacava no mar de adolescentes insossos. Mal registrava os outros rostos, perdida na névoa do desejo.

Vibração mais uma vez. Desta vez, esperei alguns segundos antes de olhar em sua direção e encontrá-lo sorrindo para o telefone. Idiota.

Jaime:

Então, vou tirar minha mão, deixar você lambe meus dedos um por um, chupá-los com força e implorar para que eu te foda. Mas não vou. Você vai ter que cuidar lá embaixo em mim primeiro, e vou fazer você engasgar com meu pau até que você não consiga respirar. Você gostaria disso, Mel?

Eu estava suando. Sugando em respirações curtas. Millie terminou de ler seu poema. Ela ainda estava de pé, esperando meu *feedback*. Todos os olhos estavam em mim. Ela fez um trabalho maravilhoso pelo que pude decifrar em minha névoa induzida pela luxúria, mas as palavras não saíam da minha boca. Eu estava realmente com medo de deixar escapar algo sobre Jaime e seu pau. Realmente era lindo demais para não ser celebrado por nossa bela nação.

— Millie — comecei, limpando minha garganta quando percebi que minha voz falhou. Ouvi Jaime rir baixinho no fundo da sala. Eu ia matá-lo quando a classe fosse encerrada. Seus grandes olhos azuis de Bambi seguiram cada movimento meu enquanto eu falava. — Achei brilhante. Seu poema tinha um ritmo como os batimentos cardíacos. Foi... encantador — consegui dizer, meu sorriso quase me

desculpando.

Não era a coisa certa a se dizer. Eu precisava abrir isso para discussão, mas eu estava tendo dificuldade em juntar uma frase coerente enquanto minha calcinha estava molhada. Maldito Jaime e suas mensagens.

Endireitando minha coluna, bati palmas uma vez. — Vamos ouvir a opinião de vocês sobre o poema da Srta. LeBlanc. Alguém?

Bzzz. Outra vibração estourou. Um punhado de pessoas levantou a mão e escolhi Shelly, a garota que sabia que não se calaria e, portanto, me daria tempo para ler minha mensagem.

Jaime:

Muito perdida. Muito confusa. Tão minha. Possuir alguém nunca foi tão bom.

Suas palavras me atingiram com força.

Eu era realmente dele? Não parecia isso. Como se fosse real. Talvez para ele, fosse. Mas para mim? Estava com muito medo das consequências de realmente tê-lo para sequer considerar essa opção.

Perdida. Confusa. Sentia todas essas coisas. Não apenas naquele momento, mas em geral. Para onde eu estava indo depois disso? Eu era uma professora péssima e meus alunos mereciam coisa melhor. Além do mais, me preocupava o suficiente com eles para reconhecer o fato de que preciso abrir espaço para alguém mais apaixonado. Que se importe mais. Alguém que pegaria as Millies do mundo e as transformariam em artistas, e não as manteriam aqui, numa aula sem graça, lendo poemas que mal podiam entender.

Depois que Shelly balbuciou algo mantendo a conversa, e outro aluno fez algumas perguntas a Millie, Vicious, que tinha suas longas pernas cruzadas sobre a mesa, suas botas quase tocando as costas de alguém, ergueu a mão. Minha respiração engatou. Eu não queria que

ele destruísse a confiança de Millie. Na verdade, queria falar com ela sobre se inscrever em um curso de redação criativa que conhecia do outro lado da cidade. Gostava de acreditar que via um pouco de mim em Emilia. Ela era delicada, artística e não se incomodava com o ambiente privilegiado do qual não fazia parte. Tinha um desejo estranho de protegê-la de Vicious, mas ninguém mais estava levantando as mãos.

Eu queria estrangular o valentão mal-humorado enquanto soltava uma fraca permissão para ele falar. — Sim, Baron?

Os olhos semicerrados de Vicious estavam em Millie enquanto ele brincava com um de seus anéis de metal enferrujado – uma parte de seu traje icônico de *serial killer*. Ele mostrou os dentes, esperando que ela se encolhesse em sua cadeira como o resto deles, mas Millie ainda estava de pé, olhando para ele como se ele fosse um saco de areia em que ela estava prestes a socar.

Gosto muito dessa garota.

— Achei espetacularmente horrível — disse ele, puxando o lábio inferior carnudo.

Ela ergueu uma sobrancelha solitária, um sorriso em seu rosto bonito e redondo.

— Isso é o suficiente, Baron... — comecei, mas Millie levantou a mão.

— Por favor, Srta. Greene. Deixe-o terminar. O que havia de tão ‘espetacularmente horrível’ em meu poema? — ela perguntou a ele, e parecia genuinamente interessada.

Eu me encolhi. Por que ela estava fazendo isso consigo mesma?

Vicious afundou na cadeira, examinando seus anéis. — Muito prolixo. Muitas analogias. Algumas delas eram cafonas. Daquelas que já ouvimos mil vezes antes. Você tem talento, vou admitir. — Ele

encolheu os ombros. — Sua escrita é desleixada. Limite-se ao desenho.

— E o que você sabe sobre escrever? — Perguntei. Era a minha vez de perguntar. Não era normal eu perder a paciência durante a aula, mas Vicious estava literalmente sendo cruel. O fato de ele ter ganho no sábado à noite no parque também não ajudou.

Acho que Jaime sabia melhor do que continuar a me mandar mensagens, porque ele enfiou o telefone no bolso da calça jeans e franziu a testa para Vicious, sua expressão gritando: *Cale a porra da boca, cara.*

— Sei um pouco de merda, na verdade — Vicious gorjeou, seu rosto iluminando-se. Normalmente, sua voz era como uma linha reta em um monitor cardíaco, indiferente e monótona. — Puxar saco nunca ajudou um autor ou poeta a crescer e se desenvolver. A crítica construtiva sim. Talvez você esteja na profissão errada, Greene.

Foda-se essa merda. Eu iria colocá-lo na detenção até que ele tivesse setenta anos. Nem me importava que Jaime tivesse acabado de me convidar para outro festival de sexo depois da aula, e que tudo que eu conseguia pensar era em seu pau inchado e violento. Não queria que Vicious falasse comigo assim e, mais importante, com Millie. A garota não merecia isso.

— Arrume suas coisas, Baron. Você vem comigo para ver a Diretora Followhill depois da aula. Espero que você não tenha planos para o próximo mês, porque vai gastá-lo com sua professora medíocre. Em detenção. Onde você pode me explicar tudo sobre boa poesia e escolhas de vida ruins. Como responder à sua professora. — Soltei um sorriso açucarado e abri meu caderno com a lista de nomes, procurando a próxima pobre alma que teria que compartilhar um poema com a classe.

Trent gemeu de seu lugar do outro lado de Vicious. — Bom

trabalho, viadinho. Você tinha que falar merda, não? Temos negócios do time para cuidar. Você esqueceu?

— Olha a boca, Rexroth. Ou você é o próximo.

Estava corajosa. Tinha as costas quentes. Era Jaime. Que, aliás, parecia prestes a explodir, olhando para Vicious como se tivesse acabado de matar uma cesta cheia de gatinhos. Havia fogo em seus olhos e queimava tudo onde batia. O sinal tocou, enchendo a classe de risos e barulho, e as pessoas enfiaram suas coisas nas mochilas.

— Sr. Linden, você lerá seu poema da próxima vez. Turma, quero que vocês leiam *As Regras da Poesia*, de Michaela Steinberg, e saibam de cor para a próxima aula. Haverá um teste — gritei para o caos da conversa adolescente.

Os alunos correram para o corredor, mas Jaime permaneceu sentado em sua cadeira. Sua mandíbula cerrada sugeria que alguém na sala estava prestes a ser morto. Vicious era o único que ainda estava lá além de nós, e ele não se apressou, enchendo sua mochila deliberadamente devagar com um sorriso tão grande que você pensaria que eu estava prestes a escotá-lo para umas férias exóticas em uma ilha habitada por *strippers* e contrabandistas internacionais de armas.

Deixei Vicious no escritório da Diretora Followhill e voltei para a sala. Acho que ela ficou impressionada e horrorizada comigo por dar um corretivo em Vicious. Não tinha ideia de como ela iria lidar com ele, mas também não me importava. Fiz minha parte.

No minuto em que voltei para minha sala de aula, suspirei. — O que você fez com aquelas crianças na outra noite?

Jaime recostou-se na cadeira. Ele estava usando *Dickies* azul marinho, tênis de cano alto e uma camisa roxa que exibia sua tatuagem cafona de uma frase idiota que ele havia feito nas costelas.

Nunca me dei ao trabalho de lê-la, mas não ficaria surpresa se fosse algo do *Bob Esponja Calça Quadrada*.

Quem se importa? Ele era minha sobremesa pessoal sem calorias.

Pelo menos, era isso que tentava reduzi-lo em minha mente.

Na maioria das vezes funcionava.

Porém, quanto mais passávamos tempo juntos, mais eu precisava me alimentar dessa mentira.

— Vem aqui. — Ele apontou o dedo indicador para mim.

— Com licença? Sou a professora — provoquei, feliz por tê-lo sozinho.

— E eu sou o cara irritado que precisa colocar você no seu lugar de vez em quando. Aqui. — Ele deu um tapinha na mesa e se recostou na cadeira. Olhei para a porta fechada e de volta para ele.

— Vicious pode voltar — argumentei.

— Vicious manteria a boca fechada mesmo se ele me pegasse fodendo o Sr. Pattinson enquanto o presidente da Associação de Pais e Mestres lambe meu traseiro. Posso fazer qualquer coisa com qualquer um, desde que não seja Millie. Estamos malditamente perto de irmãos de sangue.

Millie, hein? Talvez o bastardo tivesse um coração batendo, afinal.

Dei passos lentos até ele e sentei na ponta de sua mesa. Ele me agarrou pela cintura e me puxou para sua virilha de modo que montei nele, minhas pernas enrolando em torno de sua cintura.

— O que você fez com eles? — Sussurrei de novo, minhas mãos enterradas em seu cabelo dourado enquanto meus braços circundavam seu pescoço. Apesar de tudo, eu me preocupava com aqueles garotos.

— *Baby...* — Ele roçou os nós dos dedos contra meus lábios,

seus olhos focados apenas neles.

— Então? — arregalei deliberadamente meus olhos, questionando-o.

Ele riu como se achasse minha expressão fofa. — Nada ainda. Mas temos um nome. Toby Rowland.

— E? — Rowland era um novato, outro idiota a quem eu ensinava. Ele também era filho do treinador Rowland.

Jaime encolheu os ombros. — O cara está sempre se escondendo atrás do pai na prática. Vai ser difícil pegá-lo, mas nenhum dos dois vai se safar com o que fizeram com Trent. Os desgraçados acabaram com o futuro dele.

Trent Rexroth, o astro do futebol americano de destaque do All Saints, escorregou no vestiário antes de um grande jogo no outono, quebrando o tornozelo e encerrando seu caminho para a glória na faculdade e no futebol profissional.

Abri a boca, com a intenção de convencê-lo a desistir da retaliação, mas ele me agarrou pela bunda e me puxou para sua ereção dolorida, chupando com força um dos meus seios através do tecido da minha blusa e terminando com uma mordida provocante.

— Merda... — murmurei.

— Como foi o seu final de semana? — Ele colocou seus lábios no meu pescoço e lambeu seu caminho até meu decote. Estremeci em seu corpo. — Está com saudades de mim?

— Foi bom. — Minhas mãos passaram sobre seu peito largo com avidez. — E, não — menti. — Achei que tivéssemos concordado que isso era apenas diversão inofensiva.

— E é. — Ele inclinou a cabeça para trás, me olhando sério. — E é divertido estar com você.

— Aposto que é tão divertido quanto estar com garotas do

Ensino Médio. — Minha boca ficou seca quando eu disse isso.

Foi estúpido e inseguro, mas foi bom finalmente dizer no que estive pensando por semanas. Onde Jaime ia, as meninas o seguiam. Líderes de torcida com pele bronzeada e cabelos brilhantes, com sorrisos largos e pernas quilométricas. Elas acompanhavam seus passos longos nos corredores, encostavam-se em seu SUV depois da escola e riam de tudo que ele dizia... mesmo quando ele não fazia piadas.

Jaime sorriu, sua mão direita traçando minha coxa, viajando para cima e desaparecendo sob a minha saia lápis. — Peço desculpa por discordar. Garotas do Ensino Médio exigem muita manutenção. Elas são cheias de drama. Falam sobre porra de alisadores de cabelo e festas por horas. As gostosas fazem você ir aos filmes de Jennifer Love Hewitt. Não. Não há nada divertido em meninas do Ensino Médio. Você, por outro lado...

Seus dedos encontraram minha calcinha encharcada e, como de costume, ele inclinou a cabeça, sorrindo, deixando-me saber que estava vindo pra cima. Meu corpo cantou uma música que só Jaime sabia as palavras e meu coração bateu tão rápido e alto que eu senti a pulsação em meus pés. Fazer isso era quase como implorar para ser pega.

Uma parte de mim estava desesperada para ser vista.

— Você revida — disse ele. — É fria e teimosa. Triste e sarcástica. Gosto do seu jeito de ser, estranho. Todo o pacote. — Ele desenhrou um círculo imaginário com o dedo em volta do meu rosto, inclinando-se para mim. — Mas, acima de tudo... — ele respirou, colocando um beijo suave no canto dos meus lábios. — gosto da perseguição. Você me faz suar em algum lugar além do campo de futebol. Acontece que... esse é o exercício que estou procurando.

Assim que ele disse isso, a porta se abriu e Vicious entrou. Para minha sorte, ele estava olhando para um pedaço de papel que segurava em uma das mãos e o envelope rasgado na outra. — Não posso acreditar que ela diz merdas como essa — ele murmurou.

Isso me permitiu um minuto para pular da ereção de Jaime e reorganizar minha saia, inclinando-me para baixo e fingindo folhear um dos livros que ele tinha em sua mesa. — Aqui está o parágrafo que você estava procurando. — Limpei minha garganta e me endireitei.

Vicious finalmente olhou para cima, mas não era para mim. — Trent acabou de me mandar uma mensagem. O treinador convocou uma reunião de equipe. Toby foi nomeado capitão para o próximo ano.

— Que seja. — A mandíbula de Jaime apertou. A atmosfera na sala mudou. Nenhuma palavra foi dita, mas planos estavam sendo feitos, bem na frente dos meus olhos.

Toby Rowland estava com tantos problemas que fisicamente me machucou pensar o que eles fariam com ele quando o pegassem sozinho.

— O que quer que pareça certo — repetiu Vicious, sua voz plana. — Muito obrigado pela detenção, Srta. G. Espero que saiba o que *está* fazendo. — ele balançou a cabeça com um sorriso sádico. *Uma ameaça.*

— Vicious — Jaime rangeu. *Um aviso.*

Vicious caminhou até sua cadeira e se jogou nela, acenando com a mão. — Ela tem sorte de você *ter uma quedinha* por ela. Caso contrário, eu a teria reduzido a cinzas em Liberty Park.

Uma queda e tanto, baby, pensei enquanto voltava para a minha mesa. Você não tem ideia.



CAPÍTULO OITO

AQUELE DIA MUDOU tudo, porque a partir dali, Jaime e eu começamos a enviar mensagens de texto. Ficou bem fácil planejar as coisas. Mais encontros quentes no meu apartamento parcialmente encaixotado. Mais foda em posições insanas. Mais beijos roubados na escola, gozando com a emoção de ser pega.

No final da semana, Jaime me enviou uma foto sua flexionando seus braços em frente ao espelho do vestiário. Quase não abri a mensagem, com medo de ver algo horrível como o pau de outra pessoa, mas então me lembrei que era de Jaime que eu estava falando. Ele era estranhamente responsável para alguém de sua idade e de seu status. Dos quatro, ele era o mais quieto. Aquele com a bússola moral funcional. Se Vicious era o malvado; e Dean, o drogado; e Trent era a alma linda e perdida em busca de sua companheira, Jaime era o cimento que os unia. Ele era o cara com quem você sempre podia contar. E eu estava começando a contar com ele também.

Jaime:

Está comprovado cientificamente. Você está montando o melhor garanhão da cidade. Essas armas podem matar.

Eu:

Jaime, você tem dezoito anos. Perspectiva, por favor.

Jaime:

Isso vindo de alguém que vai dormir com meu pau na mão.

Pizza hoje à noite?

Eu:

Isso aconteceu uma vez. Por acaso.

Eu:

E sim. Mas sem cebolas.

Encostei-me em uma caixa cheia de livros e ri, abraçando meu celular como uma idiota. *Um desastre*, pensei comigo mesma. *Que porra você está fazendo? Está namorando-o agora?*

Jaime:

Sem cebola? Sem preservativo então. Estou limpo. C tá tomando pílula.

Eu:

VOCÊ ESTÁ. VOCÊ ESTÁ.

Eu:

Combinado.

Jaime:

Um prazer fazer negócios com você. x

Querido Deus, eu precisava parar com isso. Parar com isso antes que eu me machuque. Apesar que a maneira como meu coração apertava cada vez que o notava pela primeira vez na aula parecia um pouco difícil. O prazer de dormir com ele misturado com uma pitada de dor. Ele ainda me cobria. Me cobria de alegria e risos e sexo incrível. Mas agora ele estava me sugando também.

Emoções, pensamentos, lógica.

Naquela noite, Jaime chegou ao meu apartamento e me puxou

para o sofá, salpicando todo o meu rosto de beijos. Ri, jogando meus punhos em seu abdômen esculpido. Rolamos, meio beijando, meio lutando e rindo, antes de ambos pararmos para respirar, examinando o rosto um do outro pela primeira vez desde que ele entrou. Ele estava em cima de mim, seus olhos percorrendo meu rosto, em busca de respostas às perguntas que estávamos com medo de perguntar em voz alta.

— Como você sabia que estou tomando pílula? — O silêncio soou tão alto que senti a necessidade de quebrá-lo.

— Vi no balcão do seu banheiro. Dã.

— Bem, então, vamos ficar pelados e fazer algumas coisas sujas. Eu sei que é sexta-feira e você provavelmente vai querer sair com seus amigos mais tarde. — Agarrei a bainha da minha camisa e comecei a me despir.

Ele me parou, sua palma na minha mão. — Pega leve, mocinha. Sem pressa. Vamos assistir a um filme de merda dos anos 90 juntos enquanto esperamos pela pizza. Vou dormir aqui esta noite.

Fiz uma careta. Vicious dava festas todo fim de semana, e os HotHoles estavam sempre presentes. Era obrigatório ou alguma merda assim. Acontece que eu sabia disso porque, no All Saints, ser convidado para essas coisas significava que você era um dos aceitos. Também sabia que havia uma festa hoje à noite porque ontem os corredores estavam cheios de conversas silenciosas sobre quais caras seriam desafiados para uma luta no *Defy* e quais garotas iriam entrar na sala de mídia privada de Vicious, onde os HotHoles se encontravam.

— E a festa de Vicious? — Perguntei. Nas últimas semanas, a mera ideia de ter Jaime sentado ali na sala isolada com mulheres jovens e dispostas se oferecendo a ele me fazia enlouquecer. Eu odiava

essas festas e desprezava Vicious ainda mais por organizá-las.

— Estou planejando uma festa ainda maior entre suas pernas esta noite. — Ele balançou as sobrancelhas para mim.

Revirei os olhos, mas não pude deixar de sorrir. — Acho que gosto de você — murmurei, pressionando meu rosto em seu torso musculoso em um abraço. Senti seu coração batendo em meu ouvido.

— Acho que também gosto de você.

Meu coração quase explodiu, e me peguei segurando a âncora do meu colar para salvar minha vida, sabendo que, desta vez, isso não poderia me salvar de cair mais fundo em qualquer inferno que estávamos criando.

Na verdade, eu sabia exatamente o que era.

Magia.

Está psicologicamente provado. As pessoas mentem para si mesmas para se protegerem das coisas que fazem. Pelo que pensam e sentem. Eu estava em negação quando se tratava de Jaime Followhill. Na minha cabeça, minimizava a coisa toda. Reduzido a nada além de diversão. Mas a verdade é que nunca fiquei tão intrigada com um homem.

Desafio.

Isso é o que mais me pergunto. Por que ele lutava? Ele não parecia o tipo que precisava de uma válvula de escape violenta para se descontraír. Vicious, com certeza. Mas Jaime? Não. Ele parecia um cara descontraído.

Então, depois do filme e da pizza (sem cebola. Ele se lembrou), perguntei a ele.

Eu o preparei de antemão. Sabia que Jaime não iria se abrir

sobre coisas que tinham a ver com seus amigos com tanta facilidade. Eu me ajoelhei e o tomei – tudo dele – profundamente em minha boca, cobrindo a maior parte de seu eixo, meu punho fazendo o resto. Ele gemeu e puxou minha cabeça para trás e para frente, meu cabelo em seu punho.

— Vou gozar na sua boca — anunciou. Ele se levantou, com um pé preguiçosamente apoiado na minha geladeira, em toda a sua glória nua de um metro e noventa.

Eu gemia em sua carne quente, pendendo minha cabeça de um lado para o outro. Gostei. Por me sentir admirada e desejada por um homem mais jovem. Ele estava me deixando louca... mas eu estava deixando-o selvagem.

Meu gemido o encorajou, e ele se esvaziou dentro da minha boca. O líquido quente e salgado disparou direto para minha garganta, e eu engoli instantaneamente, desesperada por cada gota dele.

Após sua liberação, ele deslizou pela frente da minha geladeira, afundando-se em uma posição sentada, com os joelhos dobrados, enquanto ele lentamente soltava meu cabelo. Nós dois sorrimos, o tipo de sorriso privado que só nós sabíamos decifrar. Eu duvidava que pudesse dar aquele sorriso para outra pessoa, mesmo se eu tentasse.

— E aí? — Ele agarrou minha mão, de improviso e confiante, e me puxou para sentar entre suas pernas. Eu fiz, ronronando em sua boca enquanto nós compartilhávamos um beijo lento e sedutor. — Olhe só para a minha bailarinizinha, aprendendo a pagar boquete como se estivesse nos anos oitenta.

— O que aconteceu nos anos oitenta? — Perguntei, me sentindo ridiculamente estúpida. Você pensaria que eu sabia mais sobre a década do que ele. Ele deu de ombros.

— Nada. As pessoas gostavam de chupar, acho.

Balancei minha cabeça em uma risada. Ele era tão ridículo às vezes, mas isso é exatamente o que tornava tão fácil relaxar com esse cara. Coloquei minha palma contra seu peito. — Preciso te perguntar uma coisa.

— Uh-oh. Estou com problemas, Srta. Greene? Fui um menino mau? Preciso de uns tapinhas? — Ele balançou as sobrancelhas e riu.

Deus, ele era sexy. E Deus, era assustador.

Balancei minha cabeça, fechando meus olhos para não ver sua reação ao meu rubor. — Conte-me sobre o Desafio — disse.

Nenhum dos professores sabia muito sobre Desafio, exceto os ferimentos que víamos nas manhãs de segunda-feira. Os alunos se metiam em brigas sangrentas nas festas de Vicious, e não havia nada que pudéssemos fazer sobre isso.

Jaime franziu a testa. — O que você quer saber?

— Quero saber tudo. — Limpei minha garganta. — Onde, por quê, como e, acima de tudo... por que *você* faz isso?

Seus olhos ficaram sombrios e ele puxou o cabelo loiro em um coque alto. Observei em silêncio, engolindo em seco enquanto ele me examinava sob seus cílios. Eu estava entrando mais fundo em um território que não era meu. Nós dois estávamos. Isso era íntimo e secreto, duas linhas que prometemos que não cruzaríamos fora do quarto.

Estávamos burlando as regras?

Ocorreu-me que fui a primeira a ultrapassar a linha tão tênue que era nosso relacionamento. Mas também me ocorreu que não havia uma linha. Era mais como uma pintura abstrata cheia de linhas, círculos e triângulos. Uma bagunça, e tentar manobrar seus movimentos nessa coisa entre nós era inútil.

— Isso não sai daqui — alertou Jaime, baixando o queixo, seu

nariz tocando o meu.

— Claro — disse como se isso fosse óbvio. Ainda estávamos no chão, minhas pernas entrelaçadas nas dele. Eu queria jogar fora meu chapéu de professora naquele momento. Melhor, queimá-lo até as cinzas. — Isso é entre você e eu. Só estou curiosa.

— Bem... — Ele me puxou mais fundo entre suas pernas, abrindo-as mais para me acomodar. Seus olhos se fixaram em um ponto invisível na parede. Isso era difícil para ele. Abrir mão de um segredo que não era totalmente dele. — Onde? Na casa de Vicious. Todo final de semana. Caras sabem que não devem ir às suas festas se não tiverem vontade de lutar. Mesmo assim... todo mundo vai. Vamos admitir. Esta cidade é chata pra caralho. Somos todos ricos, privilegiados e desesperados para preencher o vazio.

— Que vazio?

— *Aquele* vazio. Seja sexo, pressão ou dinheiro. Lutamos na quadra de tênis. Seu pai e sua madrasta nunca a usam, então, eles nunca notam as manchas de sangue, que seu faz-tudo cuida durante a semana.

Esse vazio era familiar. Eu não queria dizer a ele que também tinha. O buraco na minha alma. E que eu também encontrei uma maneira de preenchê-lo. *Com ele.*

De repente, ele serpenteou uma mão atrás das minhas costas e me abaixou junto com ele para o chão, fazendo isso lentamente para que eu não batesse minha cabeça.

Um sorriso malicioso curvou seus lábios. — Por quê? Porque é divertido. Porque os homens se tornaram emasculados pra caralho pela sociedade, às vezes temos vontade de ter nossas bolas de volta. Por que os caras amam tanto o *Clube da Luta*? É porque atrás de cada cara vestindo boxers A&F, cheirando a loção pós-barba cítrica, e sabe

quem é *Versace* e te leva para um jantar italiano e um filme estrangeiro, há um selvagem que só quer agarrar você pelos cabelos e arrastar você para sua caverna.

Sua outra mão se moveu entre nós, deslizando pela minha barriga, encontrando minha calcinha encharcada. Eu estava usando um vestido na altura do joelho, mas estava puxado para cima e Jaime não parecia estar muito incomodado com isso. Ele esfregou minha entrada através da minha calcinha furiosamente.

— Como? Alguém vai à piscina com as mangas arregaçadas. É um convite para lutar. Você não pode desafiar um cara específico. O outro cara tem que ser voluntário. As garotas adoram, até quando você perde, então, os caras fazem isso, porque boceta é legal, mesmo quando você tem o lábio sangrando. Usamos nossos punhos. Chutes. Merda básica de MMA. Mas lutamos limpo, principalmente. E se as coisas saírem do controle, o que normalmente não acontece, a menos que Vicious esteja envolvido... — Ele mordeu meu lábio, puxando minha calcinha com força e empurrando dois dedos. — Então, um dos HotHoles interrompe antes que a merda vá para o pronto-socorro.

Eu choraminguei, apertando em torno dele. Ele foi mais rude do que o normal e duvidei que fosse uma coincidência. Ele queria me mostrar que era um homem, não uma criança.

E consegui. Dentro e fora, dentro e fora, ele me tocava enquanto eu me contorcía no chão da cozinha embaixo dele.

Então era isso. Este era o Desafio. Eu tinha mais perguntas que não conseguia articular exatamente naquele momento, mas uma coisa estava clara: Jaime não tinha medo de se machucar. Não fisicamente, de qualquer maneira.

Mas, e emocionalmente?

E quanto a mim? Eu seria capaz de receber o golpe quando as

coisas entre nós piorassem?

Tudo que sabia era que *meu* sul gostava dele. Tanto que gozei em seus dedos antes mesmo que ele tivesse a chance de tocar meu clitóris.

— Você parece muito viril para mim — respirei, as pernas gelatinosas com olhos semiabertos.

— E você parece uma mulher digna para se lutar, Srta. Greene.



CAPÍTULO NOVE

EXATAMENTE SEIS SEMANAS celestiais até Jaime reivindicar não apenas meu corpo, mas também meu coração. Sem surpresa, foi o dia em que fiquei menstruada (também conhecida como a época em que meus hormônios estavam causando estragos no meu corpo). Foi também o dia em que me mudei.

Encontrei um lugar em uma pequena cidade litorânea nos arredores de Todos Santos e consegui um professor substituto para cobrir minhas aulas naquele dia. Isso não impediu a Diretora Followhill de grunhir que eu tinha coragem de tirar uma folga quando minha posição estava em jogo e minhas aulas estavam atrasadas no plano de estudos exigido. Ela estava de volta aos velhos tempos, agora que me pagou pelo acidente de carro de Jaime.

Como não queria gastar muito dinheiro com mudanças, decidi fazer o trabalho pesado sozinha. Passei minha manhã correndo do meu antigo apartamento para o novo, movendo as caixas para cima e para baixo nas escadas. Estava suada e fedorenta, com meu rabo de cavalo bagunçado, calça de moletom *PINK* e uma regata amarela que exibia minha barriga tonificada. Se houvesse um marido em potencial

esperando por mim no complexo sombrio para o qual estava me mudando, ele pensaria que eu era gostosa. E, possivelmente, sem-teto.

Em minha terceira corrida de volta ao meu antigo apartamento, vi Jaime esperando na porta. Ele estava vestindo uma regata branca sem mangas e short cáqui. O tipo que abraçava a bunda dele como se dissesse: *É melhor você acreditar que estou grudado nisso o dia todo, vadia.*

Meu coração palpitou, o que fez minha alma dar um salto de dor. *Só até o fim das aulas, lembra?*

— Você deveria estar na escola. — Passei por ele, marchando para o meu apartamento. Sim, fui fria com ele por causa do comportamento de sua mãe ontem, e não, não era justo, mas não pude evitar. Eu estava menstruada. Ele precisava me dar uma folga. Além disso, ele realmente estava matando aula. Eu ainda me preocupava com sua educação. Muito, na verdade.

— Pensei que você estivesse doente. — Ele correu para o meu apartamento antes que a porta se fechasse, com as mãos enfiadas nos bolsos. — Você nem mencionou que estava se mudando hoje quando nos vimos ontem.

— Você viu as caixas.

— Sim. Elas estão desde a primeira vez que estive aqui. Você nunca coloca nada nelas. Achei que você tinha se mudado para cá, não que estava saindo. Que tipo de besteira é essa?

— Meu senhorio quer o lugar para si, então, arrumei outro. — Dei de ombros e me recusei a explicar mais porque essa coisa com ele era para ser divertida. Ele não precisava saber minha programação, embora na maioria dos dias, nós dois soubéssemos exatamente onde a outra pessoa estava. Havia dor em sua voz. Eu não apenas ouvi, eu senti. Como um soco no estômago. Isso estava errado. Ele precisava

saber, não devíamos nada um ao outro.

Com um suspiro, Jaime mudou de assunto. — O que quer que seja. Vamos sair.

— Você não pode faltar às aulas, Jaime. Você vai perder o ano. Mesmo que você já tenha sido aceito na faculdade, parece ruim. — Comecei a juntar minhas roupas pelos cabides. Eu iria carregar mais algumas caixas para o meu carro, mas não queria que ele me visse derretendo em uma pilha suada de raiva da TPM.

— Em outras palavras, você não quer sair comigo? — Ele me seguiu, derrubando uma pilha de caixas com seu corpo enorme no processo.

— Não. Não tenho tempo para foder hoje. — Continuei andando de um lado ao outro, enfiando minhas roupas penduradas em um par de cestos de roupa suja, esperando que ele entendesse a dica.

Maldito seja. Era culpa dele que eu ainda não tivesse ampacotado tudo.

Jaime agarrou meu ombro rígido, me estudando. — Você acha que é por isso que vim aqui? Para te foder?

Seu olhar cru tirou uma camada da minha atitude de merda, mas eu ainda precisava que ele fosse embora. Isso tinha que parar. *Precisávamos* parar.

Então, por que ficava sem fôlego toda vez que pensava na minha vida sem ele?

Encolhi os ombros novamente. — Não? Ok, então não. Mesmo assim, estou me mudando, como você pode ver, e estou ocupada. — Levantei a pilha de roupas em minhas mãos para dar ênfase. — Te vejo amanhã.

— Vou ajudar — Jaime anunciou, agarrando a caixa maior e mais pesada e jogando-a em um de seus ombros.

Eu queria protestar, mas merda, aquela caixa pesava cerca de quarenta quilos, fácil. Estava evitando aquela coisa como aquela tia bêbada em uma recepção de casamento que ninguém queria falar. Examinando as veias proeminentes em seus braços saltando, eu sabia que deveria recusar sua ajuda. Ele deveria estar na escola. Isso poderia até levantar suspeitas, eu e ele não aparecendo no mesmo dia. Lembrei-me da ameaça velada de Vicious.

Mas... eu realmente precisava de ajuda.

Além disso, ficava desamparada quando se tratava dele.

— Certo — disse, depois de uma pausa. — Vou mostrar onde estou estacionada.

Ele resmungou, me lembrando quem é o chefe por aqui. — Faz mais sentido usar o *Range Rover*. Mais espaço. Podemos terminar mais cedo. Isso nos dará mais tempo para ficarmos juntos.

Exalei, descendo as escadas. — Só para avisar, estou menstruada.

— Não me diga. Você escondeu tão bem. — Ele jogou a caixa na parte de trás de seu SUV como se fosse leve como uma pena. — Como eu disse, estou aqui para sair. — Ele jogou, com sua carranca.

Acho que íamos sair juntos.

Terminamos de mudar (e desempacotar) tudo por volta das sete da noite, e Jaime deu uma corrida rápida até o *Wendy's* mais próximo. Ele perguntou se deveria comprar cerveja também, e depois que eu disse que sim, quase mordeu minha língua, percebendo o que tinha feito. Era fácil esquecer que ele não tinha a minha idade. O engraçado é que ele trouxe cerveja. Quando perguntei se ele tinha uma identidade falsa, ele riu e bagunçou meu cabelo como se eu fosse uma criança adorável, explicando que nunca pediam identidade aos HotHoles em Todos Santos. Balancei minha cabeça e abri minha

cerveja.

Jaime conectou minha TV e arrastou a mesa de centro para o meio da sala. Assistimos a um *game show* de merda dos anos 80. Seus pés estavam sobre a mesa, enquanto me encolhia no sofá. Parecíamos um casal. Além do mais, agíamos como um.

Parecia natural. E assustador. Por um momento, apenas um momento breve, louco, obviamente-preciso-de-ajuda, imaginei que estávamos nos mudando para este apartamento juntos, ele e eu.

— Como chegamos a esse ponto? Puta merda, estou fodendo meu aluno — murmurei do nada, meus olhos ainda grudados na TV.

— Bem... — Jaime se espreguiçou, engolindo o que restava de sua cerveja num só gole e jogando-a contra a mesa. — Chantageei você para isso. Foi assim.

Seu sarcasmo continha uma mentira em que eu queria acreditar. Nós dois sabíamos que ele não me forçou. Transei com ele por escolha. Coloquei a cerveja nos lábios, postergando.

— Ok. — Ele lambeu os lábios e desligou a TV, esfregando as coxas. — Vamos jogar Verdade ou Desafio.

Fiquei tentada a lembrá-lo que não tinha 12 anos, mas não queria ser ainda mais resmungona. Então, eu bati meus cílios inocentemente. — Você vai arrancar meus segredos como quem ordenha uma vaca?

— Poderia muito bem, já que você não vai ordenhar meu leite esta noite. — Ele se levantou do sofá, desapareceu em minha pequena cozinha nova e voltou com uma garrafa de *Jose Cuervo*. Segurando a garrafa de tequila pelo gargalo, ele se sentou ao meu lado. Agora, estávamos ambos sentados de pernas cruzadas no sofá, um de frente para o outro. Um ventilador zumbia acima de nós, e se estivéssemos realmente em silêncio – o que estávamos – poderíamos ouvir o som

das ondas quebrando contra a costa, seu ritmo sistemático, como uma doce canção de ninar.

— Esta conversa precisa de bebida, então, um gole para cada vez que escolhermos uma verdade em vez de um desafio. — Jaime colocou a garrafa entre nós, sua voz cortante. Ele estava me olhando engraçado.

Jaime normalmente era impossível de ler. Um atleta sexy e despreocupado com escuridão atrás de seus olhos claros, mas a expressão que ele usava... estava no limite de dor.

— Não quero você bebendo sob meu teto. Você tem menos de vinte e um.

— Tenho dezoito anos. Em qualquer outro lugar do mundo – virtualmente em toda a Europa – teria permissão para tomar qualquer merda onde eu quisesse.

— Não estamos na Europa — respondi impassível.

— Estaremos, um dia. Juntos — sua declaração bizarra saiu tão confiante. Quase me dobrei. Está bem, então. De volta ao assunto, eu acho.

— Sou ousada. — Levantei uma sobrancelha, rindo principalmente para esconder meu constrangimento com o quão nervosa estava.

— Os que ousam realmente escolhem a verdade. É sempre mais tentador do que um desafio. — Seu olho direito piscou. — Então... verdade ou desafio?

— Desafio — provoqueei, esperando aliviar a tensão. Aonde quer que essa conversa estivesse indo, seria um lugar cru e perigoso para nós dois.

Jaime abaixou o queixo e passou o polegar sobre o lábio inferior, seu jeito brincalhão espiando do muro de sobriedade que

havia construído em torno dele esta noite. — Te desafio a me olhar nos olhos e me dizer que você não tem sentimentos por mim.

Suas palavras eram simples, mas seu pedido – impossível.

Pisquei, percebendo pela primeira vez que a resposta à sua pergunta era algo que eu não estava pronta para enfrentar. — Verdade — disse e engoli dolorosamente.

Jaime inclinou a cabeça para trás e riu. Parecia rude e infeliz.

Desviei o olhar, sentindo meu rosto empalidecer. — O quê? Tenho permissão para mudar de ideia.

— Não tem. — Ele estendeu a mão para mim, roçando o polegar na minha bochecha. — Diga-me o que você sente. — Seu tom mudou para mais suave.

— Por quê? — Sussurrei, resistindo à vontade de fechar os olhos. Se o fizesse, uma lágrima escaparia. Eu nunca chorava. Desde o acidente em NY. Eu lidava com o sentimento. Maldito seja, Jaime Followhill. Eu lidava.

Jaime manuseou meu queixo, inclinando meu rosto para encontrar seu olhar. Lentamente, ele trouxe sua testa contra a minha e fechou os olhos, soltando um suspiro de derrota. — Porque eu também sinto isso.

Eu queria que ele me beijasse. Me beijasse forte e suave ao mesmo tempo, um beijo que me asseguraria que eu não estava louca por descobrir o que acabei de descobrir neste sofá esfarrapado neste minúsculo apartamento.

Que estava apaixonada pelo meu aluno.

Tentei me convencer de que era apenas sexo. Não era. Eram noites de pizza e risos debaixo do meu cobertor barato e áspero e apelidando um ao outro de nomes estúpidos. Eu era a bailarinzinha, enquanto ele era a língua de girafa, por motivos que me davam

inúmeros orgasmos.

Assistir a filmes de Tarantino e roubar beijos de tirar o fôlego na escola, dois ladrões de prazer, implorando para confessar seu crime. Eu estava fascinada, desesperada e possuída. E sabia com certeza que, assim que ele se formasse e se mudasse para a faculdade, o golpe seria tão forte quanto o meu acidente de metrô.

Dançar *era* minha vida.

Mas Jaime? Jaime *é* minha vida, percebi.

Ele tomou um gole da tequila, apertou a tampa de volta e me puxou para ele, segurando minha nuca para trazer meus lábios aos dele.

— Me pergunte. — Seu hálito fumegante de álcool vazou em minha boca.

— Verdade ou desafio?

— Verdade. E vai ser feio. Prepare-se. — Ele me soltou, se afastando, seus olhos tremulando fechados. Frustração e dor irradiavam de seu rosto, e ele se curvou no sofá, parecendo quase derrotado. Este não era o Jaime que eu conhecia. O diabo com o sorriso de tirar as calcinhas.

A preocupação corroeu meu estômago.

— A primeira vez que te vi — ele começou —, eu queria marcar sua bunda com meu nome, para que todos soubessem que eu seria o único cara a tocar nessa merda. Você parecia uma princesa, Mel. Uma princesa incrivelmente gostosa com uma postura perfeita e cachos rebeldes. — Ele sorriu. — Claro, agir assim estava fora de questão. Uma fantasia. Então, voltei para casa no primeiro dia do meu último ano, e mamãe não parava de falar sobre você. *Melody isso, Melody aquilo*. O quão ruim você era no seu trabalho, como você iria arruinar o legado do Sr. Pitterman, blá, blá, besteira, blá. Ela odiava

sua coragem. Deu-lhe o trabalho apenas porque ele morreu tão repentinamente.

Ele estava me contando coisas que eu já sabia, mas não as tornava menos dolorosas. O professor de Literatura anterior morreu de ataque cardíaco dois dias antes do início das aulas. A Diretora Followhill precisou agir rápido.

— Você se tornou o assunto favorito em nossa mesa de jantar. Ela detestava tudo em você. — Jaime tomou um gole, estremecendo com a mordida da tequila. — Você era bonita e jovem e não ficava impressionada com o poder dela, o status e o dinheiro fedorento que dirige nossa fodida cidadezinha. — Ele falou com os olhos bem fechados. Envergonhado, provavelmente pela primeira vez na vida. — Você era uma boa professora. É por isso que eu nunca enchi seu saco. Não era sua culpa que éramos um bando de idiotas privilegiados.

Coloquei minha mão em seu braço. Ele bebeu um pouco mais.

Sua dor é minha e quero suportá-la, porque posso. Porque é isso que eu faço. Carrego minha dor o tempo todo. Deixe-me tirar a sua, meu toque implorava a ele.

— Eu disse à mamãe para calar a boca várias vezes. Não porque eu queria te defender, mas porque fofocar sobre você alimentava um monstro dentro de mim. Falar sobre você só tornava mais difícil para mim ignorá-la. Tão gostosa... — Ele acenou com a cabeça e mordeu o lábio carnudo, os olhos ainda fechados. — Quando soube que você teve que abandonar Julliard, quis morrer por você. Tive a sensação de que ensinar não era sua vocação. Fiquei pensando em você aos dezoito anos. Minha idade. Seu coração partido pelo azar, despedaçado por um acidente que deixou mais do que uma cicatriz física.

Eu me mexi no meu pequeno sofá. Parecia menor com cada

palavra que ele dizia. Meu olhar viajou até minhas mãos. Fiquei lisonjeada. Fiquei horrorizada. Mas, acima de tudo, eu estava confusa.

— Você ficou pensando em mim o ano todo?

Ele bufou uma risada triste.

— Mais do que pensar. Seis semanas depois do início das aulas, tive uma grande briga com minha mãe. O treinador Rowland estava brigando com Trent sobre ter quebrado o tornozelo. Como se ele planejasse se machucar e estragar todo o seu futuro esportivo. Finalmente defendemos Trent contra o treinador, mas mamãe defendeu Rowland. Minha briga com ela me deixou tão frustrado que cedi à minha fraqueza por você. Eu te segui até o seu apartamento, tentei dar uma espiada em particular pela janela do seu quarto. Eu não sei por que fiz isso. Era como beber a porra do *Emergen-C*. Eu só queria relaxar.

Jaime abriu os olhos, seus olhos azuis me desafiando. — Você era o pecado perfeito para cometer, Melody. Implorando para ser fodida. Intocada pelo resto das poses e direitos de Todos Santos. Eu fui fisgado. Daquele dia em diante, segui você por toda parte como um cachorrinho ansioso. No supermercado, no posto de gasolina... na porra do parque todas as manhãs antes do treino, onde observava você fazendo posições de ioga e tentava não ‘bater’ uma rápida atrás de uma árvore. Eu te seguia em encontros às cegas, e quando percebi que você nunca conheceu os idiotas antes, também encontrei sua conta de namoro e abri um perfil com um nome falso apenas para poder persegui-la melhor.

Minha mão tremia quando a levei até os lábios. Nada disso soava como o cara com quem namorava. Quer dizer, fodia. Não, espere, namorava. Definitivamente namorava. Nos últimos dez minutos, esse relacionamento tinha mudado mais rápido do que um

corredor em um buffet de macarrão coma-à-vontade.

Outro gole. Outra respiração profunda. Outro espinho em meu coração.

Jaime estava se aproximando de um território de merda com cada verdade que saía de sua boca.

— Estou ouvindo — solicitei, com medo de que ele se fechasse para mim.

— Três meses atrás, peguei minha mãe traindo meu pai com o treinador Rowland. Na minha cama.

Eu ofeguei. Corríamos descalços em um campo minado de emoções, e Jaime acabara de explodir um bomba improvisada sob minhas pernas.

O pai de Jaime nunca se preocupou em embarcar no trem de fofocas que viajava por Todos Santos. Eu não sabia muito sobre ele. Só que ele era conhecido como um filantropo que trabalhava com várias grandes instituições de caridade e que, apesar de sua linhagem privilegiada, não estava muito interessado em brilho e glamour.

— Eu não sei qual parte foi pior. Que ela deixasse o treinador abusar emocionalmente de Trent por anos ou que estivesse fodendo o bastardo na minha cama. Gostaria de acreditar que o local era conveniente. Minha cama sempre cheirava a sexo, de qualquer maneira, e nunca era arrumada. — Seus olhos brilharam de dor.

Envolvi minhas mãos em volta do seu pescoço.

Jaime falou no meu cabelo, seu queixo pressionado no meu ombro. — Foder alguém que ela odiava parecia uma boa terapia. Então, comecei a planejar, e você e eu começamos a conversar mais naquele *site* de namoro. Você se abriu para mim. Me disse o que você gostava e não gostava. Seu gosto musical. Filmes favoritos. Férias dos sonhos, camada após camada descascada. E quando chegou a hora de

atacar, marquei uma data. Eu era o cara perdedor que ainda vivia com a mãe aos 26 anos.

Desgraçado.

Ri. Ele riu. Então, fiquei em silêncio e comecei a chorar. Droga de TPM. Ele enxugou minhas bochechas e me ofereceu a tequila. Eu peguei dele e tomei um gole. Tudo estava uma bagunça.

— Você é um verdadeiro idiota, Jaime.

Jaime esfregou a cabeça, bagunçando seu glorioso coque. — A mensagem que você recebeu quando saiu da vaga de ré? Planejado. A razão pela qual você bateu em meu carro? Eu armei para você, Mel. A mensagem foi uma distração deliberada. Uma armadilha. Mas você sabe qual é a pior parte?

Balancei minha cabeça, sentindo minhas lágrimas, quentes e com raiva, escorrendo pelo meu rosto.

Ele me encarou com os olhos avermelhados. Ele não derramou lágrimas, mas eu sabia que as estava segurando. — Em algum lugar entre a busca de querer te foder e me rebelar secretamente contra minha mãe, me apaixonei por você. Não foi um processo bonito. Inferno... — Ele riu, esfregando a nuca. — Nem foi romântico. Mas aconteceu. Porque você é forte, mas vulnerável. Espirituosa pra caralho, mas não amarga ou deliberadamente má. Porque tive que perseguir sua bunda para prendê-la, e você ainda me mantém pianinho. Mas se vamos continuar assim, onde eu tenho que convencê-la a me dar a hora do dia enquanto você olha por cima do ombro, constantemente tentando se livrar de mim, preciso sair disso antes que eu me machuque.

Ele pegou minhas bochechas e puxou meu rosto para encontrar o dele. — Homens com paus grandes têm corações frágeis. Você conhece o ditado: pau grande, coração grande. Bem, sou a prova de

que é verdade.

Soltei uma risada sem fôlego. Nossos narizes roçaram, e eu respirei fundo. Um momento de silêncio passou.

— Então... você é minha, Melody?

Eu era? Sim. Sem sombra de dúvida, eu era. Deus, nós realmente íamos fazer isso?

Assenti, fungando o nariz. — De mais ninguém. — Apertei os lábios, já sentindo o sabor salgado da dor que acompanhava essa afirmação.

Nossos lábios esmagados juntos, carentes e exigentes. eu não estava brava. Não estava apavorada. Pela primeira vez em muito tempo estava apenas... contente.

Um sentimento estranho que queria mais. Uma droga em que mais tarde me viciaria.

— Você precisa voltar a dançar — Jaime disse entre beijos barulhentos e desleixados. — Sua perna está bem agora.

— Tenho vinte e seis anos. — Funguei, mais lágrimas caindo, mas ainda estávamos nos beijando. — São cento e oitenta e dois em anos de cachorro e, tipo, duzentos e dois em anos de bailarina.

— Então, se contente com algo fora de uma companhia de balé, vovó. *Ensinar*.

Finalmente, eu me afastei de seu rosto, sugando uma respiração. Mordi meu lábio inferior. — O estúdio de dança aqui é de uma amiga de sua mãe.

— Então, encontre um estúdio em San Diego. São apenas trinta minutos de carro. Você pode realizar seu sonho e ainda morar perto de mim.

Uau, o quê? Isso me pegou desprevenida. Minhas sobrancelhas franziram, e procurei seu rosto. — Jaime, você vai se mudar para o

Texas. Você vai fazer faculdade lá. Você tem um grande futuro planejado.

Ele segurou meu olhar, ignorando minhas palavras completamente. — Você poderia até ensinar balé em LA. Vicious vai para a faculdade lá. Se ele pode entrar, eu também posso.

Eu me perguntei se ele estava bêbado ou apenas louco. Ele parecia os dois. — Vicious não é o melhor modelo. Ele está apenas dando uma pequena pausa até que incendeie esta cidade. Você e eu sabemos disso.

Jaime balançou a cabeça com um sorriso triste no rosto. — Mesmo que ele incendeie, eu o ajudaria a acender o fósforo. Os HotHoles ficam juntos. Isso é quem nós somos. — Ele entrelaçou seus dedos nos meus.

— Você não vai ficar aqui — disse. Mesmo assim, egoisticamente, eu não queria que ele se afastasse. Além disso, só de pensar nele morando no Texas, longe de mim, minha pele se arrepiava.

— Besteira. Vou ficar onde estão as únicas pessoas de quem gosto. Você. Vicious. Trent. Dean pode até ficar se Vicious não o matar... — Ele parou.

— No Desafio? — Perguntei.

— Isso não. É mais complicado.

Balancei minha cabeça. Por mais que eu gostasse de tê-lo por perto, era do seu interesse partir. Este lugar era um inferno. A cidade dos santos estava cheia de nada além de pecadores. Ele já estava corrompido, mas não além do reparo.

— Não. — Fiz minha voz mais firme, tentando usar aquele tom autoritário de professora aos quais meus pais eram tão bons. — Você disse que me amava. Se você fizer isso, prometa-me que sairá daqui

antes que se machuque. E chega de Desafio. — *Provavelmente as pessoas já se machucaram*, pensei. — Vá embora, James.

— Não posso. — Ele levou minhas mãos aos lábios, beijando meus dedos um por um. — Não vou deixar você aqui ou em qualquer outro lugar. Ei, nunca quis ir para a faculdade no Texas, de qualquer maneira. Você sabe como é perigoso ter uma aparência tão boa em um campus tão grande? Eu poderia ficar enjoado, Srta. G.

Ele piscou. Eu ri, mas parei rapidamente.

— Então, pelo menos me prometa que manterá Vicious longe de Millie? — Suspirei. Eu a queria segura, pela mesma razão que queria que eu estivesse segura. Ela era meu mini-eu. Antes de estar quebrada, de qualquer maneira.

— Ele nunca vai ficar longe dela. — A expressão de Jaime ficou tensa. — Por um lado, ele quer arruiná-la. Depois? Ela mora muito perto. Os pais dela trabalham para os Spencers.

Eu suspeitava que ela era a complicação que ele mencionou, e agora, ele confirmou. Ela também era uma boa distração para nós. Este não era o momento certo para falar sobre nossos planos como casal. Jaime estava bêbado demais. Muito emocional para pensar com clareza.

Nós dois estávamos.

Mas, no fundo, minhas verdades já estavam começando a cavar seu caminho para fora das minhas camadas de indiferença. E elas me diziam que não era sobre o álcool, ou a hora tardia, ou as conversas inconvenientes sobre o futuro.

Aquilo era sobre nós. Aquilo *era* nós.



CAPÍTULO DEZ

NO DIA SEGUINTE, acordei diferente.

Não sei como aconteceu, mas aconteceu, e era tudo culpa de Jaime. Aquele vazio que girava em minhas entranhas como uma tempestade, recusando-se a me acalmar apesar de meus melhores esforços? Não estava lá no dia seguinte.

Após o acidente que encerrou meus estudos em Julliard, pensei que nunca escaparia daquela sensação de vazio. Certamente, quando sua futura carreira e sonhos o consumiam, perseguiram você, como memórias amargas que beliscavam sua pele cada vez que você via a foto de uma bailarina ou ouvia sobre uma grupo de dança por sua cidade, você não poderia voltar disso e encontrar outra coisa para preencher o vazio.

Esse vazio.

Logicamente, presumi que provavelmente iria encontrar um cara. Me casar. Começar uma vida. Eu ainda tinha coisas para fazer e realizar, e algumas delas poderiam até ser divertidas. Pensei que talvez encontraria minha vocação em outro lugar. Não ensinando Literatura no Ensino Médio, mas, talvez com meus filhos?

Provavelmente poderia ser uma boa mãe. Uma mãe dedicada. Viver para meus filhos.

Mas na manhã seguinte, quando acordei nos braços do meu aluno, não o sentia como meu aluno. Mas como meu mentor. Como um homem que conhecia o caminho para aquela coisa escorregadia e evasiva chamada felicidade.

Não apenas fisicamente. A forma como seus músculos rígidos e corpo comprido me envolviam. O fato de ele ser tão alto e largo me fazia sentir protegida e querida. Era o seu calor – não o de sua pele, o de quem ele era – que me enchia com algo que não era vazio.

— Esta é a parte em que você foge disso, Mel — ele sussurrou em meu ouvido, sua voz rouca e sua ereção matinal dura contra minhas costas. Estávamos deitados de conchinha e eu não podia sentir seu hálito matinal, mas apostava que não era tão ruim quanto o de uma pessoa normal. O cara era irritantemente perfeito.

— Corra, Srta. Greene. O mais rápido que quiser. Vou alcançá-la e me divertir mostrando que não há como escapar disso.

Rolei para encará-lo, o espaço entre nós quente por dormirmos juntos em meu novo lugar. Sorri, um sorriso que não foi controlado ou calculado.

Ele puxou minha mão de debaixo das cobertas e pressionou meus dedos em seus lábios carnudos. — Merda, a Srta. Greene ficou corajosa.

— Estou prestes a ficar mais corajosa e oferecer café da manhã. — Eu não sabia o que estava dizendo ou por que estava dizendo, mas sabia que não queria que ele fosse embora. Ainda não.

— Você literalmente não tem nada além de álcool. — Jaime deu uma risada gutural, o tipo que sai da sua boca depois de ter uma longa noite de sono.

— Vou sair e comprar mantimentos. Você espera aqui. — Dei a ele um meio encolher de ombros.

— Ou, uma ideia melhor. Vou levá-la a uma lanchonete local. Agora, o que você acha? — Ele agarrou minha cintura e me puxou para seu corpo quente, pressionando sua ereção entre minhas coxas.

Suspirei, meus dentes afundando em meu lábio inferior até quase sangrar. Como eu poderia ficar tão frustrada sexualmente toda vez que ele não estava dentro de mim? Nós obviamente fizemos muito sexo.

— Acho que você está louco. As pessoas podem nos ver.

— Iremos para algum lugar fora da cidade. Talvez pela rodovia. Pare de ser tão paranoica. Todos Santos está cheia de velhos e ricos brancos. Eles não se aventuram além dos limites da cidade sem um bom motivo. Eles têm muito medo das massas sujas do mundo exterior.

Deixei escapar uma pequena risada. Ele estava certo, é claro.

— Estamos jogando um jogo perigoso aqui, Jaime — avisei.

— Não conheço outra maneira de jogar.

Outro mês se passou. Meu relacionamento com Jaime tornou-se assustadoramente íntimo. Ele mudou a maior parte de suas coisas para a minha casa e dormia lá noventa por cento do tempo. Não pude dizer não a ele depois que ele me confidenciou sobre sua mãe e o treinador Rowland. Não conhecia muitas pessoas que ficariam ansiosas para dormir na mesma cama que sua mãe costumava trair o marido. Mas enquanto desfrutávamos de mais sexo, mais telefonemas, mais noites de pizza e mais conversas sobre nosso futuro incerto, mais, mais, *mais* – ficava evidente que estávamos começando a deixar as pessoas

desconfiadas.

Vicious nos pegou em flagrante, nos beijando enquanto estávamos escondidos atrás do SUV de Jaime no Liberty Park após uma caminhada à meia-noite. (Nós só saíamos juntos quando todos estavam dormindo). Vicious não pareceu surpreso. Apenas nos ofereceu sua carranca usual, rosnando sobre como nós o enojávamos e seguiu em frente, provavelmente procurando por uma vítima para assassinar naquela noite. Ele manteve a boca fechada.

Mas outras pessoas não. Na escola, as meninas estavam ficando inquietas. Jaime não dava a mínima para elas e, embora inventasse algo sobre uma namorada que morava em LA, ninguém acreditou nele. Um HotHole em um relacionamento estável? Um de longa distância também? *Ah, tá bom.*

Um dia, uma líder de torcida chamada Kadence chegou ao ponto de seguir Jaime de volta ao meu apartamento e relatou às massas que ele alugou um lugar para si. Eu estava feliz que ela não sabia que o lugar era meu e que as aulas iriam acabar em algumas semanas.

Mas era bom demais para ser verdade. Na última semana de aula, descobri isso.

Tudo começou com o som inocente de uma mensagem apitando no escuro, seguido por um comunicado.

— Vou sair — disse Jaime.

Era meia-noite e meia e nós dois estávamos aninhados na cama. Sua mãe pensava que ele tinha se mudado com Vicious, e este confirmou a mentira. Surpreendentemente, seu pai e a madrasta de Vicious também. Esse garoto *realmente* governava tudo ao seu redor, inclusive seus pais.

— Para onde? — Respirei mais dele em mim, ainda segurando

sua cintura. Ele se levantou, sentou na cama e disparou uma mensagem, evitando contato visual.

— Não faça isso. — Sua voz, áspera. Curta e direta.

Eu me levantei na cama, franzindo a testa. — Jaime, o que houve?

Ele gemeu, puxando uma camiseta branca sobre o peito nu. Não importava quantas vezes eu o tenha visto nu, sempre me fazia sentir um pouco triste quando ele cobria aquele grande abdômen. — Não houve nada. Da última vez que verifiquei, não é contra a lei sair com seus amigos.

Ele ainda não tinha olhado para mim.

— Sim. — Eu agarrei seu braço, levando-o a olhar para mim. — Mas é contra a lei fazer metade das merdas que Vicious faz vocês fazerem. Portanto, é problema meu.

— Na verdade — ele se livrou do meu toque, virando-se e sorrindo com força —, é exatamente por isso que você não vai saber merda nenhuma vinda de mim. Isso apenas arrastaria você para um monte de merda que não estou disposto a te envolver. Voltarei mais tarde. — Ele beijou minha testa. — Se você precisar de alguma coisa, envie uma mensagem.

— Você foi Desafiado — eu disse secamente.

Ele me ignorou, agachando-se e amarrando os cadarços.

— Vicious quer que você faça algo por ele, hein?

— Não se preocupe.

Como o inferno. — Não estou nada *além* de preocupada — eu cerrei.

Petrificado seria uma palavra melhor para descrever meus sentimentos naquele momento. Vicious sempre inventava merdas estúpidas, e os HotHoles sempre jogavam seus jogos perigosos.

Assisti-lo se afastar mexeu com algo em mim que pensei que não existisse mais. Raiva. Fúria. Curiosidade. Eu estava cansada de ser conduzida. Em relacionamentos. Em situações. Cansada de aceitar tudo o que era entregue a mim – meu sonho partido, minha perna quebrada, carreira pela metade e o trabalho que eu odiava.

Sentei na cama, alerta. Ouvi o motor silencioso do *Range Rover* ronronando do lado de fora, e essa foi a minha deixa.

Entrei em meu *Ford* amassado e segui seu veículo até a praia.



CAPÍTULO ONZE

NÃO HAVIA MANEIRA de esconder meu carro no estacionamento deserto com vista para a marina, então, estacionei em um posto de gasolina na Main Street, perto da água, e corri direto para uma loja de conveniência. As janelas davam para o local onde Jaime havia estacionado seu *Range Rover*. Um sino soou acima da minha cabeça quando entrei na loja deserta, e uma leve música indiana me saudou de um rádio estático. Uma linda garota com longos cabelos negros sorriu por trás da caixa registradora, seu olhar voltando para seu livro. Esconder-me dentro da loja de conveniência me permitiu vigiá-lo sem ser pega. Considerando que Jaime conhecia bem como seguir alguém, tentei minimizar minhas ações, justificando-me internamente.

Meu namorado saiu no meio da noite sem qualquer explicação. Mereço respostas.

Observei o grande corpo de Jaime pela porta de vidro, correndo pelo estacionamento, enquanto ele se aproximava de Trent e Dean na beira do cais da marina. Eles bateram nas costas um do outro, conversando animadamente antes de Jaime quebrar o círculo. Em

seguida, subiram os pilares de madeira onde todos os famosos iates de Todos Santos estavam ancorados.

A ficha caiu e com ela, meu coração. Não era uma luta de Desafio. Era uma retaliação. Estavam preparando vingança e fazendo pessoas más pagarem.

Rowland.

Os Rowlands tinham um restaurante em um barco grande, um dos mais luxuosos de SoCal, ancorado em um dos píeres. Era o orgulho deles, alegria e principal fonte de renda. Portanto, era o ponto ideal que os HotHoles provavelmente queriam esmagar e eliminar da terra.

Saindo da loja de conveniência, corri em direção à marina rápido o suficiente para deixar um rastro de fumaça para trás.

Não era totalmente contra Jaime ficar em Todos Santos. A parte egoísta (também conhecida como a maior) da minha personalidade queria que ele ficasse por perto. Eu o amava e queria fazer bebês lindos com ele. (Não era louca o suficiente para dizer isso em voz alta. Então, novamente, ele era meu *stalker*, então, loucura era uma linguagem em que ambos éramos fluentes.) Mas era um jogo totalmente diferente – deixá-lo fazer algo louco que poderia estragar para sempre sua vida. Mesmo Baron Spencer e seus amiguinhos não estavam acima da lei quando se tratava de crimes graves.

E Vicious levava a porra da sua vingança a sério.

Corri pela rampa dos patinadores com vista para a marina e rastejei pelo cais entre dois iates gigantes. Um deles pertencia aos Spencers – *Marie*, em homenagem à falecida mãe de Vicious – e o outro pertencia a um magnata saudita que tinha uma casa de veraneio em Todos Santos, mas nunca se dava ao trabalho de aparecer. Isso me permitiu ter uma boa perspectiva sobre os meninos, que, assim como

eu suspeitava, pararam na frente de *La Belle*, o barco e restaurante exclusivo dos Rowlands.

Trent segurava uma lata grande de gasolina enquanto Dean falava ao telefone, sua voz inaudível para mim. Jaime pegou seu celular e parecia estar digitando uma mensagem. Alguns momentos depois, meu celular vibrou no bolso. Felizmente, eu o silencieei antes de chegar aqui.

Jaime:

Passando a noite no Vicious. Não espere acordada.

A fúria fluiu em minhas veias, fervendo e consumindo. Eu sabia por que eles estavam fazendo isso. Jaime odiava o treinador Rowland por foder sua mãe. Trent odiava o treinador Rowland por rir quando quebrou o tornozelo durante a temporada de futebol e seu filho por quebrá-lo pela segunda vez. Vicious... ele simplesmente odiava todo mundo em geral. E Dean? Dean parecia que amava tudo e todos na vida, o jogador com um grande e genuíno sorriso, mas eu o via. Via debaixo do exterior perfeito e brilhante. E o que eu via não era bonito. Definitivamente, não.

Independentemente de como cada um deles via a retaliação, os HotHoles eram como irmãos. A nova lesão no tornozelo de Trent – como minha queda no metrô – foi o último beijo da morte em sua carreira no futebol. Alguém tinha que pagar por melar o chão do vestiário.

O dinheiro dos Rowlands era o preço.

Os HotHoles esperaram no píer ao lado de *La Belle* até que Vicious apareceu no topo da escada que descia do estacionamento até a marina.

Ele não estava sozinho.

Toby Rowland – amordaçado, amarrado pelos pulsos e suando

como uma vagabunda em uma clínica de DST – estava parado ao lado dele. Havia uma mancha de urina em forma de rim na virilha. Ele não lutava, apenas olhava para o chão, chorando silenciosamente.

Vicious estava em seu modo estúpido naquela noite. Ele desceu as escadas atrás de Rowland, empurrando-o um degrau de cada vez, radiante como um noivo no dia de seu casamento. A marina estava bem iluminada, então, não era difícil vê-lo estalando o pescoço, seus bíceps flexionando em antecipação.

— Olha quem decidiu se juntar a nós. — Sua voz era baixa, provocadora. Isso enviou arrepios na minha espinha. Às vezes me perguntava se os pais de Vicious o conceberam na lápide de Hitler ou se sua mãe teve um acidente envolvendo veneno e vodu enquanto estava grávida. Ele era muito assustador para um adolescente. Muito perigoso para alguém que cresceu no luxo pretensioso. *Morto demais para um ser humano vivo.*

Rowland e Vicious pararam na última escada, onde Vicious o empurrou de cabeça para cair no cais. Toby estremeceu com a mordada em sua boca, tossindo. Jaime e Dean o pegaram e rasgaram o pano de seu rosto.

— Oh, cara, sua boca está sangrando. Aqui, deixe-me ajudar. — A mão de Jaime alcançou o rosto de Toby antes que ele jogasse o braço para trás, dando um soco direto em seu nariz.

A cabeça de Toby voou para trás, pousando contra o peito de Vicious.

Vicious agarrou os braços de Toby, sibilando em seu ouvido quase eroticamente: — Não se preocupe, peguei você. Não vou deixar eles te machucarem. Não. Estou planejando fazer tudo eu mesmo.

Trent deu um passo à frente e bloqueou minha visão com suas costas largas. Tudo o que vi foram as costas dos três HotHoles. Vicious

e Toby estavam bem escondidos atrás dos outros caras.

Ouvi Toby chorando e lamentando, batendo os pés, implorando, gemendo, tentando se libertar. Então, Dean deu um passo para o lado, permitindo-me um primeiro vislumbre do novo rosto de Rowland.

Inchado.

Sangrando.

Destruído.

Ver os vergões – cheirar o sangue – pessoalmente era muito pior do que olhar para eles em uma manhã de segunda-feira. Os Quatro HotHoles tinham tantos problemas. Cada um tinha sua própria razão de ser. Eu sabia o que ia dentro de Jaime... mas não sabia por que os outros estavam tão obstinados em se alimentar e consumir tanta dor.

Jaime agora estava segurando o cabelo de Toby enquanto ele estava de joelhos. Vicious se abaixou para sentar em um degrau, acendendo um cigarro com indiferença e apontando seu isqueiro *Zippo* para *La Belle*. Os nós dos dedos pingavam sangue e suas bochechas pálidas estavam rosadas. No entanto, quando ele abriu a boca, a calma fluiu com cada palavra.

— Belo barco que seus pais têm. Quantos anos eles investiram naquela sala de banquete flutuante? Mamãe costumava dizer que seu macarrão tinha gosto de bolas estragadas.

Toby suspirou em derrota, mal balançando a cabeça, enquanto Dean e Trent riam.

— Ok, você está certo. Ela realmente não disse isso. Ela não saberia o gosto de bolas velhas. Mas sua mãe sabe, certo? Rowland é um filho da puta nojento.

Tive certeza de ter visto o rosto de Jaime se contorcer, mas

talvez fosse porque eu estava a par de seu segredo.

— Últimas palavras antes de queimarmos esta beleza? — A fumaça violenta soprando, brincando com seu isqueiro.

— Por favor — Toby fungou e tossiu. — Por favor.

— Você arruinou minha carreira — disse Trent com a mandíbula cerrada, os punhos cerrados. — E não me deu a opção de implorar pela minha perna antes de você untar o chão do vestiário. Foi ideia do seu pai? Ou ele apenas fingiu não ver?

— Me d-d-desculpe. — As palavras de Toby estavam encharcadas de saliva vermelha.

Vicious se levantou, batendo no ombro de Trent. — O garoto diz que sente muito. Isso resolve?

Trent balançou a cabeça lentamente, os olhos fixos em Toby. Vicious se virou para Rowland e encolheu os ombros. — Aparentemente, desculpa não vai adiantar. Acho que estamos de volta ao plano A.

Trent deu um longo passo em direção a *La Belle*, desatarraxou a tampa da lata de mais de vinte litros e subiu os degraus que levavam ao iate e ao restaurante lá dentro. O fedor de gasolina encheu o ar. Vicious ainda brincava com seu *Zippo*, manuseando-o provocativamente.

Abria.

Fechava.

Abria.

Fechava.

Abria...

Normalmente, a marina era patrulhada regularmente. Eu não tinha dúvidas de que os HotHoles tinham algo a ver com a ausência de segurança. Trent despejou gasolina da porta de entrada do restaurante

ao longo do deck de madeira e desceu as escadas para a marina em uma linha semelhante a um pavio. Depois de jogar a lata de gasolina vazia na água, ele caminhou até o lado de Vicious e colocou a mão em seu ombro com um pequeno aceno de cabeça. Esta foi a deixa para Baron Spencer.

— Adeus, *La Belle*. Sua falta será sentida... mas não por nós. — Vicious riu sombriamente, virando o *Zippo* aceso em direção ao rastro da gasolina.

Uma lufada de chamas estourou. O fogo correu escada acima e atravessou o convés até a porta do restaurante.

— Vamos!

Os meninos se viraram, segurando Toby como um prisioneiro com os dois braços, e o arrastaram de volta para o estacionamento. Eles se certificaram de que seu rosto estava voltado para a marina para que pudesse ver a destruição do bem mais precioso de sua família. As chamas saltaram alto e a fumaça negra envolveu o iate em um abraço sufocante.

Eu tinha que escapar. Me virar e fugir.

Por que você não os impediu, Mel? Eu sabia a resposta para essa pergunta. A retaliação foi justificada. Os Rowlands mereciam a fúria dos HotHoles.

Subindo as escadas, a histeria tomando conta do meu corpo enquanto o calor do fogo lambia minhas pernas, ouvi o barulho de algo caindo atrás de mim. Não tive tempo de verificar. Nem mesmo me virar e ver o que era. Fugi do local e voltei correndo para o meu apartamento.

Tranquei a porta. Duas vezes. Fiz o inventário: chaves, telefone e bolsa.

Eles estavam todos lá.

Suspirei de alívio e arrastei meu corpo para baixo, minhas costas contra a porta.

Em segurança. Por ora.

Mas então me ocorreu que não me importava com minha segurança. Não tanto quanto eu me importava com ele.

Eu não deveria saber onde ele estava nessa noite, mas não pude deixar de enviar uma mensagem para ele, apenas para verificar se ele estava bem.

Eu:

Vocês estão se divertindo?

Jaime:

Pode apostar que sim. Mas não consigo parar de pensar em você.

Eu:

É por isso que você saiu sem explicar?

Jaime:

Sim, Mel. É exatamente por isso que saí sem explicar. Porque penso em você antes de pensar em mim. Lembre-se sempre disso, bailarínzinha. Sempre.



CAPÍTULO DOZE

— SRTA. GREENE. MEU escritório. Agora.

O rosto da Diretora Followhill estava prestes a explodir, e eu sabia que ela iria desencadear uma tempestade de merda sobre mim no minuto em que entrasse em seu escritório. Não importava. Foi ontem que testemunhei seu filho – meu namorado – cometendo um crime grave. Esta era a última semana de aula e eu já havia começado a me candidatar a vagas em escolas próximas para o próximo ano. Ela não tinha mais poder sobre mim.

Ou assim pensei.

Entrei em seu escritório e fechei a porta, sentando-me silenciosamente.

— Direto ao ponto? — Ela se inclinou sobre a mesa, as pernas cruzadas. — Dê-me um bom motivo para eu não chamar a polícia e mandar prendê-la aqui mesmo.

Meu coração parou, simplesmente assim. *Quê?*

— O quê? — Minhas sobrancelhas se ergueram. Minha pulsação vibrou entre meus ouvidos.

Followhill bateu com a unha brilhante na mesa e me lançou

um sorriso falso. — Deixe-me refrescar sua memória – grande incêndio. Iate queimado. Uma família devastada. Tudo aconteceu ontem. Agora, de novo, Srta. Greene... — Ela se inclinou para mais perto de mim, sussurrando: — Dê-me uma boa razão para não ligar para nosso querido chefe de polícia?

Respirei fundo, fechando os olhos para ganhar força. — Razão número um? Porque eu não fiz merda nenhuma.

— Sr. Rowland e seu filho, Toby, não parecem pensar assim. Dizem que você ateou fogo em *La Belle* na noite passada. Querendo voltar para a equipe da escola antes mesmo de sair daqui. O restaurante da família está arruinado. — Ela inclinou a cabeça para o lado, um sorriso presunçoso se espalhando em seu rosto.

O pânico explodiu em minhas veias e minha cabeça se tornou uma bagunça confusa de pensamentos incoerentes. Eu tinha tanto a dizer e nada a dizer, tudo ao mesmo tempo, então, me conformei com: — Hã?

— Eu também estava cética no início. Eu disse: por que ela faria? Mas, então, houve evidências. — Ela abriu a gaveta, tirando um colar. *Meu colar*. Merda. Isso foi o que eu deixei cair quando fugi na noite passada. A âncora de prata brilhou entre seus dedos.

Ela o balançou na minha frente, negando com a cabeça. — E um motivo também. Suponho que você já ouviu falar que a irmã do treinador Rowland, Chelsea, vai assumir o seu cargo no próximo ano.

Na verdade, eu não tinha ideia e também não podia dizer que me importava muito. Nesse ponto, eu não teria continuado no emprego, mesmo se ela tivesse me oferecido um salário de sete dígitos.

— Isso é tudo que você tem? — Murmurei, cruzando os braços sobre o peito. — As pessoas ainda podem dar um passeio na preciosa

marina da sua cidade. Não as torna culpadas de incendiar iates aleatórios.

— Toby me disse esta manhã. Ele jura que viu você fazendo isso.

Já bastava. Pulei da minha cadeira e a encarei. — Você sabe *exatamente* quem fez isso. — A raiva consumiu cada centímetro do meu corpo e eu bati meu punho contra sua mesa. — E tenho a sensação de que você também sabe por quê. Isso é chantagem. — Meus lábios se contraíram. — Duas vezes em um semestre — acrescentei.

A Diretora Followhill levantou-se lentamente, olhando-me nos olhos. — Você acha que eu não sei que você está dormindo com meu filho? Atrás de sua fortuna, seu dinheiro, *seu futuro*? — Seu tom era baixo e sua intenção era clara. — Você está delirando se pensa que vou deixá-la em qualquer lugar perto da minha casa e do meu dinheiro. Deixe-o ir para a faculdade, sua vadia. Liberte-o.

Nossos peitos estavam tão próximos que eu podia ouvir sua respiração. A sala estava quente, mas eu estava com frio. Nada parecia certo. Nenhuma coisa.

— Ele é livre — zombei, balançando minha cabeça. — Ele *me* escolheu.

— Então, não dê a ele a opção — ela rangeu, a fúria fazendo os músculos de seu rosto tremerem.

— Por quê? Porque você disse isso? — Nossos rostos estavam quase se tocando, perto demais para o meu gosto, mas não recuei. Nossos peitos roçaram e odiei o cheiro de seu *Chanel nº 5* e cosméticos caros em minhas narinas.

— Porque tenho muito poder nesta cidade. Porque o que você está fazendo é errado — ela rosnou, terminando em um sussurro —,

porque ninguém pode saber que isso aconteceu. Não para uma família como os Followhills.

Fiquei tentada a dizer que ela deveria se lembrar de sua reputação na próxima vez que pular na cama com um de seus funcionários, mas esse era o segredo de Jaime, não meu. Nunca revelaria o que ele sabia.

— Não tenho medo de você ou de ser expulsa da cidade — respondi, apenas meio que fazendo isso para encará-la. — Jaime tem dezoito anos. Isso não é ilegal.

— Mas ainda é proibido — ela gritou, jogando as mãos para o ar. Eu me virei e me movi para a porta. Ela me puxou pelo braço, me fazendo parar. — Sua carreira de professora estará acabada, e eu irei me certificar de que o incêndio criminoso de *La Belle* caia sobre você.

Sua mão envolveu meu cotovelo. — Meu acordo termina no minuto em que você sair deste escritório. Vou chamar a polícia, Melody, e todos nós sabemos para quem eles trabalham.

Sim. Os Spencers, que não parariam por nada para cobrir o traseiro de seu filho. Assim como a Diretora Followhill.

— Faça isso. — Eu a afastei, sorriso falso e bravata estampada em meu rosto. — Veja como fica.

Eu girei novamente, correndo para a porta, mas a mãe de Jaime – *a mãe do meu namorado* – me puxou de volta para seu escritório e fechou com um estrondo que eu tinha certeza que era audível para todos no corredor.

— Cristo, o que diabos há de errado com você? Estou te dando uma saída. Deixe meu filho em paz e cuidarei da bagunça de *La Belle*.

— Não me importo com o que você faça sobre aquele barco — assobieei em seu rosto. Meus lábios tremiam e meu nariz doía. Não havia nada que eu quisesse mais do que gritar e destruir seu escritório.

Tinha que me manter equilibrada pela bem de Jaime e pelo futuro da minha carreira fora de All Saints High. — Não é *minha bagunça*. Jaime me cortejou. Inferno, Jaime me manipulou. Talvez ele tenha um pouco da mãe, afinal. Mas o resultado final é que estamos juntos e não há nada que você possa fazer a respeito.

Essas foram as últimas palavras que disse a ela antes de conseguir me libertar de suas garras e dar o fora de lá.

E essas palavras iriam me morder e me assombrar mais tarde naquele dia.



CAPÍTULO TREZE

— PORRA — JAIME MURMUROU, seu braço estendido acima do meu ombro, apoiado na parede em que eu estava encostada. Ele passou a outra mão pelo cabelo, frustrado.

Eu balancei a cabeça, tentando regular minha respiração. Ele não tinha tempo para ficar bravo e sabia disso. Esfregando o rosto e balançando a cabeça, seu olhar se moveu entre mim e o prédio da escola. Estávamos atrás do quiosque do campo de pedestres, perto do estacionamento dos alunos.

— Que porra é essa, cara? Você me *seguuiu*?

— Ei, você sabia onde eu morava, minha seguradora, tudo antes mesmo de nos beijarmos. — Arqueei uma sobrancelha, lembrando-o de que éramos tão maus um quanto o outro. Pelo menos quando se tratava de um ao outro. — Ela está com meu colar e Toby diz que fui eu.

— Claro que sim. — Jaime puxou-me para ele, apertando-me em um abraço doloroso. — Ele nunca nos delataria. O pequeno pau no cu. Seu colar foi conveniente. Se ele soubesse o que você significa para mim, ele teria encontrado outro idiota para culpar.

— Sua mãe não faz ameaças inúteis. Ela tem conexões em todos os lugares. E os Rowlands também são poderosos. Não sou ninguém.

— Não é verdade. Você é minha. — Ele roçou os nós dos dedos na minha têmpora.

— Não vou para a cadeia — frisei.

Ele balançou sua cabeça. — Por cima do meu cadáver, bailarinazinha. Deixe-me falar com minha mãe.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia.

— Não tenho certeza se me importo.

Ele me deixou, indo para o escritório de sua mãe. No início, fiquei enraizada no lugar, vendo suas costas largas desaparecerem atrás das portas duplas do prédio da escola. Meus dedos viajaram para minha clavícula nua, procurando minha âncora, mas ela não estava lá.

Jaime era minha âncora agora. Eu não tinha ninguém em quem confiar, exceto ele.

Alguns minutos depois que ele saiu, fui até o estacionamento de professores e esperei perto do meu carro, roendo as unhas. Eu deveria dar uma aula, mas fui dispensada pelo resto do dia. Odiava esperar pelo veredicto, por Jaime tentar persuadir sua mãe a não me incriminar por algo que todos nós sabíamos que eu não fiz.

Dez minutos depois que ele entrou em seu escritório, meu celular tocou.

— *Junte-se a nós* — ele ordenou, em um tom que não consegui decifrar.

Fui.

Meus joelhos tremiam e minha respiração engasgava enquanto eu caminhava pelos corredores do All Saints para o que eu tinha a sensação que seria a última vez. Bati na porta de Followhill e entrei.

— Venha. — Jaime deu um tapinha em um lugar no sofá de couro cor de vinho ao lado dele, os olhos fixos em sua mãe. Ele estava sentado na frente dela, e parecia que sua mesa era a única coisa que os impedia de se atacarem. O ar estava pesado de repulsa.

A expressão de Jaime estava frustrantemente em branco. Quando tentei ler o rosto de sua mãe, também não vi amor ou compaixão. Apenas decepção... e urgência. Urgência para manter um legado, para proteger o nome de família. Para manter o orgulho, o dinheiro e muitas outras merdas de mau gosto em ordem.

Minhas entranhas tremiam e, pela primeira vez, percebi que não era a única que tinha sofrido as feridas do destino.

Só porque Jaime não agia como se tivesse sido feito em pedaços, não significa que ele estava mais feliz do que eu. Não. Ambos tínhamos defeitos, ranhuras e éramos programados para revidar. Esculpidos por nosso destino. Com cicatrizes por quem éramos.

Eu era uma bailarina presa na vida de uma professora.

Ele era um homem livre aprisionado nas exigências ridículas e nas grandes expectativas de seus pais.

Eu me encolhi ao lado de Jaime, piscando para afastar um pouco do meu choque. Foda-se minha vida. A diretora Miranda Followhill estava errada. Mas senti vergonha por desabar neste caso com seu filho.

Vergonha por quem me apaixonei.

Porque esse era o problema da sociedade. Importava-se muito com quem você se apaixonava, mas nunca com o *porquê*. O *porquê* era importante. O quem era irrelevante (*mas a banda tinha que continuar o show, então, era assim*).

— Chegamos a um acordo. — O rosto da Sra. Followhill se contraiu em um sorriso de lábios finos.

Isso não parecia bom. Assenti. Ou quase isso.

— E acho que todos se beneficiarão com este pequeno arranjo.

Outra batida de silêncio.

— Você está planejando anunciá-lo no LA Coliseum? Desembucha. — Eu não era mais capaz de esconder meus verdadeiros sentimentos pela mulher.

Jaime riu ao meu lado, agarrando minha mão e apertando, seu calor infiltrando-se em mim.

A Sra. Followhill fez uma careta, não impressionada com meu atrevimento.

— Jaime vai se mudar para o Texas para a faculdade. Na verdade, ele reconfirmou sua presença minutos atrás ao telefone com seu reitor. Você será liberada após este ano letivo. Seu contrato não será renovado. Vocês não se verão mais. Em troca, vou ignorar o colar encontrado na marina.

Seu sorriso foi vitorioso.

No entanto, tudo o que vi foi preto.

Minha mão escorregou da de Jaime. Determinada a não dizer nada, lutei contra a sensação de humilhação. Ele basicamente se recusou a lutar por nós, aceitando o pedido dela de ir para o Texas como ele sempre planejou. Eu simplesmente dei de ombros. Se ele tinha habilidades de negociação de merda ou simplesmente não se importava comigo e estava apenas me usando, não importava. Seu jogo final era o mesmo. E adivinha quem saiu perdendo? Sim, *eu*.

Jaime poderia facilmente ter contado a verdade à mãe. Sua mãe o protegeria. De qualquer coisa. Eu não era ingênua o suficiente para acreditar que era por amor. Era por prestígio e outras coisas sem sentido com as quais ela se importava. Claro, ela iria enlouquecê-lo, mas também lhe daria uma saída.

Ele me comprometeu.

Depois que ele me disse que queria me proteger.

— Você... você falou com o reitor? — Eu sacudi minha cabeça para olhá-lo nos olhos. Ele sugou suas bochechas com um suspiro pesado, balançando a cabeça.

— Sim. Estou me mudando para Austin.

— Parece bom para mim.

— Sim, hein? — A Sra. Followhill parecia cética. Talvez até um pouco decepcionada com minha calma. Seus olhos brilharam de ira, seus lábios finos e apertados.

Você não pode ganhar se eu não deixar, pensei amargamente. E não vou. Não estou deixando você me ver perder.

— Sim. Quer dizer, o ano está quase acabando. Foi um belo caso. — Meus lábios se curvaram em um sorriso e senti Jaime ficar tenso ao meu lado. Tive a sensação de que havia muito que ele queria explicar. Eu não daria a ele essa chance, no entanto.

Eu o odeio.

Me odiava.

Nós merecemos essa dor de cabeça.

Senti seus dedos tentando se reconectar aos meus e cruzei os braços sobre o peito, inclinando-me para trás. Eu já sofri chicotadas o suficiente de sua mãe. Não seria humilhada duas vezes por ser abandonada por seu filho adolescente, ouvindo algumas besteiras do tipo “Não é você, sou eu”.

— Acho que é hora de dizer adeus. Não vou sentir muito a falta de All Saints. E, definitivamente, não sentirei sua falta, Sra. Followhill. Para uma mulher rica, suas habilidades sociais são, na verdade, muito fracas.

Tradução: você é uma cadela do inferno, e não posso acreditar que

realmente pensei que seu filho cresceria para ser diferente. Ele obviamente saiu a você, mesmo que ele me fizesse acreditar que ele era tudo, menos isso.

Com isso, me levantei. O olhar de Jaime me seguiu, mas não me arrisquei a olhar para ele. A confusão em seu rosto era óbvia, mesmo que nossos olhos não tivessem se encontrado. Pela primeira vez, machuquei um Followhill em vez de ter um Followhill me machucando. Isso me fez sentir mais leve de alguma forma, e isso me fez sentir culpada.

Queria que Jaime se sentisse mal? *Por quê?*

— Melody. — A voz de Jaime estava rouca e sombria. Balancei a cabeça.

— Deixe-a ir, querido — a Diretora Followhill instruiu, descansando a palma da mão em suas costas.

Ele se levantou, empurrando a cadeira para trás abruptamente.

Eu precisava sair dali. — Sim. — Joguei minha bolsa por cima do ombro, recolhendo meu celular e as chaves. — Terminamos aqui.

Fui para fora, deixando o menino-homem que quebrou meu coração e sua mãe vadia para trás. Ele estava se mudando para o Texas. Eu não deveria ter ficado tão desapontada. Eu o empurrei nessa direção. E sua mãe não nos deixou muita escolha. Mas eu estava ferida, então, eu o apunhalei de volta com minhas palavras.

Jaime não me seguiu.

Nós dois havíamos fodido tudo e não tínhamos nada a dizer um ao outro.

Naquele dia, chorei por todos os anos que não chorei. Baldes de lágrimas. Elas eram salgadas, tristes e desesperadas.

Todas tinham um gosto estranho.

Todas tinham o gosto dele.



CAPÍTULO QUATORZE

JAIME NÃO VEIO ao nosso apartamento naquele dia. Ele não ligou. Não era surpreendente, considerando que eu o reduzi a uma aventura curta. Depois de afastá-lo continuamente. Depois de dizer que ele deveria se mudar para o Texas. Depois de reclamar de seu melhor amigo.

Eu não era uma boa namorada.

Cuidar de alguém não era minha natureza. Fui costurada com remendos esfarrapados de ambição consumidora e sonhos despedaçados. Até agora, eu era estupidamente orgulhosa disso. Orgulho por não ter deixado coisas mundanas como amor ou um homem me consumirem.

Mas agora, quando meu coração doía como se tivesse sido cortado em pedaços minúsculos, percebi o que estava perdendo. Até a dor parecia mais doce sob a névoa do amor.

No dia seguinte, apareci para ensinar Literatura, pensando em suicídio na metade da minha terceira aula do dia. A restrição foi retirada por Jaime, e meus alunos não eram mais legais comigo. Eles riram, gritaram e responderam. Ainda mais do que antes, parecia.

Minha última hora foi a pior. Dean e Millie ficaram em silêncio, mas Trent Rexroth foi além e tocou Keeley, que estava sentada ao lado dele, debaixo de sua mesa, tudo isso enquanto mantinha uma expressão séria e falava sobre o futuro dos *Raiders* com Vicious em voz alta.

Pedir a Trent para colocar as mãos onde pudesse vê-las atraiu mais atenção para ele e para a garota com quem ele estava beijando, e ouvi risadinhas quando me virei para tirar um livro da minha bolsa, provavelmente porque ele enfiou a língua dentro de sua garganta no minuto em que ele deixou minha linha de visão.

Foi um inferno e foi exatamente onde eu merecia estar.

Jaime não estava na aula, embora fosse a última vez que eu o teria ensinado. Isso apenas confirmou o que eu já sabia: Trent fez o que fez de propósito e em nome de Jaime.

Todos eles me odiavam.

Meu coração afundou em decepção. Tentei me concentrar em ensinar, mas minha mente continuava vagando para ele.

Estraguei tudo.

Nem dei a ele a chance de explicar depois da reunião com sua mãe. Naturalmente assumi que ele me traiu. Mas era Jaime. Jaime nunca traiu ninguém. Ele apoiava aqueles com quem se importava. Mesmo Vicious...

Vicious.

Quando o sinal tocou, me levantei da cadeira, perfurando o melhor amigo de Jaime com os olhos.

— Baron. — Eu sinalizei para ele se aproximar.

Ele bufou, mas fez o que eu pedi. A sala de aula já havia se esvaziado, deixando apenas nós dois nos avaliando com desconfiança.

— Cadê Jaime? — Perguntei, esfregando meus olhos cansados.

Não dormi muito ontem à noite.

— Que porra você se importa? — Ele enfiou um cigarro entre os lábios, acendendo-o casualmente na aula. — Você controla todos os seus *romancezinhos*? — ele murmurou, o cigarro entre os lábios.

Alguém estava amargo.

— Preciso falar com ele — disse, ignorando seu tom áspero.

— Estou impedindo você?

— Diga-me onde ele está.

Ele encolheu os ombros. — Não sou a maldita secretária dele. Liga pra ele.

— Ele não vai atender — gritei de aborrecimento.

Vicious deslizou o polegar pela bochecha com a mão que segurava o cigarro, imerso em pensamentos. — Sim, ele não vai. — Sua voz estava assustadoramente calma. — Ele está na minha casa. Amuado como uma vadia. Eu convidaria você para animá-lo, mas não tenho certeza se você quer dar a ele um discurso retórico por salvar sua bunda ou um boquete por foder com tudo.

— Preciso falar com ele. — A urgência em minha voz me assustou. A necessidade de consertar isso era esmagadora. Eu só queria que resolvêssemos isso.

— Eu não sou ele. — Os olhos sem vida de Vicious fixaram-se nos meus, me sugando. — Eu não perdoo, então, se você o machucar novamente, o resultado será devastador. Para você.

Engoli seco. — Só quero consertar isso, Baron.

— Meu nome é Vicious — ele rosnou.

Droga. *Esse garoto.*

— Deixe-me vê-lo. Prometo, minhas intenções são boas.

A irmandade dos HotHoles era quase tocante, se não fosse pelo fato de que esses meninos tinham muito poder. Sobre mim. Sobre esta

cidade. Sobre todos.

Vicious inclinou a cabeça para a porta e eu o segui até sua mansão de pedra e tijolo, meu *Ford* seguindo sua *Mercedes*.

Foi a viagem mais longa que já tive que fazer, além do meu voo de volta para casa de Nova York e Julliard.

Mas foi a viagem mais curta para a loucura. Meu amor era uma loucura.

E eu estava pronta para lutar por isso.



CAPÍTULO QUINZE

ELE ESTAVA NA piscina. Na porra da piscina. Dando voltas. Seu corpo longo e esculpido disparando como uma flecha de uma ponta à outra. Fiquei na beira do precipício, sem saber se queria pular em seus ossos, pedir desculpas ou gritar com ele. Quando ele ergueu a cabeça da linha d'água azul, mechas loiras pingando água sobre seu rosto perfeito, minhas coxas cerraram.

— Você parece de coração partido — avaliei sarcasticamente.

Ele apoiou os braços nos ladrilhos e mostrou-me os dentes perfeitos. Mas isso não foi um sorriso, foi um aviso. — E você parece um animal fora de seu habitat natural. Senti tanto a minha falta, Srta. G?

— Você não veio para a escola hoje. — Minha voz estava grave.

— E? O ano letivo está praticamente acabado, e você não está nem aí. Sou apenas uma aventura, lembra? Suas palavras.

Touché.

Quando cheguei aqui, não hesitei em implorar. Mas agora que estava na frente dele, na casa de Vicious, uma necessidade irresistível

de me proteger assumiu novamente. Não podia perguntar a ele qual foi o jogo dele ontem, quando estávamos no escritório de sua mãe.

— Então, você está pronto para o Texas? — Mudei de assunto. *Ele vai para a faculdade*, eu me lembrei. *Isto está acabado*.

Ele riu, empurrando-se para cima e saindo da piscina. Seu corpo esculpido brilhava sob o sol, fazendo-o parecer um anúncio da *Calvin Klein*. Ele ficou ao meu lado, tão perto que o cheiro de cloro flutuou em minhas narinas.

— Ainda não. — Ele deu um passo em minha direção. Eu tropecei para trás. Ele deu outro passo mais perto, me ignorando. — Preciso comprar outra mala. — Sua mão desapareceu dentro dos meus cachos. Desta vez, inclinei-me em seu toque. *Que perdedora. Já um caso perdido novamente*.

— Achei que os homens viajassem com pouca bagagem. — Engoli.

— Sim, mas tenho certeza de que você levará todo tipo de merda feminina quando for morar comigo.

Estupefata, estreitei meus olhos para ele, lutando contra um sorriso.

— Jaime — avisei. Pelo quê, eu não tinha certeza. Não queria que fosse uma brincadeira. Percebi assim que ele disse as palavras que queria exatamente o que ele acabou de dizer. Muito. Um novo começo. Longe de All Saints High. Com ele.

Não fazia sentido. Estava errado. Isso levantaria uma tonelada de sobrancelhas. Um universitário se mudando para outro estado com sua professora de 26 anos? Tinha desastre escrito por toda parte. Mas eu queria esse desastre. Queria me banhar nele, amá-lo e vivê-lo. Para tornar esse desastre minha realidade caótica.

— Mel — ele respondeu, sorrindo. — Verdade ou desafio?

— Verdade. — Mordi meu lábio inferior, espiando-o por baixo dos meus cílios. Se Vicious visse isso, provavelmente teria vomitado.

Minha respiração estava entrando em ofegos rasos. Meu coração estava na minha garganta. Não me sentia tão viva desde a última vez que estava no palco. Eu ia dizer isso e mandar o mundo se foder, e o que ele pensasse de mim.

Coloquei minhas mãos em cima das dele, ainda aninhadas em meu cabelo, me segurando imóvel. — A verdade é que te amo.

Houve uma sugestão de um sorriso satisfeito, mas foi rápido. Como se eu ainda estivesse com problemas. Eu me senti como a aluna repreendida.

Ele assentiu, seu cabelo molhado pingando no meu rosto enquanto ele enganchou um braço em volta do meu pescoço e me puxou em seu rosto. — Viu? Isso foi tão difícil? Ainda inteira, não é, menina? — Ele ergueu uma sobrancelha para mim em uma expressão espertinha, e foi sexy pra caralho. — Eu também te amo, Mel. Fodidamente louco por você, na verdade. Agora, faça as malas. — Ele mordeu meu lábio de brincadeira, batendo na minha bunda exatamente ao mesmo tempo.

— Com licença? — Eu ri. — O quê? Onde? Como? Quando? A escola ainda nem acabou.

Faltavam mais quatro dias de aula. E eu ainda não tinha aceitado me mudar para outro estado com ele.

— Sim, mas você tem uma entrevista de emprego em uma academia de balé em Austin amanhã. Nada de chegar atrasada, certo? Primeira impressão ruim e tudo.

Jaime sabia. Ele sabia que eu embolsava esse sonho na parte de trás da minha calça jeans, mas ainda dançava todos os dias na frente do espelho. Que o carregava no coração como uma pequena

lembrança, e que queria que a memória se tornasse algo real, agora, mais do que nunca.

Só então, uma buzina tocou ao longe, e eu ouvi Vicious gritar atrás de seu volante de *Mercedes* chique. — Diga a ela para mover a bunda, ou eu vou mandar vocês dois para o aeroporto em um táxi.

Esses garotos do Ensino Médio.

Eles haviam planejado isso o tempo todo.

Eles eram mais espertos que a Sra. Followhill e eu.

Eu ri, caindo nos braços do meu namorado. — Maldito.



EPÍLOGO

Dois anos depois...

— VOCÊ ESQUECEU O leite.

— Você esqueceu sua calcinha.

Eu franzi a testa, empurrando para baixo minha meia-calça preta. — Estou de calcinha.

— Exatamente. — Jaime me empurrou para a cama em um movimento sem esforço.

Desabei em nosso colchão frágil. Ele seguiu, esmagando-se em cima de mim, cobrindo meu rosto e pescoço com beijos quentes e úmidos. Risadas sem fôlego escapavam da minha boca enquanto seus dedos afastavam minha meia-calça.

— Vou comprar no meu caminho de volta do meu turno — Jaime rosnou em minha caixa torácica.

Minha camisa já estava jogada de lado, e ele chupava meu mamilo com tanta força que meu crânio arrepiava de prazer. Eu suspirei e passei meus dedos por seu cabelo loiro despenteado. Ele fazia turnos em um *Starbucks* local depois da aula. Seus pais o cortaram depois que anunciamos que iríamos morar juntos. Que azar.

Com meu trabalho na academia de balé, as aulas e o trabalho no *Starbucks*, e tudo o mais em nosso prato, tínhamos muito pouco tempo para dar a mínima para o que as outras pessoas pensavam ou diziam.

— Você pode pegar algumas frutas também? Estamos sem bananas.

— Há uma banana que você pode comer quando quiser e está bem aqui. — Ele pegou minha mão, guiando-a para seu pau.

Rolei meus olhos. Sim, ainda um típico jovem de 20 anos. Eu tinha 28 anos agora e você pensaria que eu estaria obcecada por casamento e bebês. Mas não estava. Tudo o que pensava era nele. Como funcionou tão fabulosamente. Era o nosso lindo caos, e não o teríamos de outra maneira.

— Eu posso dar uma mordida mais tarde — provoquei.

Ele estremeceu. — Tudo bem, vou pegar sua fruta estúpida, mulher.

Sua língua viajou do meu estômago para minha boceta agora nua, e ele parou, esfregando o nariz em círculos contra meu clitóris. — Oh, eu acho que você tem algo aqui. Como um arranhão ou mancha ou algo assim. — Sua mão mergulhou entre minhas pernas e, quando se levantou, havia uma pequena caixa de veludo preto em sua mão.

Eu parei de respirar completamente.

Ele lambeu os lábios, oferecendo um sorriso preguiçoso. — Eu provavelmente deveria avisá-la, não é um anel de noivado. Estou esperando para completar 21 anos para que o fundo fiduciário que meus avós têm em meu nome seja aplicado. Serei mais rico e sem *Starbucks*. Você merece algo incrível. Mas, enquanto isso, aqui está algo para fazer você se lembrar de sua aventura no colégio de dois anos atrás.

Com dedos trêmulos, abri a caixa de veludo e dentro estava um colar. Com pingente. Uma âncora de ouro. Esta âncora simbolizava muitas coisas.

O iate queimado que nos separou.

O colar que nos trouxe de volta.

A peça faltante que eu deixei para trás.

Meus olhos deslizaram para cima, perfurando-o com um amor incontido. Estava tão apaixonada. Tão completamente louca por esse garoto que cresceu e se tornou um homem e desistiu de tantas coisas para ficar comigo. Vida de festas na faculdade. Futebol americano. Coisas que eram sua essência há dois anos.

— Ajuda? — Eu movimentei o colar entre meus dedos.

Ele grunhiu ao meu pedido para que descolasse a língua da parte interna da minha coxa, mas se levantou para me encarar. Tirando o colar da minha mão, ele afastou meu cabelo.

— Verdade ou desafio? — ele perguntou do nada.

— Verdade. Pessoas corajosas sempre escolhem a verdade. — Eu sorri.

— É verdade que você sempre será minha? — Ele abaixou a boca no meu ouvido, seu hálito quente fazendo cócegas na minha pele.

— É verdade. E às vezes, quando você me irrita, é um desafio. Mas é minha vida e você faz parte dela. Sempre e para sempre — disse.

— Sempre e para sempre — ele repetiu, e eu segurei minha âncora, apertando-a – e minha âncora da vida real – com força.

A angústia. O medo. A parte em que me deixei levar e me apaixonei por quem deveria ser a pessoa errada, mas que acabou sendo a pessoa certa, tão certa... estava tudo para trás agora.

No final, valeu a pena. Cada pequeno pedaço de quem nos fez quem éramos hoje.

Mais forte.

Mais feliz.

Mais completo.

Seis anos depois...

Jaime

— Por que a âncora?

Eu provavelmente deveria ter perguntado isso há oito anos, quando nos conhecemos, mas eu simplesmente não conseguia fazer isso. Considerei isso uma conversa de travesseiro, e eu estava me sentindo muito assustado, pois era sobre perseguir minha professora de Literatura.

Observava minha esposa, Melody Followhill, atentamente, enquanto ela descansava os pés em cima da mesa de centro, recostada em nosso novo sofá. O sofá e a mesa eram as únicas peças de mobília em nosso novo apartamento em Kensington – ou ‘flat’, como o chamavam aqui em Londres. Eu disse que a levaria para a Europa, e foi o que fiz. O fato de eu tê-la engravidado aqui era apenas um bônus.

De nada, Mel.

— Por que a âncora? — ela repetiu, sorrindo enquanto esfregava sua barriga de 36 semanas, olhando para ela com amor, como se já pudesse ver nossa filha recém-nascida. — Porque às vezes é bom sentir que há alguém que pode salvá-la.

— Quem te deu aquele colar? — Perguntei. A urgência de minhas perguntas me assustava. Já passei oito anos sem perguntar isso a ela e, de repente, era tudo o que queria saber. Melody se inclinou para mim, colocando a cabeça no meu peito. Eu tirei o cabelo

castanho de seu rosto e beijei sua têmpora. Quando ela falou, o calor encheu meu peito.

— Eu comprei para mim. Estava no aeroporto JFK, prestes a embarcar no avião de volta para a Califórnia, depois de quebrar minha perna. Queria algo em que acreditar. Mais como alguém em quem acreditar. Eu não tinha ninguém. Meus pais me apoiaram e ficaram tristes por mim, mas não entenderam. Na verdade, não. Meus amigos estavam espalhados por todo o país, perseguindo seus próprios sonhos de faculdade, criando novas e doces memórias. E lá estava eu. Sozinha. Precisava de alguém. Vi este colar em uma loja. Nem me lembro do nome. Eles vendiam moletons dizendo “Eu amo Nova York” por preços ridículos. Custou caro, mas lembro-me de pensar comigo mesmo ‘preciso disso. Vou comprar’.

Eu olhei para baixo, para os olhos dela, e estava pasmo. Espantado que esta mulher fosse minha. Depois de tudo o que passamos – e, talvez, precisamente por causa disso.

Ela era engraçada e forte. Tão fodidamente talentosa, sarcástica e inteligente. Mas, ao mesmo tempo, ela era real. E vulnerável. E minha. Deus, caramba, tão fodidamente minha.

— Você não precisa mais disso. — Passei os dedos no colar de âncora que dei a ela quando estava na faculdade. — Você me tem.

— Preciso de ambos — ela sorriu, beijando meus peitorais através da minha camisa.

Ela estava errada.

Ela não precisava de ninguém.

Ela podia conquistar o mundo, com seus sapatos confortáveis e vestidos até os joelhos, sem dar a mínima para o que as pessoas pensavam.

Peguei sua mão, beijei sua palma e a conduzi para minha

ereção furiosa. Sempre ficava duro por essa mulher. Sempre.

— Você quer dizer nós três? — Eu sorri em seus lábios, e ela agarrou minha calça jeans, um pouco forte para o meu gosto.

— Você sabe o que eu preciso? — ela perguntou, e por algum motivo, havia suor cobrindo sua bela testa. Ergui uma sobrancelha. — Preciso que você me leve ao hospital. Minha bolsa estourou.

— Eu sabia que você estava molhadinha por mim. — Eu lambi seu pescoço e ela deu um soco no meu braço. Forte.

— Jaime!

— Ok, ok, vou pegar sua bolsa.

Quinze horas depois, Melody e eu demos as boas-vindas à nossa primeira filha, Daria Sophia Followhill. Meus pais estavam embarcando em um avião de San Diego para vê-la. Eles estavam animados. Os pais de Mel também viriam no final do mês.

Meu pai ainda não sabia sobre mamãe e o treinador Rowland. Nunca disse a ele. Nunca havia muito sentido.

Ele não a amava, e ela não o amava.

Eles tinham muito dinheiro. Muitos meios. E aqui estava eu, com uma esposa e um bebê, ainda sem fortuna por causa das escolhas que fiz.

E estava feliz, porque não precisava de dinheiro. Tinha minhas meninas e isso era o suficiente.

Isto. É. Tudo.

AGRADECIMENTOS

Uma lista de pessoas às quais sou eternamente grata e amo mais do que a própria vida:

Sunny Borek

Kristina Lindsey

Karen Dale Harris

Ellie McLove

Stacey Blake

Letitia Hasser

Brittany Hale

Sabrina Shalalashvilli

Becca Zsurkan

Avivit Egev

Sher Mason

Sheena Taylor

Lin Tahel Cohen

Amy Halter

Paige Jennifer

Ilor Tsabar

Vanessa Serrano

Erika Budd Panfile

Galit Hadar Shmariyaho

Jessica Meade

Kristen Reads

Karin Boukzam

Ella Fox

Ava Harrison

Tanaka Kangara

Julia E. Lis

Bernadett Lankovitz

Kerissa Blake

E Tamar Hazan.

NOTA AUTORA

Também gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer ao meu grupo *Sassy Sparrows*, e à minha família, por serem atenciosos e compreensivos. Na verdade, eu não poderia ser mais grata.

Aos blogueiros maravilhosos que continuam compartilhando e apoiando meu trabalho. Adoro vocês e sua incrível contribuição para a comunidade *indie*. E, como sempre, a vocês, leitores, por se arriscarem comigo.

Obrigada, obrigada, obrigada (acho meu próprio discurso de agradecimento bastante desanimador, mas não é tão ruim quanto o discurso de Tom Hiddleton no *Globo de Ouro*, então, é isso).

Amo todos vocês, mais do que vocês podem imaginar.

L.J.

xoxo

SOBRE A AUTORA

L.J. Shen é autora bestseller internacional de Romance Contemporâneo e New Adult. Mora no norte da Califórnia com seu marido, filho pequeno e gato gordinho.

Ela gosta das coisas simples da vida, como passar o tempo com sua família e amigos, *HBO*, *Netflix*. Ela lê entre três a cinco livros por semana.

LIVROS LANÇADOS PELA BEZZ

Vicious

Ruckus

Scandal

PRÓXIMO LANÇAMENTO

Bane

1 HotHole (gíria) poderia ser traduzido como “um cara gostoso, mas totalmente babaca”. Ou ainda, mais característico dos personagens em questão, “fodedores”.



be22
EDITORIAL

NOS BRACOS DO ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



ELIZABETH BEZERRA

Proibida
PARA MIM

SÉRIE NEW YORK

1

bezz
EDITORA

Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)

b
EDITORA

*Ele tem a reputação limpa,
mas a mente muito suja
num corpo para lá de tentador*

SINNERS OF SAINT

SCANDALOUS

L.J. SHEN

18+

Scandalous

Shen, L.J.

9786586066890

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eles o chamam de O Mudo por um motivo. Duro, frio e calculista, ele raramente fala. Quando o faz, é com desdém. Quando o faz, suas palavras não são para mim. Quando o faz, meu estômago revira e meu mundo sai do eixo. Ele tem trinta e três anos. Eu tenho dezoito. Ele é pai solteiro e parceiro de negócios do meu pai. Eu sou apenas uma criança para ele e a filha de seu inimigo. Ele está emocionalmente indisponível. E eu estou... sentindo. Sentindo coisas que não deveria sentir por ele. Trent Rexroth vai partir meu coração. Não é apenas uma pichação na parede, mas algo marcado em minha alma. E, ainda assim, eu não consigo me afastar. Um escândalo é a última coisa que minha família precisa. Mas um escândalo é o que vamos oferecer. E, oh, que gransioso caos será.

[Compre agora e leia](#)

b
EDITORA

2 MELHORES AMIGOS
MENTIROSOS. AMANTES. VICIADOS.
1 HISTÓRIA DE AMOR ÉPICA

18+



Viciado em você

AUTORAS BESTSELLER DO NY TIMES

KRISTA & BECCA
RITCHIE

Viciado em você

Ritchie, Krista

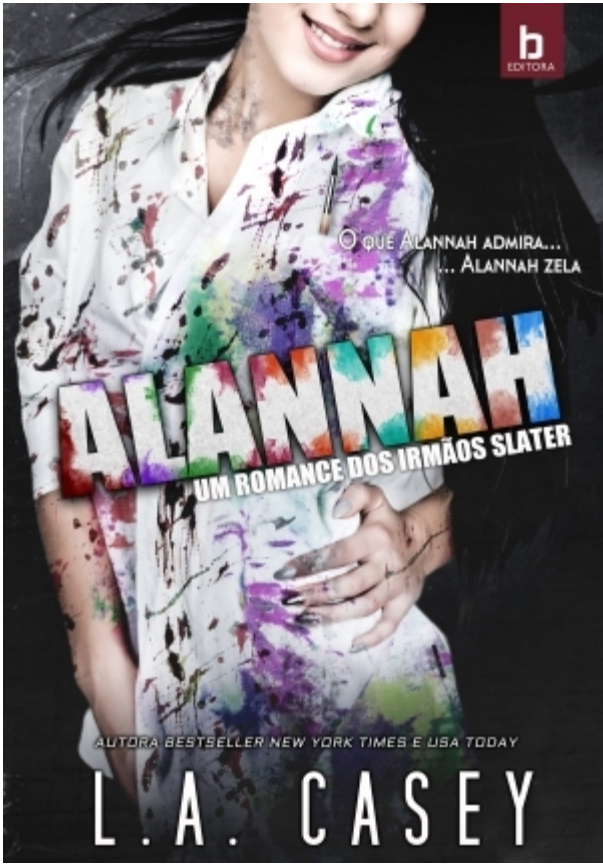
9786589906483

594 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os fãs de Gossip Girl, Friends e Euphoria vão devorar este novo romance adulto ousado, ambientado em um mundo de luxúria, fama, homens dignos de desmaio e amizades mais profundas que o sangue. Ela é viciada em sexo. Ele é viciado em bebida. Ninguém suspeitaria que a tímida Lily Calloway tem um segredo enorme. Enquanto todos se divertem nas festas, Lily fica no banheiro. Para transar. Sua compulsão a leva a encontros de uma noite e atos que a fazem sentir vergonha logo depois. A única pessoa que conhece o segredo dela, por acaso, também tem um. O melhor amigo de Loren Hale é sua garrafa de bourbon. Lily vem em segundo lugar. Por três anos, eles fingiram estar em um relacionamento para esconder seus vícios de suas famílias. Eles dominam a arte da dissimulação. Mas à medida que afundam em seus vícios, eles se apegam mais ao relacionamento destrutivo e se perguntam se uma vida juntos, de verdade, não seria melhor. E à medida que a cortina entre eles cai, eles percebem que podem não ser apenas viciados em álcool e sexo, mas um no outro. Leitura indicada para 18+

[Compre agora e leia](#)



b
EDITORA

© QUE ALANNAH ADMIRA...
... ALANNAH ZELA

ALANNAH

UM ROMANCE DOS IRMÃOS SLATER

AUTORA BESTSELLER NEW YORK TIMES E USA TODAY

L.A. CASEY

Alannah

Casey, L.A.

9786589906599

150 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alannah (Irmãos Slater 5,5), de L A Casey Alannah Ryan tem sido atormentada por um rosto assombrando seus sonhos, e durante o dia, sua vida se torna um mar de preocupações que não dá para disfarçar. Conversar com a pessoa que ela mais ama não é uma possibilidade, já que ele também é assombrado pelo mesmo rosto. Para proteger o amor de sua vida de outro fardo, ela guarda seu medo para si mesma, mesmo quando esse medo começa a consumi-la. Damien Slater tem a vida que sempre quis com a mulher que adora ao seu lado, mas há um problema. Ela está escondendo algo dele, e eles juraram que nunca deixariam outro segredo ficar entre eles novamente. Vencer a barreira imposta por ela será o maior desafio de Damien até agora, uma prova de que ele está 100% naquele relacionamento. Alannah admira Damien, e o que Alannah admira, Alannah zela.

[Compre agora e leia](#)